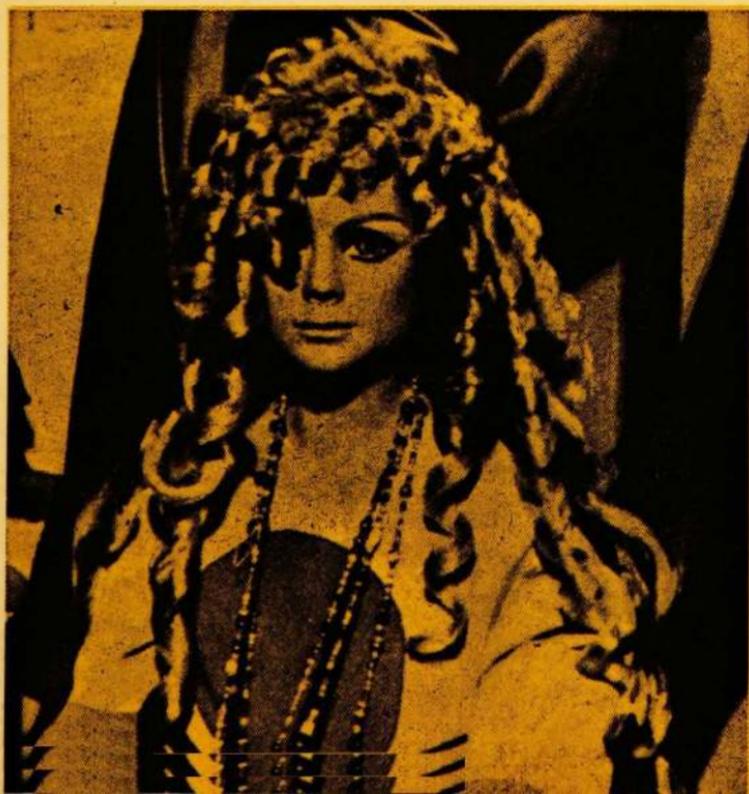


ALICE SAMPAIO



D. Leonor,
Rainha
maravilhosamente



DL-3-c ✓ 30.

12/68

Teatro

Alice Sampaio

D. LEONOR,
RAINHA
MARAVILHOSAMENTE

prefácio de
JORGE LISTOPAD

Distribuição exclusiva
DILSAR S.A.R.L.
Sociedade Anónima Distribuidora de Livros
R. S. Filipe Néri, n.º 37-A — Lisboa

© 1968 by Alice Sampaio | Lisboa

Capa de
CIDALIA DE BRITO

*Este livro foi composto e impresso
em corpo 10 Times e acabou de imprimir-se no mês de Novembro de 1968,
nas oficinas do Eden Gráfico, Lda. — Viseu.*

Introdução

facultativa à leitura antes, durante

ou depois da peça

...dos quais dizia que nunca estaria vingada até que tivesse um tonel cheio das línguas deles.

FERNÃO LOPES

Bem sabeis como aquela mulher é sages em muito mal e sabedora de grandes artes.

FERNÃO LOPES

Meus Senhores,

(por uma vez) tenho tanta coisa a dizer que estou com medo de ficar gago, e de semelhantes gagos está o Inferno cheio. Evidentemente, o Inferno seria a última coisa a assustar a maravilhosa D. Leonor de Alice Sampaio e a Alice Sampaio de D. Leonor. Todavia, não falo, ao que saiba, para as duas, o que lamento profundamente: foi-me dito, com delicadeza, que o meu papel consistia em introduzir o leitor-espectador¹ na matéria da peça. Na matéria? Da peça?

A primeira vista

o texto D. Leonor, Rainha Maravilhosamente, claudica, para não dizer falha, em dois, isto é, em ambos reconhecidos pontos impor-

¹ Suponho o bom leitor de peças, aquele que imagina; e não apenas a cena, os movimentos, a justaposição ou simultaneidade do espaço pela luz, etc., mas também aqueloutro que vê as palavras na boca: pois essas não são qualitativamente idênticas às escritas. O rudimentar esquema trifásico é o seguinte: a realidade → a conotação por escrito → a identificação personalizada de ambas pela superação autônoma não poucas vezes informadas por certas virtualidades da literatura oral. Teatro é a forma em praxis; é a estátua que fala.

tantes. Dum lado, o cometimento literário tem de se considerar pouco ortodoxo, e só um rótulo tanto ou quanto vago como «literatura dramática» ou «texto teatral» lhe pode salvar a aparência perante os puristas da escrita. Doutro lado, pesa a grave suspeita de que Alice Sampaio não quis saber da técnica do teatro, nunca se interessou em assimilar as regras convencionadas do palco, nem foi adestrada do lado oficinal donde se processa o erguer de qualquer espectáculo. Aposto que não frequentou muito o Nacional e nunca esteve nos bastidores de qualquer outro teatro.

Em algumas línguas indo-europeias e algures, no reino para mim claro-oscuro da linguagem matemática, duas negativas confundem-se em positiva. Do mesmo modo aqui. Os dois pseudofalhanços — estritamente literário da letra morta, e da técnica teatral — preparam um terreno de extrema liberdade, condição essa mais excelente e muito precária em matéria artística. Sucedeu o que, em boa verdade, podia não acontecer: um curto-circuito feroz, explosão esplêndida, das várias linhas de força, num instante inelutável, privilegiado e prolongado até quando foi preciso. Assim nasceu a proposição: a proposição duma

visão e audição rigorosas e, claro, polifónicas, cuja forma talvez não seja teatral mas que é, seguramente, teatro. Quem souber ler-ver o que aqui chamo «teatro», terá com D. Leonor, Rainha Maravilhosamente, a vertigem, coisa a meu ver muito boa, logo muito rara, e não só dentro da dramaturgia portuguesa.

Peça histórica,

dirão ao ler o título: bom proveito, acrescentarão. Naturalmente, D. Leonor é teatro histórico, mas igualmente teatro sobre a história. Nem isso, em si, traz uma novidade radical: todas as peças, mergulhadas no tempo que não é o seu mas potencialmente era uma vez do mundo, volens nolens, estabelecem pelo menos um esboço empírico do modelo histórico que releva da filosofia da história².

² Uma tendência a notar na actual dramaturgia portuguesa é a inclinação para as peças históricas. Habitualmente, a causa primeira, embora nem sempre única, desse «historicismo» é a sua fácil transposição para a actualidade ou, em certos casos, pelo contrário, tratando-se dum *transfert* da actualidade traumática ou proibida. Seria interessante estudar as novas e nem sempre voluntárias, e por isso mascaradas, implicações para com a história que por vezes se deram.

Todavia, Alice Sampaio vai mais longe: história não sendo nem pano de fundo, nem metáfora, nem alegoria, nem servindo para qualquer discernimento ou julgamento marginal, introduz-se como um dos motivos maiores da sua pesquisa de origem poética. Alice Sampaio define a época — o grupo existente no tempo — mediante a observação testemunhal e, em seguida, refunde a descrição até certo ponto imaginária mas lógica, precisa, concreta, pelos processos artísticos. Sentimos nela um historiador de que fala António José Saraiva, que «se dispõe a cingir esse corpo particular que é o conjunto dos homens, apalpar o seu contorno irregular e único». Aliás, o corte diagonal pela sociedade no tempo, feito teatralmente em D. Leonor — cujas primeiras cenas avisam claramente os desprevenidos —, parece-me exemplar e sistemático, não desprovido, portanto, de certo perigo didáctico se não fosse medido (ou desmedido) pelo talento, cujo fenómeno linguístico-visionário tem um papel saliente³.

³ O termo «linguístico-visionário», que talvez tivesse a ventura, já neste simples contexto, de ter a força da transmissão, será explicado mais pormenorizadamente antes de o pano subir ou abrir, se D. Leonor, Rainha Maravilhosamente tiver algum.

A visionária, a profeta e a historiadora científica do passado, Alice Sampaio, deixa entrever que a história é mecanismo, e como máquina bastante perfeita. Fugir ao mecanismo é possível, mas a máquina conta com essa possibilidade. Daqui o sentimento puro e quase alegremente trágico dos acontecimentos, essa calma frenética e meditativa, interessada, entre outras coisas — de que falarei — na manutenção da dita máquina e a sua alimentação energética. A manutenção é hodierna, histórica: em D. Leonor encontramos análises de algumas peças importantes para limpar e controlar a dita máquina-história: são as da política. A alimentação, pelo contrário, existe desde sempre para não dizer «eternamente», palavra que não reconhece o vocabulário rico de Alice Sampaio. Cheira-lhe a metafísica e ela prefere os mitos vulgares. Se, no fundo, os mitos são companheiros de qualquer filosofia da história, e quiçá os seus inspiradores, Alice Sampaio joga francamente neles. História, que é, segundo a autora, a máquina que por vezes não esmaga rapidamente e não mata lenta-

mente só os vivos; conseqüentemente, vive paredes meias com a mitologia⁴.

Sem solução, sem menor proposta até, Alice Sampaio arrasta atrás de si essa máquina da história, dum lado capaz de ser descrita, doutro indescritível, mas do mesmo modo real, para o centro do teatro onde se produz a explosão em contacto com as outras matérias-primas do «grande teatro do mundo».

Pensem em Dostoievsky,

se tivesse vivido um pouco mais tempo, a civilização facultando-lhe o telefone nos romances... Que tensão nova! Que compressão do tempo! Que aglutinação psíquica! Sem dúvida, Dostoievsky não se faria rogado e impregnar-se-ia do novo utensílio da comunicação polivalente com a ferocidade de que era capaz. Convém, por vezes, imaginar Stavroguin ao telefone, instrumento de tortura e de chantagem por excelência...

Por que razão falar disso? Não relaciono a Alice Sampaio desta peça com Dostoievsky⁵;

⁴ Nesse ponto existe uma afinidade com a peça de Fernando Luso Soares *A Outra Morte de Inês*.

⁵ Dostoievsky, aliás, não escreveu peça alguma, facto a que não obsta ser um dos maiores dramaturgos que o mundo conheceu.

não será equitativo, nem razoável, e além de algumas afinidades de que claramente ressaltam quando ambos criam as condições do mal que apelidamos algo simplificada de mal aristocrático, não tem nada em comum. Trata-se doutra coisa: o teatro dela, escrito no último terço do século XX, apesar de ser essencial e profundamente moderno, não precisa, ou antes, recusa todas as adaptações hodiernas: nem as novas tecnologias, nem os resultados de ciências humanas. Fora dos parcos anacronismos linguísticos — creio propositados —, D. Leonor podia ter sido escrita nos tempos mais próximos dos feitos históricos relatados.

Onde quero chegar? Do texto está radicalmente excluída a psicologia — como forma analítica ou terapêutica —, o que não significa que os retratos magníficos (D. Leonor, Mestre de Avis, bobo, conde Ricardo, outros) e as correlações sucessivas, delicadas, frenéticas, careçam de alguma verdade; verdade, de resto, poderosamente organizada. Mas também a forma do espectáculo antevista — quase de soslaio, pela autora — coaduna-se com o teatro medieval. Porém, a tremenda modernidade: modernidade pela composição, pelo

doseamento quase alquímico, linguisticamente; numa palavra, pela ciência subtil de utilizar a antinomia: identificação-distância. Tudo isso nos obriga a rever a peça sob o aspecto de dois teoremas do teatro actual; os teoremas caracterizadamente opostos, dum lado do teatro épico, doutro dum cerimonial cruel. Quem gastar dos nomes-rótulos saiba que Alice Sampaio sem querer, porque não teve tempo, porque apaixonadamente casou Brecht e Artaud — Brecht quando teórico — reservando-se o direito de os divorciar a seu bel-prazer, enfim, de ser fiel à própria organização que é afinal só dela contactando com esses nomes — teoremas pela tangente de coincidência. Mas coincidência não é acaso.

Mundo da história pois, onde se vislumbram, entre o claro-escuro do racional e do irracional, os heróis, os reis, os príncipes, o povo, as lutas públicas e intestinas; as lutas com espadas e com as palavras; os ensinamentos imediatamente postos em questão pela raiz, pela raiz ética, epistemológica, lúdica idem.

O mundo das surpresas provocadas pela beleza nocturna, pela grandeza do segredo, pelo bom peso da vergonha, pela profundidade

multilateral, pelo pavor, pela finalidade nunca esgotada, pela ausência repentina do sentido.

Mundo da história pois, também sem sentido, incompreensíveis os cadáveres dos homens e dos cavalos, sem sentido o sangue que mancha o caminho, sem sentido a árvore fruteira queimada.

Alice Sampaio é igualmente moderna porque provoca a nossa confiança cansada, põe em dúvida a nossa dúvida, interroga o conceito tradicional da verdade, da razão, do progresso, mas também sem poupar a metafísica ou qualquer outra «fuga» ao reino do conservatismo, do quietismo gelado.

Há páginas, há cenas e situações dum Dante distraído, dum Bosch simpático para os peixes; há vários começos, geralmente grotescos, que pressupõem o fim trágico. Há um único fim, trágico, mediante o qual compreendemos os vários começos grotescos, balbuciados. No entanto, o fim não acaba. Chama-se a isso agonia... Segundo a rubrica: «A rainha fora atirada para dentro de uma carruagem-cela, esta afastava-se aos poucos, no meio do maior silêncio, vendo-se apenas umas mãos brancas, enclavinadas, agarradas aos varões.» Será apenas a agonia da rainha?

As situações-limites,

o amor e o ódio em D. Leonor, Rainha Maravilhosamente têm em comum paixão, a participação sem fim de todos em tudo. O realismo, não raramente monstruoso, agrava a situação em vez de a resolver, suscitando, falando com as palavras do poeta francês Yves Bonnefoy, «uma preocupação de alta e impraticável clareza».

Onde estamos, D. Leonor? No âmagó obsessivo do gótico-novo⁶ e no cerne histórico do neobarroco que vai, no vaivém da imperfeita mutação química, do hínico, através do sopro do apocalíptico, até ao desordenado. Contudo, mais fácil será dizer, onde não estamos...

Não estamos na Índia, mesmo se a sua meditação fosse maior do que o mundo. Não estamos na terra das sombras polidas e sempre servilmente ligadas aos seus donos, quer vivos, quer mortos, quer objectos. Não estamos com as figuras de que o medo rói a máscara para a mudar em caricatura mesquinha. Não esta-

⁶ Não escrevo «neogótico» para não confundir com o termo literário designando uma importante tendência do romance do século XIX.

mos com a mesquinhez genuína incapaz de se tornar doença maior, patética. Não estamos com duas medidas onde basta uma intriga: ó intriga, entre as linhas, debaixo das palavras, no forro dos gestos, tu és a metáfora mais natural da vida agravada. E as águas tépidas? Tal como os orações melodiosas (ou também harmoniosas?) escorreram para sempre entre os dedos abertos de todos os delinquentes históricos; nem se fala delas, das águas e das orações, nem das paisagens, nem dos animais, nem das crianças⁷, nem ninguém morre lentamente ao natural (o que seria aqui contra a natureza), nem ninguém mira a Lua pálida esquecendo-se do outro lado dela — obscuro, escuro, onde com certeza falam mal de nós há alguns milhares de anos.

«Só o ódio ou o amor nos pode salvar de uma morte lenta, essa a que tu te dás desde os quinze, talvez até desde menos idade...», diz D. Leonor à camareira como resposta à sua fala: «Sois uma rainha.»

⁷ «Não quero descendentes que me continuem», proclama a rainha. Quase inútilmente: já suspeitámos que não precisava de filhos para suavizar a infiltrada angústia, nem para a marcha da memória no mundo futuro, nem para a sua pouca fé na imortalidade, nem para a consolidação do trono, glorioso porque periclitante.

D. Leonor

é a grande figura trágica da peça. Trágico esse porventura não puro, e ainda bem, em nome da nossa contemporaneidade: logo, colabora nas ordens inferiores do sentimento, portanto melotrágico; logo, recebe a ajuda das zonas subterrâneas do ser, dum modo até «guinholesco». Seja como for, os empreendimentos da rainha são levados a cabo sempre com o mesmo frenesim, a acção é informada pela mesma vitalidade que é, nos contextos de alta tensão, como é o caso, de natureza ambígua.

Esta Lady Macbeth é outra. Duas razões saltam imediatamente aos olhos: D. Leonor não tem marido com sangue nas mãos; a rainha é católica, enquanto que Lady Macbeth é celta. O primeiro argumento de diferenciação exige de D. Leonor uma participação mais completa: tem de dizer a si própria as palavras que matam, porque o seu braço é empunhado, sendo sempre outro que surge com o punhal. Quanto ao catolicismo luso-latino, mesmo considerando Leonor fraca católica, preparou outra base cultural diferente das bruxarias celtas de Lady. Se ambas habitam a antecâmara do Inferno, este é diferente.

Nunca diria Lady Macbeth o que sinceramente pensa D. Leonor: «Um dia o mundo será um inferno e só então haverá nele clareza e limpeza.»

Blasfémias, fêmeas... O aristocrático prazer de ser antipático... O gosto de descobrir atrás das grandezas «os fios da vileza»... A importância dada ao rosto nu, da verdade crua... O sexo... Tudo isto, e ainda bastantes outras coisas espantosas concorrem para um apocalipse pessoal de D. Leonor.

As blasfémias, as heresias, o arbitrário, os crimes, as matanças não têm justificação alguma e nem sequer a metafísica de D. Juan, rasgando o céu indiferente para lhe responder a alguma das terríveis perguntas sobre a existência humana. Somos testemunhas dos gritos vãos no espaço privilegiado: podia-se afirmar que Leonor Teles age segundo o instinto cénico do «teatro do mundo». Porém, não creio mesmo sem justificação normativa que haja um grito gratuito. E o de D. Leonor é, talvez antes de tudo, um transfert da essência social, isto é, da consciência ainda mais ou menos nebulosa envolvida no mundo e posta em presença da colectividade natural dos seus ínfimos parceiros. O grito é para rebentar

a solidão sem saída de emergência. Nas orgias, reais ou sonhadas, a solidão afigura-se vocativa, navega para a colectividade abstracta, na qual aniquila a personalidade concreta, o último apoio. D. Leonor é, pois, o grande teatro de que o palco é ela própria.

Leonor Teles compreendeu muito cedo — e como, não sabemos através do texto psicológico de Alice Sampaio — que não há maniqueísmo dentro da natureza humana, que não há verdade e mentira em forma de oposições estáticas, que não há méritos e crimes ao passar a história que precisa de toda a matéria-prima, que não há santidade e pecado, noções demasiado antropocêntricas... e por isso agiu como estamos a ver. Mas apesar de todo o conhecimento cada vez mais seguro e experimentado, D. Leonor não se tornou dura como pedra. Cruel, sim, com a crueldade humana. A dureza, no entanto, não é nem humana nem real. E tu és manifestamente rainha, maravilhosamente...

«Sopa de sapos

e cuspos de osga» estão ainda no ar em forma de exorcismo quando penso na linguagem de D. Leonor, Rainha Maravilhosamente. Com

efeito, aqui fala-se, sacraliza-se, maldiz-se, canta-se, prevê-se, de maneira multiforme com nítida superabundância linguística: mas para alguns, aliás entre os maiores da literatura, a superabundância dessa raiz é a condição da liberdade essencial.

Encontramos aí a linguagem dum fluidez ininterrupta, pré-surreal, cujo ritmo sentimos fisicamente; atravessamos por exemplo as zonas do sagrado-vidente relevado pelo leve toque do verbo; acabamos num puro letrismo de sons inarticuláveis mas existentes donde foram excluídas as vogais clarificadoras. Ora, Alice Sampaio, apesar desta crise de riqueza, vê na linguagem apenas um meio, portanto não objecto submisso ao exame.

A linguagem exprime (e espreme) a realidade; os interlocutores da peça entendem-se por palavras, como se a fala, mesmo deformada ou destruída, tivesse uma força simples, originária, universal dum gesto de surdos-mudos. E nós, atraídos imperceptivelmente na mesma situação-condição, entendemos também, e daí a força imediata de monólogos, diálogos e polílogos. Cada encontro em D. Leonor é, pois, um equívoco trágico, existencial ou mítico se se quiser, mas não mal-entendido lin-

guístico. Rainha, maravilhosamente, não é Alice no País das Maravilhas.

De resto, a comunicação entre as classes e as gerações manifesta-se aí, quanto ao nível de linguagem, pela facilidade. As palavras, embora diferenciadas, são tão universais, tão frutos da experiência em comum e secular, que Alice Sampaio, por vezes, não se dá ao trabalho de individualizar as intervenções sobretudo do povo, quando contesta, o que aliás podia revelar certa filosofia.

Tudo o que ficou dito não significa a ausência de trabalho linguístico. Pelo contrário, um notável esforço de conotação inspirado no português de Fernão Lopes, revisto e revivido de hoje; conotação forte e unificadora: as palavras possuem uma projecção única, mais visionárias quando menos explícitas, sempre expressas com a boa preparação e com a recorrência do que acabou de ser e do que será.

Minhas Senhoras,

concretamente: eis a peça — peça? — de que vos falei um pouco. Primeiro, precisa de leitores, como a bateria precisa que o carro ande; precisa de palco, segundo, de palco medieval

(todos os cenários — cenários? — alinhados, o céu à esquerda, o Inferno à direita), de palco em arena do Coliseu, dum espaço qualquer⁸; precisa dum Sr. Pereira que acredite nos santos autóctones, sem medo de se enganar se Deus o quiser. Também não o conheço.

Mesmo assim, a carripana, que vem de longe, vai andando, sem fim, cansada, até à eternidade; nem mais um dia.

Jorge Listopad.

⁸ E Alice Sampaio não é a única.

PRIMEIRO ACTO

CENA I

Palácio da Idade Média. Noite. Mulheres vestidas de negro sentadas ao redor de uma fogueira. Movem as mãos descarnadas à transparência da chama :

- Mulher :* Malvados.
- Mulher :* Fidalgos.
- Mulher :* Burgueses.
- Mulher :* Desvairadas gentes vindas dos quatro cantos do Mundo. O Tejo a maior barcaria. Barcaria a entrar, barcaria a sair do Tejo. Ó, altos mares !
- Mulher :* Ó, amásias de fidalgaria. Ó, alma minha.
- Mulher :* Amásias de burguesia. Ih, o que aí vai ! Biscainhos, prazentins, lombardos, catalães, milaneses. O diabo! Negócios por grosso, negócios por miúdo, carregações de vinho e sal, carregações, mundos e fundos.

- Mulher :* Criatūras vindas daonde ? Brancas e escuras. Se calhar paridas por Belzebu.
- Mulher :* Como conhecem da indústria de negociar. Piratear.
- Mulher :* Dinheiro remexido e campo arado : reluz e produz.
- Mulher :* Todo o mundo ande contente.
- Mulher :* Barriga quente.
- Mulher :* Um rei galante.
- Mulher :* De bom semblante.
- Mulher :* Um rei amorudo. Um rei amante.
- Mulher :* De meu poiso vi
antes de ontem sim
o rei ir à caça
de janela e varanda
com as damas galhofando de namorado.
- Mulher :* Louvado Deus.
- Mulher :* Que pintou o Diabo.
- Mulher :* Uma tal Lianor o traz embeijado.
- Mulher :* Louvado Senhor.

Mulher : Vi esse diabo, rindo
folgado
Beatriz princesa-irmã do rei a tendo
abraçada pela cintura
Ih, como os olhares lhe fugiam
acesos, cobiçosos
pregados no rei
moço, galante
ela
de bela
de vermelho trajada
um brasido
cabelo florido.

Mulher : Ele doido de amor
coração à tona
por Lianor.

Mulher : Por Lianor, o rei despreza-se de princesas
de demais donas de alto sangue e
[linhagem.

Mulher : Por Lianor
uma flor.

Mulher : Demoníaca
cruzes
abrenúncio.

Mulher : Por Lianor, casada
mulher do conde D. Lourenço da Cunha.

- Mulher :* Pecados.
Olhai, aí vem quem sabe recados
aí surge dos lados do palácio
traz novas.
- Mendigo :* Deus vos salve, boas mulheres.
- Mulheres :* Vinde com Deus, criatura.
- Mulher :* Vindes do palácio de ouvir e contar aloas.
- Mendigo :* Se me deixásseis aquecer...
- Mulher :* Trazeis frio, aqueantai-vos e dai parte do que sabeis.
- Mendigo :* Pois sim, criaturas, há rumores e mais do que isso. Ele-rei está perdido de amores por Lianor, quer à fina força o que pode querer um homem da sua posição, de uma dama fermosa que vem à corte, casada na província com um fidalgo de que nunca se ouvira falar: dormir com ela. Obsequieia Maria, pede-lhe que retenha a linda irmã Lianor. Maria, que é íntima da princesa, faz de alcoviteira e à sua vista trocam-se beijos...
- Mulher :* Não vos informaram mais do que isso, mendigo? Tão bem vos pintais de cego e surdo que acabareis por nada ver nem ouvir. Sabei que Lianor e o conde D. Lourenço da Cunha estão em vias de descasar-se por motivo de parentesco.

- Mulher :* Lianor descasa-se de um marido, ihihihih !, que a tem deixado moça como uma Virgem Mãe.
- Mulher :* O rei tudo fará por ter Lianor. D. Lourenço da Cunha foi mandado desalvorar pra bandas de Espanha.
- Mendigo :* Que adiantamentos conheceis, mulheres !
- Mulher :* Um rei bem parecido e de siso abandona princesas por uma dama mal-casada.
- Mulher :* Mistelas. Peçonhas.
- Mendigo :* Ocasões não faltariam, não, pra ele as beber: comidas, banquetes.
- Mulher :* Os mesmos abraços atrás das portas levam veneno.
- Mulher :* Vejo vir um fidalgo, Jesus-Maria, que nos manda correr.
- Mulher :* Zurzir.
- Mulher :* Se nos escondêssemos...
- Recém-chegado :* Deus vos salve, mulheres, e a vós, mendigo.
- Todos :* Vinde com Deus, senhor fidalgo.
- Recém-chegado :* Não sou fidalgo, mas criado de fidalgaria.

- Mulher :* Ihihih ! Fidalgo e criado de fidalgaria sempre comeram da mesma barranha : só um primeiro que o outro, e boa vida levam ambos e dois.
- Mulher :* Os fidalgos são galantes e namoradores, os criados as mesmas manhas aprendem.
- Mulher :* E tanto assim é que ao cabo de duas gerações de criados já não se distinguem uns dos outros à distância de palmos.
- Mulher :* Doces e maneireiros, são os próprios patrões a promovê-los a aprendizes de fidalgos. Ihihih ! Fidalgareiros lambareiros.
- Mendigo :* Assim tem sido muitas vezes. Deus vos dê boa sorte e geração de criados que dê fidalgos.
- Criado :* Oh, tão graciosas criaturas, não vistes, por acaso, passar a criada da princesa, irmã do rei ?
- Mulher :* Bem perguntais.
- Mulher :* Mal vos podemos responder.
- Mulher :* Não vimos criada nem criado a quem bem teríamos perguntado coisas e loisas.
- Mendigo :* Chegado eu da minha esmolinha costumada conheço menos que estas santas mulheres. Bsbsbsbsbsbsbsbsbs...

- Mulher :* Dizei-nos vós novidades, senhor criado de fidalgo.
- Mulher :* Sim, meu rico senhor.
- Mulher :* Como vão os negócios do palácio ?
- Criado :* Mas não vistes, boas almas, a criada da princesa que busco e rebusco ?
- Mulher :* Buscais o que namorais.
- Mulher :* O que namorais se namora.
- Mulher :* De mais alguém, pela aurora.
- Criado :* Que dizeis ?
- Mendigo :* Bsbsbsbs. Tomai siso. Tende-la visto ?
- Criado :* A quem ?
- Mulher :* À amada do senhor nosso rei.
- Mulher :* Contai. Dizei.
- Mulher :* É formosa ao perto como ao de longe ?
- Criado :* Se é formosa, o demónio ! Quando monta a cavalo faz correr o pobre animal até o deixar quase morto, sem fôlego ; no salão da princesa é toda dulcedão de falas e meneios, ternos olhares para o rei e ele, ah, a ele, seca-se-lhe a alma de paixão.

- Mulher :* Dizem-na alta de corpo e muito branca de cara.
- Mulher :* Os cabelos castanhos no escuro viram cor de fogo ao sol.
- Mulher :* Olhos pretos como a noite cerrada.
- Mendigo :* Donaire, porte fidalgo.
- Criado :* Assim é. E também liberal para os que a servem — mas ai daquele que se negar a servi-la; ai dos que não cumpram as suas determinações e vontades.
- Mulher :* Ahahah! Que ciência no mandamento. A irmã de Lianor, Maria chamada, vai-se ao rei depois de bem decorado o recadilho: «Minha irmã, senhora, nunca será vossa barregã.»
- Mulher :* Ihihihih! «Afrontais, Lianor, senhor, com vossos maus propósitos e ela sofre-vos a injúria porque muito vos quer de todo o coração.»
- Mulher :* Uhuhuhuh! Repete: «Todas as noites, senhor, Lianor chora reclinada no meu regaço de pesar por não quererdes tomá-la por meios legítimos como convém ao seu estado e posição.»
- Mendigo :* Que cordura.

- Criado :* Mendigo, mulheres, conheceis tanto ou mais da vida do palácio que o cronista-mor.
- Mulher :* Temos olhos.
- Mulher :* Temos ouvidos.
- Mulher :* Temos entendimento.
- Criado :* E calais o caminho que seguiu a açafata da princesa.
- Mulher :* Ah ! Ah ! É jocoso. Princesa. Condessa. Abadessa. Essa. Assa Casca. Passa. Ih ! Ih ! Ih ! Fidalgareiro. Lambareiro. Uhnunhnuhnu ! Salta. Hás-de tê-la. Cruzeis. Depois. Ihninhhinhhinhh ! Javardo. Criado. Assarapantado. Nabo. Foi-se. Amaldiçoado. Pior rês que lacaio, só lacaio. A açafata. Bsbsbsbs. Ah ! ah ! ah ! Mirai-o como corre. De rabo entre as pernas.
- Popular :* Arreda, criaturas, vem aí um mar de povo.
- Mulher :* Ora essa, e nós já cá nos encontramos.
- Mulher :* Primeiro chegamos.
- Mulher :* Seroamos. Mas dizei.
- Popular :* Vem o povo amotinado. O mulherio em grande escarcéu. Fernão Vasques à frente.
- Mulher :* Da Ribeira ?

- Mulher* : O alfaiate ?
- Mulher* : O tal que incita o povo contra a amásia d'el-rei ?
- Popular* : Nem mais, esse.
- Mulher* : Brava criatura. Ah !
- Mulher* : E vem arrasar com tudo ? Ih ! Ih ! Ih ! Ih !
- Mulher* : Acabar com as mancebias do rei e fidalgaria ? Jasus, Maria. Uhnunhuhnuhn !
- Mendigo* : Será melhor ir-me em boa ordem. Sim, vou na melhor das ordens, sim senhor.
- Popular* : Arredai vós.
- Mulher* : Ora essa, fizemos campo, queremos tê-lo.
- Mulher* : E não é ele tão grande.
- Mulher* : Nem tão de invejar.
- Popular* : O alfaiate fala a mando do povo : é o povo : se o achincalhais com risos aforquilha-vos.
- Mulher* : Ahnahnahnahn ! Que mais dá ao povo que o rei case com uma Lianor ou outra Lianor.

- Mulher :* Ihihnihnihnihnihnih ! Outra Lianor ou outra mancebia.
- Mulher :* Uhnuhnuhnuhn. Outra mancebia. Por Santa Maria.
- Popular :* Fernão Vasques, alfaiate, apregoa alto e bom som, com boas razões, que o rei esqueceu os preceitos da Santa Madre Igreja que manda não tomar a mulher do próximo, e que reis devem casar com filhas de reis.
- Mulher :* Ahnahnahnahnahn. Vindes pintar o diabo. Ihnihnihnihnih.
- Mulher :* Uhnuhnuhnuhnuhn. Isso mesmo, tal qual, nada de maroscas, senhores fidalgos. Senhores plebeus aí botam. Uhnuhnuhnuhnuhn.
- Mulher :* Que nem um rei tome a mulher que bem quiser. Ahnihnuhnahnihnuhn !
- Popular :* Escutai, aí vem o povo.

CENA II

Chegavam populares, na maioria armados de paus, chuços, fueiros, machados, contundentes alfaias. À frente, um homem miúdo, de

olhar alucinado de profeta. Cercam-no respeitadamente, escutam-lhe os mandados: façam assuada, clamem, atirem pedradas, trepem pelos gradeamentos dos portões do palácio, gritem: eles obedecem a todas as vozes, possessos. Veio um privado d'el-rei à janela e foi recebido com apupos e vaías. Fernão Vasques, profeta do povo, restabelece o silêncio, dirigindo-se à fidalga criatura.

Fernão Vasques

Eh, senhor, assomai-vos, não tenhais medo.

Alfaiate :

Queremos falar com el-rei, ouvis ?

Fidalgo :

Sou um seu privado, falai que lhe darei o vosso recado.

Alfaiate :

Um privado que mal aconselha ou se cala, merecido castigo deverá ter.

Fidalgo :

Dizei ao que vindes.

Alfaiate :

Ao que vimos diremos a el-rei e a vós e aos demais. Foi-nos dito que el-rei quer fazer sua mulher Leonor Teles, casada com o fidalgo de Pombeiro. Ora isto parece-nos muito mal porque é contra a lei de Deus e os bons costumes dos Portugueses. Por isso viemos dizer a el-rei que case com princesa de Aragão ou Castela como foi dos tratos, que convenha ao reino e ao seu estado.

Fidalgo :

El-rei...

- Alfaiate :* El-rei escuta-nos, bem se lhe avanta o vulto atrás de vós. Pois que tome por mulher fidalga estrangeira ou do próprio reino, solteira e que lhe dê filhos legítimos. Não lhe fica bem querer mulher casada nem nós lho havemos de consentir, ainda que nos doa sabê-lo enfeitado por essa má criatura. É um bom rei, ouve-nos, que se mostre e responda.
- Mulher :* Que bem parecido !
- Mulher :* Tão formoso rei.
- Mulher :* Mesmo não sabendo quem fosse se distinguiria entre mil.
- D. Fernando, rei :* Agradeço-vos as razões que aqui vos trazem, por meu bem e do reino que meus avós deixaram à minha guarda.
- Mulher :* El-rei e Lianor são já casados, à sucapa.
- Mulher :* E o alfaiate a descasá-los.
- Mulher :* Quem descasou casou, quem casou descasa.
- El-rei :* Faço-vos saber que não tenho tenções de casar com Leonor Teles. No entanto, como o assunto é de ponderação, nada vos quero dizer sem ter amadurecido a minha resposta e ter pedido o conselho aos maiores do meu

Estado. Peço-vos, pois, que volteis aqui amanhã à mesma hora e então vos darei parte do que houver tratado com os meus conselheiros e privados.

Mulher : A multidão murmura desagradada.

Mulher : Ahahuhuhihihihih, desagradadamente.

Mulher : Vida nossa desgraçadamente, ihihihuhuhuh-ahahahah.

Popular : Porque não nos dizeis agora mesmo se já tendes que dizer e tomastes as resoluções que tomastes.

Popular : Dizeis que vos ides aconselhar, pois nós dizemos-vos que bem mal vos aconselhará quem tão mal vos tem aconselhado neste negócio de casamento.

Popular : Viste que tantas e tais princesas tendes rejeitado.

Mulher : Por Lianor.

Mulher : Por Lianores.

Mulher : Ahahehuhuhohohuhuh ! Lianores !

El-rei : Que rei sou eu e que povo sois vós que não me deixais ponderar por um dia e uma noite ?

- Alfaiate :* Povo, silêncio. Respondeu bem el-rei. Que pondere, pois, e acertadamente, pois já conhece a nossa vontade. Agradecemos-vos, senhor, e amanhã aqui tornaremos por vossa resposta.
- Mulher :* Mirai, murmuram.
- Mulher :* Mais hão-de murmurar, ihihihohohoh.
- Mulher :* Furibundos. Gemebundos. Uhuhuhuh. Pularomos na contradança. Ih maridança. Uhuh. Tempos a vir. Ihihih.
- Mulher :* Foi-se el-rei.
- Mulher :* E um dia, Virgem Maria.
- Mulher :* Que rela. Que seca. Que dia ? Que noite ?
- Alfaiate :* Silêncio ! Todos ponderam prós e contras quando há decisões a tomar. Ou será que tal quereis negar aos reis ? !
- Popular :* Tomar decisões tomadas, por quem nos tomais ?
- Mulher :* Ihohohih. El-rei nos braços de Lianor a ponderar.
- Mulher :* Ponderação da mais ponderada. Ohohohuhuh.
- Mulher :* Santos do Vilar, eram poucos e deixaram-se matar. Ahahahah !

- Popular* : Lianor.
- Popular* : Aleivosa.
- Popular* : Barregã.
- Alfaiate* : Amigos, se el-rei não afastar de si essa mulher, tirar-lha-emos pela força. Seguiremos conforme a resposta de el-rei, que amanhã não faltará à palavra. Toca a andar, amigos.
- Mulher* : Palavra de rei não volta atrás !
- Mulher* : Aiué !
- Mulher* : Olaré !

CENA III

- El-rei D. Fernando* : Noite cerrada, será que Leonor é capaz de faltar à palavra dada ? Se tudo se cumpriu a seu contento. A carruagem pronta e eu esperando-a, esperando-a. Manda-me dizer por sua irmã Maria que um homem mesmo rei só tem um modo de afirmar que ama uma mulher, que é tomá-la por sua mulher. Acedi a este casamento tão reprovado por todos e é agora que Leonor tarda. Ah, como ela tarda. Retarda as horas de amor. E se eu fosse a sua casa ? Cairia no seu desagrado,

mandou-me esperar nas traseiras do palácio com a carruagem, esperarei, horas, dias, uma vida inteira. O que seria uma vida inteira sem Leonor? Sem ao menos aguardar a chegada de Leonor? Céus, ela aproxima-se, escuto um tropel, as rodas da carruagem que a transporta. Corro a beijar-lhe as queridas mãos. Ah, senhora, quanto me tardáveis.

Leonor : Também para mim se fazia tarde para voar ao vosso encontro, mas minha irmã Maria demorou a minha vinda com seus conselhos e disfarces, sua sensatez mulheril. Compreendeis, meu amado ?

Fernando : Fizestes-me sofrer.

Leonor : Perdoai-me, senhor.

Fernando : Perdoar-vos ? Agora que vos vejo e olho ? Agora que vos beijo as mãos ? Perdoar-vos de quê ?

Leonor : De como pude assim namorar-me de vós, eu que, apesar de infeliz, nunca até aqui quis esquecer os bons preceitos.

Fernando : Não choreis, amor. O vosso lindo rosto é merecedor só de risos e alegrias. Dizei-me que me quereis, que por mim sacrificaríeis toda a vossa existência, que...

Leonor : Sem vós, Fernando, eu não desejaria viver, não seria capaz : sois o ar que respiro.

Fernando : Ah, que imenso peso me tirais do peito. Sabeis que vossa irmã, quando falava comigo, dava a entender que mais me quereríeis pelo casamento que tão-sòmente pelo amor. O vosso último recado trouxe-me tantas alegrias que nem saberei dizê-las.

Leonor : Nem eu saberei dizer quanto vos quero e amo, Fernando, mas há uma coisa que uma mulher de honra nunca deve sacrificar : essa mesma honra. Se me quereis como manda a Santa Madre Igreja, tendes-me vossa para sempre, mas se me desejais como barregã, voltarei para minha casa e aí chorarei por vós o resto dos meus dias. Entendestes mal o meu recado.

Fernando : Perdoai-me, mas também vós não me entendestes, pois quanto a casamento tudo está combinado já. Vamo-nos nesta hora para Santarém antes que alguém suspeite... O povo virá aqui amanhã, como vos fiz saber — espera que eu lhe cumpra as vontades, mas eu estarei longe convosco.

Leonor : Para Santarém ? Fazeis-me medo. Escutei o piar de uma coruja e a minha alma teve um arrepio.

Fernando : Descansai, Leonor, o bispo de Santarém casar-nos-á à socapa. Mais tarde os fidalgos hão-de saber e prestar-vos honras. Darei parte ao povo : não medistes a força da sanha deles ?

Leonor : Isso devia enfurecer-vos em vez de fingir que lhe acatais as ordens. Porque de ordens se trata, vindas sabeis de quem ? De vossos irmãos bastardos, que vos invejam o trono : D. Dinis, D. João e do Mestre de Avis. São eles que pelos seus lacaios assanham a arraia-miúda contra vós. Mas que estou eu a dizer-vos, pobre mulher que sou ? Perdoai-me. Quero ser-vos leal, e apesar do grande amor que vos tenho, também vos aconselho a que não vos caseis comigo. Os vossos irmãos hão-de desaprovar-nos e acirrar mais contra vós as iras do povo.

Fernando : Se assim falais é porque não me quereis como dizíeis.

Leonor : Não vos amo, Fernando, eu que estou pronta a tudo sacrificar por vós, o mesmo amor que vos tenho ? Meu amado, meu senhor.

Fernando : Vamos nesta hora para Santarém. Lá, como vos disse, sereis recebida perante Deus. Mais tarde daremos parte ao mundo.

Leonor : Ponderai, meu amor, porque eu torno a dizer-vos, amo-vos tanto que estou pronta a renunciar a vós, a refugiar-me num convento. Ah, como eu queria exhibir-me orgulhosa pelo vosso braço, rindo, como quem diz a todos : «Este homem é meu, pertence-me de corpo e alma.»

Fernando : Pertenço-vos de corpo e alma e quero que possais afirmá-lo aos outros, como vos aprouver.

Leonor : Agora que sei quanto me quereis, Fernando, digo-vos que também a mim me seria impossível renunciar a vós. Ainda que tivesse de pertencer-vos escondidamente, de um modo envergonhado. Mas sabeis vós, meu amado, que também eu sou descendente de reis ? Podeis dizê-lo ao povo e àqueles que por detrás do povo vos cobiçam o trono. Ah, perdoai-me, perdoai-me a ira e a vaidade de mulher que vos deu alma e vida.

Fernando : Curarei todas as vossas feridas, Leonor, as da vaidade e orgulho tão injustamente ultrajados por minha causa. Sentar-vos-ei no mais vistoso trono, sereis cumulada de honrarias e mercês. A partir da hora em que primeiro vos vi, ficastes senhora do meu coração, ficareis rainha a partir do instante em que o bispo de Santarém nos abençoe. Custa-me que meus irmãos, a quem tenho honrado e dado a minha estima, sejam invejosos e conspirem contra mim, mas se for preciso tê-los como inimigos, se a tanto me obrigarem, tê-los-ei ; e se forem capazes de continuar a acirrar a plebe contra vós e contra mim, castigá-los-ei. Prometo-o. Todos eles vos hão-de beijar a mão e prestar homenagem como vassalos. E agora deixai que seja eu o primeiro vassalo a curvar-me perante vós.

Leonor : Quero ser sòmente rainha no mais íntimo do vosso coração, no mais esconso lugar onde ninguém mais senão vós me possa ver, onde os meus olhos não mirem outros olhos mais que os vossos, os meus ouvidos não escutem senão a vossa voz. As honrarias não me tentam e perdoai-me se vos fiz acreditar outra coisa.

Fernando : Eu sei, Leonor, como o vosso coração é nobre e desinteressado. Minha amada. Para Santarém, a galope, cocheiro.

CENA IV

As mulheres, o mendigo e o criado saíram dos esconderijos.

Mulher : Que lábia ! Que lábia ! Que lábia, amigas !

Mulher : Que lábia ! Meu bem. Meu amado. Com o povo é diferente. Mesmo quando se namora de galdérias e elas dizem tais pilhérias. Ihohihoh !

Mulher : O povo goza-se da mulher, faz filhos igual, mas é diferente namoradamente. Que lábia. Ahahah !

Criado : Vou dar a nova no palácio.

Mendigo :

Ah, como a fidalgaria e os reis comem as papas na cabeça piolhosa do povo. Ah ! Ah ! Veremos o que diz Fernão Vasques, o Alfaiate.

SEGUNDO ACTO

CENA I

Sala do tronò. D. Fernando e D. Leonor sentados com todo o aparato das vestimentas reais. Muitos fidalgos.

Arauto :

Amigos, bem sabeis como a ordem de casamento é um dos nobres sacramentos que Deus neste mundo ordenou, para não sòmente os reis, mas ainda os outros homens viverem em estado de salvação e os reis haverem por lídima linhagem quem depois eles succede o reino e regimento real que Deus lhes deu. Pelo que el-rei nosso senhor, querendo viver neste estado segundo a ele pertence e considerando como a mui nobre D. Leonor Teles, filha de Martim Afonso Telo e de D. Aldonsa de Vasconcelos, descende de linhagem de reis, dêa aí, como todos os grandes e maiores fidalgos destes reinos têm com ela grande dívida de parentesco ; os quais, recebendo de el-rei honra, como é aguisado, sejam por isso mais obrigados de o ajudar a defender a terra ; e olhando outro sim como a dita D. Leonor é mulher mui con-

venhável para ele, pelas razões sobreditas, tem tratado com ela seu casamento e portanto a quer receber de praça por palavras de presente como manda a Santa Madre Igreja de Roma; e se lhe entende de dar tais vilas e lugares de seu senhorio por que ela possa manter honroso o estado de rainha como lhe pertence, a saber: Vila Viçosa, Abrantes, Almada, Sintra, Torres Vedras, Alenquer, Atouguia, Óbidos, Aveiro, Reguengos, Sacavém, Frielas, Unhons, Merls em Riba de Ouro; e mais manda el-rei que todos os seus vassallos lhe prestem homenagem beijando-lhe a mão e reconhecendo-a por rainha e senhora.

Condessa : Amiga, condessa, reparai, começa o beija-mão pelo Mestre de Avis.

Condessa : Bem vejo, condessa, o irmão de el-rei ajoelha perante a rainha.

Condessa : Maravilho-me de como ela sorri amável e também desdenhosa.

Rainha : Meu irmão, Mestre de Avis, erguei-vos.

Condessa : Os príncipes no beija-mão à rainha é coisa bonita de ver-se.

Condessa : Oh, mas vede, o mais bonito ainda não começou. Ihihih.

- Condessa :* O príncipe D. Dinis, que deve seguir-se aos irmãos mais velhos, não se aproxima. Ihihih.
- Condessa :* Antes recua uns passos. O rei começa a encolerizar-se.
- El-rei :* É a vossa vez de beijar a mão da rainha, irmão D. Dinis, filho mais novo de meu, pai, el-rei D. Pedro, e de sua mulher, D. Inês de Castro.
- D. Dinis :* Se aqui há alguém que tenha que beijar a mão, será Leonor Teles a mim, e não eu a ela.
- Condessa :* O burburinho, ah ! Mal vejo.
- Condessa :* Mal vejo, mas vejo que el-rei se levanta e leva a mão ao punho da espada e D. Dinis aguarda sem arredar pé, todo garboso. Ihihih.
- Condessa :* Os privados de el-rei impedem-no de agredir o irmão. Ihihih.
- Aio de el-rei :* Meu senhor, atendei ao dia que é. Vosso irmão reconsiderará. Não façais coisas de que tendes que arrepender-vos mais tarde.
- El-rei :* Se o Mestre de Avis e o infante D. João, que são maiores do que ele, beijaram como deviam a mão da rainha, porque não há-de fazê-lo o príncipe D. Dinis ? Ah, que saia

imediatamente do palácio. Que nunca mais os seus passos ressoem aos meus ouvidos nem em terras de Portugal. De contrário mandá-lo-ei degolar.

Aio de D. Dinis : Afastemo-nos, meu senhor. Vinde e não provoqueis mais a cólera de el-rei, vosso irmão.

Condessa : O beija-mão prossegue, oh, sem a alacridade anterior, mas beija-mão segue beija-mão.

Condessa : Ó, já tornado bem soturno. Que expressão achais no rosto da rainha? Vergonha ou ira?

Condessa : Quem poderá dizê-lo, se ela disfarça tão bem a alma atrás de subtil riso! Ai, amigas, quem adivinhará!

CENA II

Sala do palácio. D. Leonor, D. Fernando e alguns privados. Ouve-se um toque de sinos a rebate, vozeria de povo.

Voz : El-rei! Queremos falar a el-rei!

El-rei : Ide dizer-lhe o que tendes para dizer.

- Privado :* Recebem-me com vivas e apupos. Até pedradas, meu senhor.
- El-rei :* Bradai por silêncio que aos poucos se fará.
- Privado :* Entremeado de insultos, sim.
- El-rei :* É dever nosso escutar-lhos, e não só as aclamações.
- Vozes :* Fora, cabeçudo ! Fora, pandilha. Fora, peralvilho. Queremos falar com el-rei !
- Privado :* El-rei, nosso senhor, manda que todos se retirem em paz para suas casas.
- Vozes :* Fora ! Queremos saber da boca de el-rei como cumpre as promessas que faz ao povo. Que el-rei venha anunciar-nos como fez à fidalgaria o seu casamento com Leonor Teles.
- Privado :* Ide-vos antes que el-rei perca a paciência e mande castigar-vos.
- Alfaiate :* Sois vós seu privado ?
- Privado :* E conselheiro. El-rei deu-me essa honra.
- Alfaiate :* Escarro para o ar enquanto não puder fazer-vo-lo na cara, eu um mísero alfaiate de Lisboa, vós um dos maiores do reino. E culpo-vos a vós e outros como vós que rodeiam el-rei de tão mal o aconselhades, do mal

que el-rei se faz a si e ao reino que lhe foi confiado, a vós, malvados, que tão pouco vos doeis da honra de el-rei e do bem do povo. Porque assim foi, el-rei faltou à palavra dada, e fez contra nós um desonesto casamento tomando por mulher a mulher de outro. Uma barregã.

Privado : Meu senhor, estais pálido como um morto, sentis-vos mal ?

El-rei : Quereis que me sinta bem a ouvir esses desbocados vilões ? Traidores. Vilões. Ah, traidores ! Assobiam, gritam chufas sem vergonha contra seu senhorio. Mando matá-los.

Rainha : E é que se não lhes cortais o pescoço são capazes de vos degolar eles a vós.

El-rei : Que dizeis, senhora minha ?

Rainha : Que vos sobejam razões de mandardes degolá-los.

El-rei : Haveis lavrado boa sentença. Guardas ! Escudeiros ! Tragam à minha presença o cabeça de motim. Já voltais com esse intermerato ? Quem sois vós que assim achincalha e manda achincalhar um rei ? A mando de quem, mestre alfaiate ?

Alfaiate : Do povo.

- El-rei :* Sois vós quem acirra o povo e insultais-me em nome do povo ?
- Alfaiate :* Mentistes-nos e não sois digno de figurar de nosso rei. Mandastes-nos que fôssemos em paz, pois no dia seguinte nos daríeis uma resposta condigna e, entretanto, em vez de vos bem aconselhardes, fugíeis para Santa-rém, fazíeis de uma aleivosa vossa mulher, folgáveis. Fraco homem sois que assim vos deixais levar por uma mulher em vez de dela vos gozardes como barregã, e casando-vos, sim, mas com mulher honrada.
- El-rei :* Cortem a cabeça ao infame e a todos os que falarem mal da rainha. Ide.
- Um guarda :* Fernão Vasques Alfaiate e os traidores da sua igualha foram degolados.
- El-rei :* Confisquem-lhe os bens e prendam todos os que se atreverem a murmurar contra a rainha. Não mais quero escutar rumores empeçonhados.
- Outro guarda :* O povo dispersa apavorado em gritos e pede-vos perdão das ofensas.
- El-rei :* Que não me molestem com agravos nem pedidos de perdão. Que não tornem a molestar-me. Leonor, ficais só ?
- Leonor :* Sim, meu senhor. Só. A nojenta ralé calou

já os apupos, vejo-a desta janela dispersar medrosa. Nem sequer gritos ou choros de mulher. Meia dúzia de cães degolados quando milhares de línguas ficaram nas bocas prontas a cuspir veneno à ordem de alguém de nobre origem. Mesquinha vingança, essas cabeças de vociferadores. Guardas, aquelas cabeças, vede, são coisa feia de ver. Levem-nas com os corpos às famílias. Limpem e lavem os pátios.

CENA III

Sala do palácio. D. Fernando e privados.

El-rei D. Fernando : Bastas vezes me tendes dito que nunca ordenei coisa que não fosse fundada em razões de boa justiça, que sou dador e liberal para os que prestam serviços e bem tenho sabido reger o reino que meus avós conquistaram a mouros e castelhanos. Na verdade assim pensais ? Mau conselheiro é o lisonjeiro.

Privado : Assim pensamos, senhor.

Privado : Vossos avós deixaram-vos as terras, e vós tende-las regido em prosperidade.

Privado : O espelho da verdade, senhor.

El-rei : Deixaram-me também os cofres reais atulhados de riquezas e essas tenho delapidado,

porque não acrescentais como dizeis por portas e travessas? Ah! Ah! Como os meus avós foram avaros, já pensastes?

Privado : Essas guerras com Castela, senhor...

Privado : Sim, as guerras com Castela...

Privado : Contra Castela...

El-rei : Uhn, sim,, Castela, a mui poderosa. Mas já que estamos num pequeno intervalo de paz, pensemos nos assuntos de paz. Ordeno que todos os fidalgos, prelados, mestres e outros cidadãos grandes do reino venham à minha presença, pois quero discutir com eles assuntos de valia.

Privado : Mas, senhor, a guerra contra Castela...

Privado : A mui poderosa Castela, como dissestes, senhor...

Privado : Com Castela...

El-rei : Uma escaramuça sem fim.

Privado : Temos tido pesadas perdas.

Privado : De bestas e homens.

Privado : Alimárias de toda a casta.

El-rei : Morrem criaturas, o reino está pobre e despovoado, as terras aos deus-dará, a agricultura

abandonada. Como havemos de ter homens que defendam o reino se o reino não cuidar deles? As melhores terras, consta-me e tenho visto, jazem de relva porque os homens que as podiam tratar não possuem essas lavras e lançam-se em outros mesteres, e os que se arrogam de donos não as tratam porque lhes minguem os braços. Ora em vista disto eu quero determinar — escrevei — que os bens deste reino: primeiro, quando os donos das herdades as não aproveitem ou dêem a aproveitar, que a justiça tome conta das terras por certo preço e as dê a quem as lavre; se este as não tratar como deve, perde-a ao fim de certo tempo, se a fizer produzir será sua a terra. Mais determino que aqueles que podendo trabalhar a terra e não o façam à míngua de alimárias, alfaias e mantimentos, que estes lhes sejam dados. Não quero pedintes nem desocupados a infestar campos e vilas. Que toda a criatura válida seja empregada no trabalho e seja constrangida, em seu próprio governo e proveito, no caso de preferir esmolar e vida airada. Acabem-se com mendigos e ermitões, gentes ruins.

Privado:

Será bonito de ver, que todos trabalhem a terra e a façam dar os seus frutos, mas como, senhor?

Privado:

Senhor, como?

Privado : Como obrigar um ermitão ou pedilhão a trabalhar ?

El-rei : Que todos os que se negarem a trabalhar sejam açoitados públicamente, para exemplo. Se tanto for preciso mandarei vir gentes do estrangeiro, como fez meu avô, o Lavrador. As riquezas de um reino não se encontram aferrolhadas em cofres fortes mas na barca-ria dos seus portos e na abundância dos produtos de comer vindos de terra e mar. Tomai conta e que tudo fique escrito, pois é isto que quero discutir com os maiores do reino, com todos os ricos homens que deveis intimar a que venham à minha presença.

Os privados escreviam, vagarosos, enquanto o rei falava, ou antes ditava, as Leis das Ses-marias.

Privado : Real senhor, permiti chamar-vos a atenção...

Privado : Real senhor, um enviado...

Privado : Sim, um enviado, real senhor...

El-rei : Que vos traz aqui ? Falai.

Enviado : Deixai que eu vos beije a mão, senhor, e perdoai a pressa em que me apresento. Tenho vindo em correrias desde Santarém para vos informar de que as tropas de Castela invadiram e destruíram três aldeias dos arredores.

- El-rei :* Mau é isso, mensageiro, pois nos obrigais por agora a deixar os assuntos da paz e tratar-mos dos da guerra. Que mais novas trazeis ?
- Enviado :* Os castelhanos por onde passam arrasam, queimam e fazem toda a casta de bárbaras tropelias.
- El-rei :* Não são novas essas, ai de nós, e se mais não tendes que dizer ide comer e repousar-vos.
- Privado :* Se permitis, senhor... O rei de Castela vingasse por vós lhe terdes recusado a filha, a princesa D. Leonor.
- Privado :* Como antes se vingara o de Aragão por vos terdes desligado dos tratos de casamento com a infanta D. Leonor para fazerdes as pazes com Castela.
- Privado :* Chamam-vos o rei das três Leonores, senhor.
- El-rei :* Oh ! oh ! oh ! Pois vim casar com D. Leonor de Portugal desfazendo-me dos demais tratos. A infanta de Aragão dizem-na vesga, e a princesa de Castela desdentada.
- Privado :* A infanta de Aragão dar-vos-ia descendência sã e escorreita.
- Privado :* A princesa de Castela com iguais razões pariria filhos a contento.

- Privado :* D. Leonor de Portugal, floridamente murcharia noutro roseiral.
- El-rei :* Uhuhuhuh ! E vós, meus privados, porque não tentastes impedir-me o casamento que assim vos desagradava ? Quisestes chamar sobre mim as malquerenças do povo e fidalguia, os seus despeitos e iras. Talvez mesmo vos não desagradasse mudar de rei e que aconteceria. Qual preferíeis : D. João, D. Dinis ou o Mestre de Avis ? Não ? ! Sim, perderíeis com a mudança, pois que os bem-aventurados no reinado de um senhor vêm a ser malditos no reinado do senhor que seguir, por regra. Sim, devo crer na vossa boa fé, homens de tão pouca fé. Mas então porque só me censurais a desoras ?
- Privado :* Lembrámo-vos, senhor, que o vosso casamento com D. Leonor talvez não fosse dos mais aconselháveis pelas razões que sabíeis.
- Privado :* Não entrámos em outras ponderações para não incorrer no vosso desagrado.
- Privado :* Ou chamar sobre nós as vossas cóleras.
- El-rei :* Para que servem conselheiros senão para incorrer em desagrado e cóleras ? Cortesãos e murmuradores vejo eu de sobejo. E decerto conheceis o acontecido com meu avô D. Afonso IV, que andando à caça se deixou ficar ausente por mais de um mês, deixando de assistir ao seu conselho. Quando voltou

disseram-lhe os privados: «Por mercê tende outra maneira nisto daqui em diante, se não... — Como se não? — espantou-se meu avô. — Senão buscaremos nós outro rei que tenha cuidado de manter o povo em direito e justiça e não deixe o que tem de fazer para ir ao monte e à caça.» E julgais que meu avô lhes levou a mal? Levou sim, irou-se, mas reconsiderou na razão daquilo.

- Privado :* Vós parecêis-nos tão namoradamente namorado...
- Privado :* Namorado...
- Privado :* Namoradamente...
- El-rei :* Namorado estou maravilhosamente. De nada seria de préstimo em tal assunto a vossa prudência e conselhos. Mas falemos doutra matéria. Que me aconselhais neste negócio da guerra?
- Privado :* Que peçais o auxílio dos Inglezes. O conde de Andeiro, fidalgo que vós expulsastes do reino por tropelias, é grande privado do duque de Lencastro.
- Privado :* O duque de Lencastro possui um exército de mercenários às suas ordens que, a troco de soldo, virão em vosso auxílio.
- Privado :* Sim, meu senhor, virão chefiados pelo conde

de Cambrig, que é mercenário-mor e que como mor e conde se faz pagar.

El-rei : Mandaremos uma embaixada ao conde de Andeiro e a nossa permissão de voltar a Portugal caso se incumba do recado.

Privado : Não vos esqueçais, senhor, de que tal exército é uma horda de patifes que falam mil línguas.

Privado : De ruins vilões de todo o Mundo que matam a soldo.

Privado : Vilões da pior vilanaria.

El-rei : Para vilão vilão e meio. Estou em crer que são bem úteis os vilões para manter em respeito a vilões. Preparai a embaixada para o conde de Andeiro.

CENA IV

El-rei D. Fernando acabava de entrar numa sala do palácio acompanhado pelo aio que respeitosamente ficara parado perto da porta.

El-rei : Oh, quão enricado venho! Tanta amabilidade num homem que ainda esta manhã era meu inimigo, botou-me cansaço, como que um nojo na alma. Ah! ah! Havemos de

casar os filhos. Todos. Os que eu vier a ter da rainha com os que ele já tem e terá da mulher. Enfim, pazes com Castela. Por quanto tempo, aio? Os tratados de paz com Castela não costumam durar o tempo de uma molha e seca. Vejo-me neste espelho. Ó, pareço-me a mim mesmo um tanto velho. No entanto chamam-me o «Formoso» e tal devo parecer, a mim mesmo também. Ah! D. Fernando, que nas crónicas, dizem, foi já cognominado de «Formoso», o das guerras insensatas com Castela; o joguete de uma mulher. Quereis falar, aio, dizer de teu bom juízo?

Aio:

Como aos vossos avós, poderão denominar-vos o povoador, lavrador ou comerciante, pois muitos vos tendes preocupado com o florir destes reinos, distribuindo alfaias e terras, favorecendo a vinda de estrangeiros e negociadores de todo o Mundo.

El-rei:

Ó, e também de piratas, ladrões e aventureiros, gentes das sete partidas sem rei nem roque. Para lisonjeador, aio, és demasiado velho, não te fica bem. Chamar-me-ão o Formoso e versejador das Leonores e Leonoretas, as finas rosetas. E agora que o rei de Castela voltou costas indo para os seus domínios, tempo terei de sobejo para versejar, acertar rimas, jogar jogos de sala, torneios, caçadas. Ah! Ah! Muito tempo. Vê tu, se o rei de Castela me tem vencido ficaria

um extenso reino, Castela-Portugal; se eu tenho vencido o rei de Castela, ficaria na mesma um grande reino, Portugal-Castela. Mas nenhum venceu, nem foi vencido, fizeram-se pazes a rogo das nossa mútua fraqueza e do papa, que manda nos trabalhemos de defender a fé e de não se guerrearem dois reis cristãos. Sim, fiz-lhe a entrega das naus tomadas, concordou-se numa aliança por três anos contra a Inglaterra, ah, e outros mais tratos, tratos sem fim. E aí tens a razão, aio, por que me deixei ficar em Santarém por tantos dias após as tréguas. Tratos e mais tratos. Pazes. Nada de escaramuças. A Ibéria dividida em reinos, tantos quantos os reis a reinar. Oh! oh! oh! Alguém se aproxima, parece-me ver a rainha. Podes retirar-te, aio. Sois vós então, Leonor? Pareceis-me zangada. Escutáveis escondidamente?

Leonor : Não me escondia, acabo de chegar.

El-rei : Ah, agora pareceis-me melhor, embora o sorriso altivo não seja a melhor máscara do amor. Que desejais, senhora minha?

Leonor : Vinha justamente fazer-vos um pedido que só vós que reinais podeis satisfazer.

El-rei : Dizem que não, que vós reinais na minha vontade, que me trazeis enfeitado.

- Leonor :* Enganais-vos, dou ouvidos ao coração quando se trata de vós.
- El-rei :* Quero acreditar-vos. Mas dissei das vossas pretensões.
- Leonor :* Gostaria que doásseis Castelo Branco a D. Gonçalo Afonso.
- El-rei :* Tinha pensado dá-lo a D. Nuno, que é homem bom e capaz de o defender dos Castelhanos.
- Leonor :* D. Gonçalo também é bom e leal cavaleiro.
- El-rei :* É vosso irmão. Nada mais justo que o que pedis para ele. Far-se-á como desejais.
- Leonor :* E se não vos parecesse muito, pedia-vos o castelo de Lisboa para o meu outro irmão, D. João Afonso.
- El-rei :* Tende-o por concedido. Mas não há dois sem três: que mais desejais, Leonor?
- Leonor :* Queria perguntar-vos se achais bem de casar D. Mafalda Beatriz com D. João Alvares e ser seu padrinho, dando-lhe por presente a praça de Pinhel. Reforça-se aquela fronteira.
- El-rei :* Parecem-me boas as vossas razões e esse um casamento convenhável.
- Leonor :* Agradeço-vos por aquilo que mandais fazer e autorizar.

- El-rei :* Mesmo assim não me pareceis contente de todo, o vosso rosto tão belo parece-me turvado de tristeza. Dizei-me se vos aflige alguma mágoa, se alguém vos mostrou má vontade ?
- Leonor :* Nada me aflige, senhor. Isto é, às vezes penso... Soube... Perdoai-me, mas fui informada que vossos irmãos — não falo de D. Dinis, porque esse foi homiziado para Castela e que má peste o lá retenha para sempre —, D. João e o Mestre de Avis, pretendem que sois fraco rei, fomentam apreensões populares, intrigam contra vós insinuando-se a si próprios como homens sem temor e sem mácula. Invejam-vos o trono e pretendem que eu sou o argueiro dos vossos olhos, a negrura da vossa vida.
- El-rei :* Como ? Se sois a luz dos meus dias ? Mas, senhora, D. João e o Mestre de Avis respeitam-vos. Acreditai nos seus protestos de lealdade e não no que dizem murmuradores.
- Leonor :* Nesse caso, desculpai-me, senhor. Sim, eu quero crer nos seus protestos de lealdade embora seja grave o que dizem os murmuradores.
- El-rei :* Há murmuradores em todas as cortes, não fazeis caso.
- Leonor :* Ah, quero abrir esta janela. Sim, eu sei, em todas as cortes se intriga, envenena, degola

e apunhala. Guerreiros de armas na mão conquistam os castelos que hão-de torná-los poderosos a eles e arruinar os antigos senhores. Ah! Também tenho as minhas armas, naturalmente, lágrimas e sorrisos. E tu, peçonhento povo anichado a meus pés, que me abençoas quando mando atirar-te uma esmola e mordes como cão priado sempre que um nobre te açula contra mim. Desprezo-te, ou antes, tenho-te asco, larva poderosa, força sem norte, joguete de todos os ambiciosos. E temo-te...

El-rei :

Vinde cá, Leonor. Que dizíeis para convosco, aí tão só?

Leonor :

Que está um tempo amorável e que vós há muito tempo que não ides caçar o falcão.

El-rei :

Lembrastes bem, senhora, vou mandar que se aparelhe uma boa caçada. Vós e vossas damas acompanhais-nos. Saio a dar provimento neste mesmo instante.

Leonor :

Vejo-te Leonor no fundo do delido espelho : será que existes? El-rei, a rainha e seu séquito na caçada. Montes e floridos vales. Tudo isso é real e bonito de ver. Anhanhanh! Aí vem um criado. Que novas me trará? Minha irmã Maria Teles? Oh, vamos dar mostras de contentamento, sorrir, desenrugar a fronte. Céus, que belos momos, se gastam nos nossos gastos corações. Vós, minha irmã? Maravilha-me a vossa vinda, e não calculais

o prazer que me dá o poder beijar-vos a face amiga.

Maria : Como ando de luto por meu defunto marido... Perdoai-me, mas tendo-me alguém dito que estáveis sós, deixei-me tomar de temeridade.

Leonor : Pois querieis encontrar-me a sós ? Seja ela boa causa. Mas deixai-me olhar-vos, minha irmã, e não coreis como menininha apanhada em falta. É verdade que amais o príncipe D. João ?

Maria : Sim... Sim, minha irmã, quero muito ao príncipe.

Leonor : E a vossa tão recente viuvez ? Não vedes que vos fica mal tomardes assim de pronto amores de mancebia ?

Maria : Perdoai-me, minha irmã e senhora, mas o príncipe quer casar comigo, isto é...

Leonor : Como ? ! Não sabeis então que o príncipe tem outras mais altas ambições, que aspira à mão de minha filha a princesa D. Beatriz ?

Maria : Beatriz, uma criança... Mas tendes razão. Perdoai-me, senhora, perdoai-me. Queria dizer-vos... Sim, vinha dizer-vos que o príncipe casou comigo, há um mês, em Alenquer, escondidamente.

- Leonor :* Casastes ? Oh ! Talvez o meu espanto vos pareça um tanto fingido, pois que os rumores andaram mais depressa que vós.
- Maria :* Ative-me ao muito que me trabalhei pelo vosso casamento com o rei vosso esposo e atrevi-me a vir dar-vos a nova, pois não descansava enquanto vos não pedisse perdão.
- Leonor :* Não são coisas que possam comparar-se. Ou vós casastes com o príncipe na mira do trono ? Prometeu-vo-lo ele ? D. João pensa substituir o rei e ter-vos a seu lado, por isso se vai insinuando no povo, intrigando contra mim e contra seu irmão. E vós tomaríeis o meu lugar.
- Maria :* Nunca ! Eu amo o príncipe, minha irmã, e nunca pensei substituir-vos.
- Leonor :* Perdoai-me o riso. Conheço-vos e creio-vos. Sois toda mulher, toda submissão e acatamento como vos ensinaram, o que ao fim e ao cabo não impede que tenteis levar a água ao vosso moinho. O vosso moinho, no entanto, ainda é só o do amor. Bem, e o príncipe, nunca vos falou das suas ambições ?
- Maria :* Senhora, acreditai-me, o príncipe D. João respeita-vos muito.
- Leonor :* Respeita-me tanto assim D. João que nem sequer me inveja o trono para vós ? Oh ! Sois sua mulher e ele não vos fala do que

lhe é mais caro ao coração e vaidade? Fraca mulher sois que não sabeis cativar a completa confiança de vosso esposo numa matéria onde não malogram concubinas.

Maria : Não faleis desse modo comigo, irmã e senhora. D. João queria-me para sua amásia, mas eu, lembrada do que se passara convosco, escusei-me, que não, que sem a bênção de Deus me sentiria sempre culpada e andei de modo que ele me recebesse em segredo. Em segredo o amo e sou amada por ele, o que me bonda.

Leonor : Ah, vós amais assim com essa generosidade, essa dávida de vós, triste criatura? Se isso é amor eu nunca amei nem desejo amar.

Maria : Se vos incomodo, retiro-me, senhora e irmã.

Leonor : Indignais-me... Na verdade preferia que me deixásseis só.

Maria : Adeus, irmã e senhora. Ah, peço-vos que não digais a ninguém o segredo que acabo de confiar-vos para obter o vosso perdão.

Leonor : Ide descansada, adeus. Felizmente ela retirou-se. É evidente que todos conspiram contra mim e contra o rei. D. Dinis foi arredado a horas, ainda bem, D. João, o Mestre de Avis, sei como livrar-me dele, mas o príncipe D. João, tão querido por todos... Há

uma maneira simples, viável... Não, não poderá ser... E daí? Não é assim que se procede na corte de Inglaterra e nas demais cortes? Hesitar, sim, mas só na escolha do modo e meios: punhal, veneno, estrangulamento, afogamento... Por mim, preferiria a violência do punhal, o esguicho do sangue dos traidores, ó, enfim, dar vazão ao meu ódio. Ahn! ahn!, deveria usar armas condignas, as armas apropriadas a uma fraca mulher: dissimulação e perfídia. Vejo-me no fundo deste espelho e é como se visse uma imagem longínqua de alguém que conheço e não conheço. Com um esposo fraco e adoentado, a quem poderei recorrer senão a mim mesma? Escudeiro, correi a casa do príncipe D. João e dizei-lhe que lhe quero falar.

CENA V

As três mulheres do soalheiro. Não longe um bando de maltrapilhos encostados aos bordões, aguardavam a esmola do palácio.

Mulher : Mui generosa é a rainha, amigas minhas, pois nunca aos portões do palácio se viu tanto bem-fazer a pedilhões.

Mulher : Aáááá! Uma santa.

- Mulher :* Ámen. Assim como assado, fique feito o bem e que não caia em saco roto.
- Mulher :* Ámen. Que uns com o sentido no céu outros na terra vão distribuindo benesses pra graça de Deus e das criaturas.
- Mulher :* Uma rainha que no distribuir tanto é com os pequenos como com os graúdos, ó comadres minhas, que boa artimanha.
- Mulher :* Ááááá ! Comadres, aos grandes, castelos e terras do reino ; aos pobres, pão e agasalho.
- Mulher :* Louvores e beijemos-lhe o chão que pisa. Óóóóó !
- Mulher :* Mirem-nos, os pedilhões, como vão contentes de albornozes cheios. Ai amigas, ó comadres minhas.
- Mulher :* Vou mandar botar perna de pau ao meu Álvaro, amigas, dobre as que Deus lhe deu sãs e escorreitas, e manque. O pobre dana-se e consome-se a tamanquear no ofício do pai. Perna de pau para o meu Álvaro, olá.
- Mulher :* O rei manda distribuir bordoadas aos que vêm esmolar podendo trabalhar. Uma coisa assim !
- Mulher :* Venham eles mascarados com chagas vivas pelo corpo e perna de pau que o rei e a

rainha de dós e penas mandarão corrê-los, sim, mas de sequitéis cheios para não se verem afligidos.

Mulher : Áááá! Se a desgraça não metesse nojo e se se não pegasse, que seria dos desgraçados?

Mulher : Áááááá! Amigas, sei de infelizes que nasceram mesmo práquilo.

Mulher : Áááá, tão atilados na vocação.

Mulher : Como choram, como chorarão... sempre chorões.

Mulher : Que inté os grandes...

Mulher : O rei está mui doente...

Mulher : Minado de males...

Mulher : Com remorsos...

Mulher : Achincalhado...

Mulher : Envenenado, talvez...

Mulher : Escuto em bô ou ruim hora. Aiaiai. Ohohoh. Ahahah!

(Segredavam. Faziam coro. Risos viperinos.)

TERCEIRO ACTO

CENA I

Sala do palácio. D. Leonor só.

Leonor : No fundo desse espelho onde és simples imagem, tal uma haste primaveril maninha. Ó, vento sufocador que me envolves num abraço de ferro, espelho, parede entre mim e eu. Danação. Nada sei do que está para além de mim. Primaveraes sufocantes. Terríveis abraços. Talvez...

Escudeiro : O príncipe D. João, irmão de el-rei, deseja falar convosco, senhora.

D. Leonor : Que entre. Oh, sois vós ? Sentai-vos, senhor meu irmão.

D. João : Apressei-me a vir, assim que ouvi o recado que me mandastes, senhora e rainha.

- D. Leonor :* Vindes cansado, por certo?... Disseram-me que mal acabáveis de chegar de uma caçada ao javali?...
- D. João :* Nunca se está cansado para correr ao vosso chamamento, senhora.
- D. Leonor :* E não adivinhais, príncipe, o motivo?
- D. João :* Não, por certo, rainha e senhora.
- D. Leonor :* Mandei-vos chamar por vosso bem, irmão. Ah!, vejo que não me acreditais. Não vos molesteis. Maravilhais-me. Contaram-me da vossa última proeza de caça, de um urso que vós enleastes e matastes sozinho, isto é, com o simples auxílio dos alões e da vossa adaga. Tendes, pois, ricos apetrechos de matança, irmão! Ah! Ó, como deve dar-vos prazer —daria prazer a qualquer! — correr por montes e valados à caça e, como quem es-pairece, fazer jorrar o sangue das presas, suas vítimas, baptizar-se nele, bebê-lo quente até. Oh, dir-me-eis que deliro, mas não, invejo-vos simplesmente, senhor.
- D. João :* Sois vós o mais invejável dos seres à face da Terra, pois que todos se curvam à vossa vontade e encantos.
- D. Leonor :* Sois lisonjeiro, irmão. Mas deixemo-nos de gracejos. Sabeis que meu esposo, o rei, anda doente? Sim, muito combalido nos últimos tempos.

- D. João :* Talvez maleitas, senhora. Não vos aflijais, não há-de ser nada.
- D. Leonor :* Talvez maleitas, haveis razão. Contudo, para que a paz e independência deste reino seja assegurada nada mais convenhável que vós, D. João, vos casásseis com vossa sobrinha e minha filha, a princesa D. Beatriz. Sabei-lo, a princesa é uma criança de oito anos, mas uma vez casados ninguém vos contestaria o direito ao trono no caso de suceder vir o rei a finar-se. Espantais-vos ? Sentis-vos mal, senhor ? Perdoai-me a crueza de vos falar de tal guisa sobre a verdade dos males do vosso irmão e meu esposo, quando a verdade é assim ruim. Queria acautelar-me e acautelar-vos contra ruins presságios.
- D. João :* Mas, senhora, não prometestes vós em casamento a vossa filha ao duque de Benavente, filho do rei de Castela ?
- D. Leonor :* Ih, sim ! Tratos, que ninguém vez alguma respeitou desde que por razões maiores lhe não convenham. Além de que as fronteiras diàriamente são violadas, aldeias saqueadas e invadidas. Tratos, príncipe. E não me agrada este modo de harmonia com Castela. Quando um grande e poderoso se alia a um mais pequeno e fraco, tarde ou cedo o último vem a ser devorado pelo primeiro. Não, não é de maravilhar esta aliança de casamento com Castela. Mas talvez vós, príncipe, re-

geiteis vossa sobrinha por vos terdes já comprometido noutro casamento. Quero supor que não, pois nada me dissésteis !...

D. João :

Oh, não, isso não ! Nunca !

D. Leonor :

Pois fala-se muito que vos casastes à socapa com D. Maria, minha irmã...

D. João :

Quem tal diz, senhora, mente-vos. Não me casei com vossa irmã e posso contrair núpcias com vossa filha e minha sobrinha, a princesa herdeira D. Beatriz.

D. Leonor :

Perdoai que sorria, irmão. Tirastes-me um grande peso de cima do peito, pois que assim, casando-vos com a princesa, assegurais a continuidade da governação. Tanto mais que reconheço quanto o povo e a fidalgaria vos estimam e gostam de vós, e por mim também sou de opinião que ninguém haverá mais digno de suceder no trono a vosso irmão. Como vos disse, o rei anda muito doente, muito achacado de males, vós respondeis-me que são maleitas — oxalá. Ouço-o tossir, vosso irmão vem aí, será melhor que não vos veja por agora, havia de querer saber... Bom, ide.

D. João :

Permiti, senhora, que vos beije as mãos.

D. Leonor :

Sim. Agora ide-vos, por essa porta, depressa, príncipe.

CENA II

D. João esgueirava-se rápido, ia esbarrar no bobo que se encontrava à escuta, do lado de lá da porta.

Bobo : Vindes contente e desgraçado, senhor. Sois como o falcão que vendo a presa, mas já de asa derrubada, não pode lançar-se sobre ela.

D. João : Tens razão, bobo. Oferecerem-nos de mão beijada um trono que vai ficar de vago e... Foi imprudência ter desposado Maria, apesar de muito a desejar. Teias como só as mulheres sabem tecer para nos travar os passos. Ah, quanto mais a minha paixão se acendia mais ela parecia escusar-se com ditos de amor e negaças. Risos e olhares ternos, logo em seguida lágrimas e queixumes, que se quisesse possuí-la só na santidade do casamento, que não cederia por outro mais feio preço.

Bobo : Se quereis escutar um conselho — em segredo!, as paredes têm ouvidos —, por menos preço, ahahah, uma coisa de nada! Seis moedas! Sois generoso, príncipe. Ouvi, então Bsbsbsbsbsbs.

D. João : Não posso! Não há nenhum motivo que justifique a sua morte.

Bobo : Inventai-o, senhor. Dizei que ela vos atraiçoa.

- D. João :* Ah, cão nojento. Maria seria incapaz de me atraiçoar.
- Bobo :* Convenho que sim, mas guardai o vosso punhal. Obrigais-me a dar pulos por cima de arcas, a pendurar-me em reposteiros. É ruim officio este de gracejar com fidalgos. Irra ! Guardastes o punhal, concluirei que sim, a vossa dama é a flor das damas, tanto que vos prometeu que manteria secreto o vosso casamento com ela e no entanto tem badalado que a tomastes por mulher clandestinamente para a terdes.
- D. João :* Que estás tu a insinuar, truão ?
- Bobo :* Estou a dar-vos as ideias de que andais minguado para que vos desquiteis de Maria em vosso proveito. Ahahah ! No architectar de pensamento não sois muito fortes, fidalgos. De adaga, ainda vá, meteis respeito ! Ihihih ! Nem mesmo pondo em mente o belo trono em que se sentará o querubim de vossa sobrinha — o pobre anjo que mal poderá sustentar uma coroa se não houver o braço rijo de um príncipe guerreiro !... — nem assim...
- D. João :* Cala-te, bobo, cala-te, senão é o fim da tua vida. Cala-te que eu já vejo o sangue da inocência a tingir-me as mãos.
- Bobo :* Não me mateis por inocência, príncipe, suplicovos !

D. João : A ti, o diabo em figura de anão ! ? Não acabaste de dizer que foi ela, Maria, quem propalou a notícia do nosso casamento ? ! Cadela ! Cadela de raivas mansas ! E tu, truão maldito, arreda que para minha alucinação já basta !

CENA III .

Palácio. Um criado anunciara à rainha a chegada do conde de Andeiro ; ele beijava cerimoniosamente a mão de Leonor, que ria ; o conde, num impulso, abraçou-a apaixonadamente. Ela continuava a rir.

Leonor : Meu querido conde, julgava-vos a caminho de Santarém. Maravilha-me de ver-vos a estas horas.

Conde : Voltei atrás porque queria estar mais tempo convosco, perdoai-me.

Leonor : Perdoar-vos ? Como posso perdoar-vos a temeridade ? É verdade, conde, tendes muitos inimigos.

Conde : Temos muitos inimigos. Não os temo por mim, mas por vós, Leonor. Ia a caminho cheio de apreensões e voltei para dizer-vos isso mesmo, que não devemos encontrar-nos assim às claras, à vista de todo o mundo,

mas amarmo-nos no maior recato e segredo. Há ruins murmuradores, sois rainha, todos têm os olhos, invejosos ou escandalizados, postos em vós, nos vossos gestos e palavras.

Leonor :

Tornastes então para ditar-me prudência e bem escondida desfaçatez. Agradeço-vos, mas quero dispensar-me de tão bons propósitos. Que me sirva o ser rainha, de senhoria das minhas acções, se de mais nada serve. Podeis ir, sim, dizei antes que me não amais e ide-vos em paz que eu não correrei atrás de vós.

Conde :

Leonor, por quem sois, não queirais ferir-me de morte. Sabeis bem quanto vos quero e amo.

Leonor :

E é assim que vindes prová-lo ?

Conde :

Disponde da minha vida como vos aprouver e vereis se eu vo-la nego.

Leonor :

Castigai então os maldizentes. Que eles fiquem cegos, surdos e mudos. Pelo menos mudos. Arrancai-lhes a língua. Conheceis Gonçalo Vasques ? O velho e nojento perro, ah, julgais vós que eu não estou informada do que dizem os maldizentes ? Sou-o e até demais e só espero o momento de poder vingar-me, sim, rasgar com as próprias mãos esses odres de ódio pestilencial. Deuses, o

que eu desejaria! — e a esse porco de Gonçalo Vasques que tem badalado que vós descaradamente me cortejáveis, que eu demorava a minha mão na vossa, que dormíamos juntos em suma, a esse...

Conde : Quereis Gonçalo Vasques como o primeiro castigado? Fã-lo-ei. Adeus, Leonor.

Leonor : Não, conde, não quero que saiais assim e também não quero que vos arrisqueis. Não desejo perder-vos, de nada me serve a vossa morte. Sois o único ente que me alegra ver entrar nos paços, paços que na vossa ausência são apenas um antro, uma caverna temerosa.

Conde : Não vos entendo, Leonor, quereis que vos vingue e impedis-mo. Ó, como vos amo, tão qual sois, tão diabòlicamente mulher.

Leonor : Se a intriga e a morte são armas tão banais, porque não ser eu a usá-las para defender o nosso doce amor?...

Conde : A morte nas vossas ternas mãos, Leonor? A intriga nos vossos lábios de mimo? Não, não consentiria que vos sobrecarregásseis de remorsos por minha causa, não quero ver-vos sofrer.

Leonor : Sofrer é saber que não me amais o suficiente para tudo arriscar.

- Conde :* Mas se eu acabo de confessar-vos que estou pronto a arriscar a vida ! Que quereis vós de mim de mais precioso que a vida ? A vida que depois de vós é o maior, talvez o único bem.
- Leonor :* A vida que todos os dias arriscais também, mas por ninharias ? Quero-vos a vida, sim, com a alma ao meu serviço. Não me entendeis ? Quero ver-vos poupar a vida de tribulações e riscos inúteis para que a vossa alma e coração me pertençam.
- Conde :* Muito querida Leonor, amada criatura, disponde de mim como vos aprouver, sou vosso.
- Leonor :* Não, não me abraceis agora. Escuto passos. Alguém. A tosse do rei. Sempre a tosse do rei como uma campainha agoirenta. O rei, meu senhor. Mas impeço-vos de ir. Nada receeis, conde : acabáveis de chegar neste momento, beijáveis-me as mãos respeitosa-mente : ajoelhai. Perfeito. O rei, meu senhor, entra...
- El-rei :* Ainda bem que vos encontro, conde.
- Leonor :* O conde acaba de chegar.
- Conde :* Ordenai, senhor.
- El-rei :* Erguei-vos, meu amigo, o vosso respeito está nos bons serviços mais que no beija-mão. Isso mesmo vos queria dizer, caro conde.

Desempenhastes-vos bem da missão de que fostes incumbido junto dos Ingleses e de outras a que tendes sido mandado. É verdade que quanto a esses ingleses — junto dos quais vivestes —, escutai-me!, as coisas vão de mal a pior, mas vós tendes culpa. Bem vedes, conde, como esses homens, de portas adentro do reino, arrasam terras saqueando e incendiando de lés a lés e de tal modo que as queixas contra eles são tais e tão graves que eu já não sei qual será pior mal, se inglês amigo se castelhano inimigo.

Conde : Ainda assim, se me permitis, senhor, dir-vos-ei que é pior castelhano inimigo.

El-rei : Queria pensar como vós, conde, mas não posso tal. Depois, os vossos amigos ingleses, é mais o que retaçam do que o que aproveitam e comem. Fazem correr sangue pela mais simples disputa, matam uma vaca para lhe aproveitarem a língua, queimam uma aldeia para assarem um frango. Repito, conde, não sei qual o pior, se ter o castelhano inimigo a entrar-me pela fronteira adentro, se ter amigos dentro de casa que nada respeitam, nem vilões, nem fidalgos. Até os meus cavalos se atreveram a roubar, vede vós.

Conde : Quase vos quero dar razão, senhor. Mas lembro-vos que todos aqueles que usam às portas as armas do conde de Cambrig, chefe

dos mercenários, são respeitados em vidas e haveres.

El-rei : Não me quero irar convosco, conde, e não me fica bem rir de tão grave matéria. Mas, então é isso que me aconselhais, que ponha à porta dos paços as armas do conde de Cambrig, chefe dos mercenários? O rei de Portugal, para se livrar das hostes amigas do conde de Cambrig, passa a usar as armas do dito conde. Fazeis graça, por certo, conde de Andeiro. E a minha bandeira, onde quereis vós que a deixe colocada, se sobre o castelo e muralhas, por toda a cidade, já só se vêem as insígnias desses estrangeiros?

Conde : Dou-vos todas as razões, senhor...

Leonor : Expulsai o conde de Cambrig e os seus mercenários, senhor. Mandai-o embora limpando o reino de gentes tão indiscretas.

El-rei : Como se um pequeno reino, para ser tido por tal, vive de tratos com amigos e inimigos. Sim, podeis retirar-vos, conde, visto que tendes afazeres.

Leonor : Agora que o conde se foi insisto em dizer-vos: limpai o reino de todos os inimigos de Castela e de Inglaterra e também desses que comem à vossa mesa e que não quereis reconhecer pelos mais perigosos de todos.

El-rei : A minha mesa? Na minha câmara também?

A quem vos referis, finalmente? Haverá uma polegada onde, segundo vós, eu não encontro inimigos? Dizei, senhora?

Leonor : Vosso irmão bastardo, o Mestre de Avis, conspira contra vós, quer o reino para si.

El-rei : Tendes uma errada ideia, meu irmão não só não conspira contra mim com o tenho por valioso e bom aliado.

Leonor : Apresentar-vos-ei as provas da sua traição.

El-rei : Provas?! Que provas?

Leonor : Aqui tendes as cartas que eu soube interceptar, escritas por vosso irmão para o rei de Castela. Promete a D. Henrique de Castela vassalagem se este, em troca, o ajudar a tirar-vos do trono e a nomeá-lo a ele. Também se refere a um tal Gonçalo Vasques, homem de vossa confiança...

El-rei : Ah, que fria ira fazeis entrar no meu coração! Deixai-me ver as cartas! Isto de meu irmão com quem eu hoje almocei e que me garantiu a sua lealdade, meu irmão que tão terno e amigo se mostra sempre para comigo. Oh, meu Deus, meu Deus, onde encontrar o verdadeiro coração dos homens! Será que eles nascem piores que feras, pois que a fera é sempre fera e eles são capazes de revestir a mansidão do perfeito affecto, escondendo

debaixo dos sorrisos o ódio, e de mantos de seda o punhal? Como obtivésteis essas cartas, senhora?

Leonor: Desconfiei da traição e comprei os correios do Mestre, vosso irmão. Perdoai-me, senhor.

El-rei: Perdoar-vos! Ah! Ah! Ah! Vedes-me rir quando queríeis ver-me correr furioso a apunhalar os culpados. Meus irmãos querem o trono, pois que o tomem e que lhes preste. Eu, Leonor, versejarei para vós. Antigamente, minha amiga, gostáveis de me ouvir versejar como um trovador. Não vos agrada a ideia, noto-o. Mau é isso. Como dizíeis, os meus irmãos querem o trono e assanham-se como cães contra mim — que queres que faça? Que o tomem, que conduzam o agitado barco e que me deixem um castelo e onde caçar. Nem sei se fiz alguma coisa de merecimento pelo reino. Mandá-lo povoar e cultivar, ordenar que se construísse barcaria, que se pescasse, que todos fossem obrigados a aplicar-se num mester próprio, que se traficasse com as demais gentes estrangeiras, que se fortificasse e defendesse a terra das cobiças de Aragão e Castela — oh, que é tudo isso? O povo, comigo ou sem mim, continua a ser povo, a viver mal e bem. Vinde cá a esta janela! Reparai no casario. A verdade é que eu nunca vi o povo nem o povo me viu a mim. Atravesso as ruas de carruagem pelo meio dele,

aceno-lhe, ele saúda-me curvado. É tudo. Meu pai, D. Pedro, dançava com o povo nas praças e no dia seguinte, se sabia de um roubo, mandava açoitá-los. Conhecia-os. Amava-os e odiava-os. Comigo nada disso se passa, eu e o povo desconhecemo-nos. Farei versos, Leonor, ainda que não acheis bem.

Leonor : Delirais, senhor. Vede, aqui tendes a ordem de prisão do Mestre de Avis, vosso irmão, e de Gonçalo Vasques, seu aliado. Se quiserdes assinar, bem fareis, pois vos livráveis de dois traidores.

El-rei : Quereis então mandar prender o Mestre de Avis e Gonçalo Vasques sem outras culpas que as das vossas suspeitas e o testemunho de uma carta que pode ter sido forjada pelos inimigos do meu irmão ! Atendei, senhora.

Leonor : Atendo ao vosso querer, senhor, e mais, peço-vos que perdoeis aos traidores e mais os honreis, distribuindo-lhes novas honras e terras.

El-rei : Sois senhora de razão. Dai-me cá esse papel que devo assinar. Além de que uma sentença de prisão é uma sentença de prisão, terei tempo de ouvir culpas e desmentidos, de ver o certo e o errado. Quanto me custa ter meu irmão contra mim, assinar uma sentença em que sou contra ele. Ah, mas se a minha

missão é castigar culpados, tanto como distribuir benesses, se tenho que ferir, odiar e ser odiado ainda que por aqueles do meu sangue e que tenho no coração, que outro caminho seguir senão esse? Tomai a assinatura, Leonor. Oh, vejo que o conde se aproxima de novo. Chegais em boa hora, meu amigo. Vinde comigo que vos quero mostrar os meus falcões, os mais ligeiros do reino.

Leonor :

Ah! Assinou sem ler a sentença de morte do irmão e de Gonçalo Vasques. Ah! Ah! Foi ver os seus ligeiros falcões, ele tão ligeiro de pensamento, tão inteligente, mas que para rei de vilões... De vilões ou príncipes!...

CENA IV

D. Leonor, ao cravo, executava uma ária enquanto el-rei passeava de cá para lá, de mãos atrás das costas. Um criado assomou anunciando um mensageiro de D. Nun'Alvares Pereira. O mensageiro curva-se, ajoelhando a beijar a mão do rei e depois a da rainha.

El-rei :

A que vos manda D. Nuno?

Mensageiro :

D. Nuno, meu nobre amo, estreou-se nas armas contra os Castelhanos e tendo ficado

malferido no recontro manda-me dizer-vos da sua parte que depõe o seu primeiro feito de armas aos pés da rainha, sua senhora, D. Leonor, que muito o honrou fazendo-o seu pajem.

D. Leonor : Dizei a D. Nuno que muito grata lhe estou pelo feito e que me honra sabê-lo honrado. Que queres, tu, bobo ?

Bobo : Contar o feito que consta, e que o mensageiro parece ter esquecido pelo caminho. Ein ! D. Nuno é cercado por dezenas e centenas de cavaleiros castelhanos, e bordoadá à direita, bordoadá à esquerda, abandonado de todos os seus, sòzinho, em nome da rainha, zás-trás-pás, põe a fina flor dos inimigos em fuga.

El-rei : Foi assim, mensageiro ?

Mensageiro : Oh, foi coisa digna de ver-se !

Bobo : Eles viram porque tinham fugido todos para um morro próximo sem mais terem em conta a sorte de D. Nuno.

Mensageiro : Víamo-lo perdido...

Bobo : E D. Nuno só, no meio de centenas de homens de armas castelhanos, esgrimindo como um demónio, mantendo a todos a distância com a fúria das suas arremetidas. Conta o que se seguiu, mensageiro.

- Mensageiro :* Por fim, malferido, mal se podendo já defender, D. Nuno clamou pelos que tinham fugido, que viessem em seu socorro e eles, todos nós, ao vê-lo assim atacado, como perdido, encontrámos alguma coragem e arremetemos contra o exército, desbaratando-o.
- D. Leonor :* E ele, D. Nuno, não lhe aconteceu ferir-se de morte ?
- Mensageiro :* De morte, crê-se que não. Mas envia-me em seu nome para vos render, senhora, preito e menagem.
- El-rei :* Dizei a D. Nuno que se guarde de tais temeridades, pois que a sua vida nos é benquista e queremos guardá-la para maiores feitos.
- Mensageiro :* D. Nuno manda dizer-vos que a sua vida vos pertence enquanto Deus quiser que ele viva para vos servir. Que não lhe sofre o ânimo de ver o reino devassado e saqueado por todas as bandas.
- El-rei :* Sim, essa paz que fiz com Castela não é paz : os Castelhanos mordem por mar e por terra.
- Bobo :* Ohohihoh ! Que dizer então dos vossos amigos ingleses ! Olhai, meus senhores, ainda ontem assaltaram um pobre homem e sua mulher, tiraram-nos da cama, oh, que é feia coisa tirar um pobre mortal do seu sono ! —, judiaram-lhes com um filhinho de mama até

lhe esmagarem a cabeça. E quanto aos vossos próprios cavalos, meu senhor e rei, os belos cavalos de vossas cavaliças, por aí andam neles, montados em correrias que mais parece coisa de Lúcifer.

El-rei :

Não digais mais, bobo, nada acrescenteis porque a ira me cega. E dizer que me custam aqueles cães de ingleses vinte cruzados dos novos por dia, e que tais vilões, que tenho aqui por aliados, não batalham nas fronteiras, pois essas, se as quero defendidas dos Castelhanos, arrisco-me a perder os meus melhores fidalgos, e D. Nuno é um deles. Desses ingleses só escuto queixas, que matam e roubam como o pior inimigo. Ide, mensageiro de D. Nuno, voltai para dizerdes a vosso amo, de minha parte e da rainha, que lhe estamos gratos e que esperamos vê-lo em breve. Que muito nos praz a sua valentia e lealdade. E vós, bobo, criatura que mais me pareceis infernal, saí da minha vista.

D. Leonor :

Falai com o conde de Cambrig, senhor. Ele é tão gentil, tão palaciano. O escudeiro vem anunciar alguém.

El-rei :

Talvez o conde de Cambrig. Ahn! ahn! Como os ingleses são doces e amaneirados em palácio e é vê-los, depois, à solta ou em guerras como matam e esfolam sem dó nem piedade.

Escudeiro :

O conde de Cambrig, senhor.

- El-rei :* Falai em al! É verdade, conde, falávamos de vós.
- D. Leonor :* Ainda bem que vindes, senhor.
- Conde de Cambrig :* Deixai que vos beije as mãos, senhora minha, e meu senhor. E peço-vos perdão, disseram-me que os ruins feitos dos meus homens vos trazem amofinado, que matam e roubam as vossas gentes. É mal, concordo, mas se me permitis, senhor, digo-vos que os meus homens não fazem mais do que tirar pela força o que lhes foi prometido. E quem pode ter mão em mercenários?
- El-rei :* Não são eles homens às vossas ordens e não tenho eu pago com prontidão o que foi dos tratos? Sabeis que os vossos homens roubaram os meus melhores cavalos?
- Conde de Cambrig :* Tendes pago os soldos, sim, senhor, mas não lhes destes montadas.
- El-rei :* E então no meu reino já não há mais montadas que roubar além das minhas próprias? São ordens vossas, conde?
- Conde de Cambrig :* Não são, senhor, e prometo-vos que os vossos cavalos serão tornados a seu dono. Quanto às outras queixas que tendes dos meus homens, pois que todos os dias dai ouvidos a lástimas, pergunto-vos, senhor, se permitis, não fostes vós que mandastes vir guerreiros que vos

defendessem ? Ora guerreiros não são donzelas de paço e não há senão que sofrer-lhes as manhas e os vícios.

El-rei : Quero concordar convosco, conde, mas então não vos lastimeis quando o povo encontra um dos vossos homens a sós e o achincalha e mata à traição.

D. Leonor : Como vós vos amofinais, senhores, por coisa afinal de pouca monta. Talvez gosteis, conde, da nova ária que compus.

Conde de Cambrig : Como não, senhora ?! Ah ! Como é leve e perfumada a vossa mão e como os vossos dedos sabem arrancar melodias a um cravo.

D. Leonor : Espero ter-vos agradado. Escutai, quero fazer-vos uma pergunta pouco mulheril : que fazeis na vossa terra aos traidores ?

Conde de Cambrig : Enforcamo-los, senhora.

D. Leonor : E como fazeis para apanhar os culpados quando eles se disfarçam de ovelhas dóceis ?

Conde de Cambrig : Usamos as mesmas armas, mansidão e manha e, muitas vezes, em vez da adaga ou da forca livramo-nos deles pelas bebidas envenenadas. Os traidores são levados ao extremo de não poderem recusar uma boa bebida, preferível, apesar de tudo, a outras violências...

- D. Leonor :* Ó ! Por mim preferiria o punhal ao sub-reptício veneno. Isto são modos de dizer, conde, sabeis, e não fica bem a uma simples mulher falar assim convosco.
- Conde de Cambrig :* A vossa voz tem sempre melodias que maravilham.
- D. Leonor :* Agradeço-vos, senhor.
- Conde de Cambrig :* Agradar-me-ia que continuásseis a vossa ária, senhora.
- D. Leonor :* Faço-vos a vontade, conde.

CENA V

D. Leonor, absolutamente só, acompanhava baixinho com a voz a ária que tocava. O bobo acabara de entrar.

- D. Leonor :* A que vens, criatura de danação ?
- Bobo :* Perdoai-me, senhora, pois não passo da pobre imagem das vossas tribulações, vossas e de muitos outros, pois vejo e escuto o que é de ver e escutar neste palácio.
- D. Leonor :* Vejo-te disforme e horrendo e não te mando sair. Que queres de mim ?

Bobo : Servir-vos, senhora, informando-vos que as vossas ordens de mandar degolar o Mestre de Avis e Gonçalo Vasques não foram cumpridas. O guarda da prisão, por suas razões e a pedido e grandes promessas dos presos que queriam salvar a cabeça, resolveu esperar a manhã mandando no entanto um estafeta que consultasse em pessoa el-rei. E senhora, el-rei mostrou-se admirado, disse que de tal não sabia, que muito agradecia o aviso e que poupassem o Mestre, seu irmão.

D. Leonor : Ah, o Mestre de Avis começa a prometer grossas prebendas e se calhar fala em tremendos castigos para aqueles que não acabarem as suas ordens. Os guardas já se atrevem a não cumprir as de el-rei. Pois mesmo que as razões fossem desconfiar que as ordens tinham partido de mim : não sou eu rainha para mandar executar quem me desgraça e atraiçoa ?

Bobo : Razão tendes, senhora. Mas a vossa mesma pressa em mandar cumprir a execução dos presos enviando mensageiro sobre mensageiro fez com que Vasco Fernandes se arrecesse de mandar matar o irmão de el-rei. Ele dizia numa carta a vosso real esposo que tais ordens lhe haviam de trazer arrependimento.

D. Leonor : Um bruto como Vasco Fernandes não se arreceia senão pela própria cabeça.

Bobo : Mas sabeí mais, senhora...

D. Leonor : Que mais ?

Bobo : O povo amotinou-se assim que soube da prisão e condenação à morte do Mestre de Avis. Gritavam em altos brados junto da prisão que queriam a sua liberdade ou queimariam o vosso palácio. Vasco Fernandes, então, depois das cartas, botou-se ele próprio a ter com el-rei dizendo que reconsiderasse, que ele, Vasco Fernandes, bem sabia que os reis tão depressa dizem como desdizem e até se amofinam com o cumprimento de muitas ordens dadas, que ele vinha aos paços por não querer ser castigado por tão prontamente ter executado as suas ordens, e que não era de proveito ter o Mestre de Avis e os seus privados em prisão. Assim, estas e outras falas como estas.

D. Leonor : Ah, todos conspiram contra mim, e alguns servem-se do povo, umas dezenas de maltrapilhos a quem acirram de más vontades para obterem tudo de el-rei.

Bobo : É, é assim, senhora minha, o povo é como as crianças, teimoso e birrento, ruim quando calha, vai para onde o levam a jeito de força e boa manha. O povo tem tanta vergonha na cara como eu a quem vedes em momos, ri de graças de chorar, abençoa se lhe atirais uma côdea de pão, chama-vos nomes quando o mandais enforcar.

D. Leonor :

Nomes ! Ah, povo maldito, a quem desejaria cortar a língua para que não pronunciasse aleivosias. Crianças peçonhentas que cheiram mal à distância. Não só eles : plebeus e fidalgos, odeiam-me e têm o meu ódio. Tenho-lhes asco. Que querem ou quiseram sempre de mim ? Que tivesse sido mais uma amásia de el-rei, que lhe desse dois ou três filhos e me apagasse como pobre mulher chorosa. Mundo ou charco, se o habitamos, que ele seja um céu floridamente infernal ou um inferno podridamente florido. Blasfemam contra mim, opor-lhes-ei as minhas maldições e a minha guerra.

Bobo :

Dissestes, senhora, que fidalgos e plebeus fedem, sim, muito mal, quase que digo, pior que um bobo. Mas que fazer ? Ahahahihih ! Quanto aos fidalgos podeis mandar envenenar e apunhalar uns poucos, diminuis o mau rescendor nos paços, mas o povo, ahahahah, o povo traz as orelhas moucas de sujidade e fica sem ouvir os vossos ralhos e quanto a cabeças têm-nas aos milhares — ainda que de pouco lhes sirvam —, se lhes cortais uma dúzia, ou mesmo uma centena, crescem milhares no sítio de cada uma.

D. Leonor :

Sei. Faço-te uma desavergonhada pergunta porque tu *nem* és criatura — não sei se estás para além se para aquém —, sim, diz-me, bobo, que lhes importa a eles — por que tanto se amofina o povo — que eu durma

com o conde Andeiro ou com el-rei? Ah, el-rei doente, el-rei formoso que como um fruto bichado começa a apodrecer em época imprópria. Oh, arrepio-me de desgosto quando el-rei me toca com suas mãos, a minha carne contrai-se de horror ao simples contacto dos seus dedos frios, amarelados, como que já em podridão. Imaginarás tu, reles bobo, o que fica atrás das minhas palavras? E como amo o conde, como lhe quero ao amado, como me maravilho de o mirar tão garboso e senhor de si, como estremeço quando as suas mãos brancas, rijas e grandes poisam sobre a minha pele. Que sabes tu ou o povo de um amor assim?

Bobo:

Ahahahahah! Nada, nada sabemos de tra-móias de amor a não ser enredos de enredos de contar, bem-querer mal-querer a matar. No povo, um suspiro é uma facada e uma lágrima de mulher um insulto a outra mulher. Alguma coisa — bem diversa! — sabem de amor e também, isso sim, que lhes anda o fidalgo, o castelhano e o inglês, de chicote pra riba dos lombos se não andar a contento de tantos e tão desvairados amos; que têm que arranjar de comer, onde dormir; sabem de amores que não necessitam de amor pra fazer filhos — e nesse mester aposto a minha alma como nenhum fidalgo lhes leva a palma. Ahahahah! O povo é como vós o imaginais, senhora: tal qual como o burro que se está com a mosca escoicinha,

se vê erva tenra arreganha a dentuça, vá de pular de contente e lépido afocinhar no verde se o dono lhe der rédea ; por regra o dono dá-lhe, sim, mas é bordoadada. Ahahah! Ih, senhora minha, o povo que tão bem conheceis, ruim como a sarna, gosta de mudar de montador, sempre com o sentido na lamreira próspera onde possa fartar mil ganas ainda que saiba que vai ser tão picado como até ali — e pensa, ahahahah!, senhora minha o povo a pensar!, que enquanto o pau vai e vem descansam as costelas porque trouxa não é ele, e bem conhece que donos são donos e que querem os burros pra carga e não pra se regalarem nos pastos, que tal é profissão de fidalgo. Ahahahah!

Bobo : Quem pode perceber tal arrazoado, bobo ?

D. Leonor : Um bobo quando não faz de gracioso, momos de rir, é como o povo, fala e ninguém o entende. Também vós, senhora minha, faláveis há pouco de amores tais que eu, cruzez!, não vos entendia.

D. Leonor : Tu só não entendes ou finges não entender quando não te convém. Presta atenção agora porque terás farta recompensa se bem cumprires o que vou ordenar-te.

Bobo : Dizei, senhora.

D. Leonor : Levarás à prisão a ordem de soltura do

Mestre de Avis e dir-lhe-ás em particular que desejo vê-lo e falar-lhe. Encontrá-lo-ás assanhado e só tu com os teus momos e risadas saberás apaziguar-lhe as iras primeiras. Diz-lhe quanto me vistes penalizada com as loucuras do rei seu irmão que mandou prendê-lo, que também vistes a má cara do rei, mais de doido que de ajuizado, que tão depressa diz como desdiz sem tomar conta do que disse e desdisse. Que me praz muito vê-lo e que lhe mostrarei bom semblante. Sim, bobo, mostrar-lhe-ei o melhor rosto que tiver e só quando o vir desprevenido, fazendo fé... O conde de Cambrig está na razão, quando o inimigo é daqueles que provoca alvoroços no povo, quando se quer castigar por traidor e ruim, devem usar-se armas, armas que não deixem rasto: em vez da força ou degolação, o veneno. Que dizes, bobo?

Bobo:

Que sois expedita rainha. E que os que andam assanhados contra vós por causa da prisão do Mestre hão-de deitar as culpas para cima do rei vosso esposo. Escrevei, pois, a ordem de soltura que eu corro a levá-la e a dar os vossos recados; depois correrei outra vez a contar o que se tiver passado, a dar-vos todas as novas, e ainda as demais novas que trazia para vos dar.

D. Leonor:

Que mais novas, criatura infernal? Sois como um saco sem fundo donde saem toda a casta

de horrendos fenómenos, osgas, lagartos, lacraus, peçonhenta bicharada — e nunca, mas nunca por nunca uma avezinha de trinado canto.

Bobo :

Nem vós, senhora, gostaríeis de a escutar. Ah! Ah! Ah! Tenho-vos servido com competência e se permitis, o meu sacco tem sido bem carregado por vós mesma, quando as vossas delicadas mãos pegam de fenómenos, bicharada peçonhenta que me mandais levar de presente aqui-acolá. Ohohohoh! E depois, lacrários ou passarinhos de fino trinado, tudo são criaturas do mesmo Deus. Ohohoh!

D. Leonor :

Ou do Diabo que se rebelou contra Deus e quis fazer a criação a seu modo. Criatura infernal, criatura de danação!

Bobo :

Os passarinhos comem lagartas e aranhas, não passam sem tais comeres, senhora. Nem há feitiço nem feitiçaria que dispense sapos e osgas. E que seria do mundo sem mágicas?

D. Leonor :

Sem mágicas? Não sei. Mas fala, diz o mais que tinhas para dizer, por uma vez.

Bobo :

Mataram a vossa nobre irmã D. Maria Teles. Assassinou a coitada, na sua própria câmara, à frente de todas as camareiras, seu esposo, o príncipe D. João.

D. Leonor :

Anananannooooooooananananananooooo! E só agora dás tal nova? O príncipe, seu esposo,

matou-a ? Ah, a linda e doce Maria morta ? !
Deuses ! Deus ! Chamem a corte, todos os
fidalgos, quero que todos fiquem informados
da infâmia.

Bobo :

Conheço a vossa dor e indignação, MAS SENHORA MINHA, PRIMEIRO DOMINAI O RISO QUE PODERÁ SER MALVISTO POR AQUELES QUE HÃO-DE ACORRER A LAMENTAR A TRAGÉDIA.

D. Leonor :

Ah, sim, tens razão, não chames ninguém, bobo, enquanto o riso for um desenho no meu rosto. Mas como foi essa morte ? Dizei-me a mim em particular, antes de a contardes aos demais. A linda Maria foi apunhalada pelo príncipe, o seu malvado esposo, durante o sono ? AINDA ME CONHECES O RISO NO ROSTO, CRIATURA DE MALDIÇÃO ?

Bobo :

Disfarçais melhor neste instante, senhora. Escutai ! A fidalguia acorre aos vossos gemidos de há pouco como desejáveis. Que vos hei-de contar ? Ouve-se o tropel de passos que se aproximam, vozes, não as escutais, senhora ? NA VOSSA AFLIÇÃO IGNORAIS OS RUÍDOS DO PAÇO ?

D. Leonor :

PORQUE CALASTES TANTO TEMPO A TREMENDA NOVA, REPULSIVA CRIATURA ?

Bobo : Pensei que bastasse a da desobediência às vossas ordens quanto à morte do Mestre de Avis. Que bondavam cóleras sobre mim. Sim, porque é que todos fazem confidências ao nojento bobo que desprezam ? Porque vertem todas as cruezas sobre mim e desconhecem quanto o meu coração é sensível e terno, como estala de dor e sofre com tantas maldades. Ah, como os vossos pecados, aqueles que não dizeis nos confessi-nários aos bons fradões confessores, como doem e doem !

D. Leonor : Queixas-te, tu, víbora, que te alimentas de veneno, tu, que a não existir o mal deixarias de existir, tu, saco de peçonha ? !

Bobo : Que vós todos usais para particulares vinganças. Não tardam os fidalgos a entrar na vossa sala. Ah, como chorais desentranhadamente, belamente. Nem um ficará insensível. Vede-los, já ?

El-rei : Não choreis, minha Leonor, não vos deixeis avassalar pela dor. Ah, como as vossas queridas mãos estão pálidas, tão pálidas que as minhas carícias mal conseguem trazê-las à vida.

D. Leonor : Minha irmã, minha pobre irmã assassinada.

Fidalgos : Assassinada a doce, a linda Maria ! Óóóó ! Havia já rumores mas quem poderia acreditar em tal se não viesse da boca da mesma

rainha. Santa Virgem Mãe. Como foi, senhora ?

D. Leonor : Esse infame bobo que vos conte e ai dele se me disse uma mentira, mandarei cortar-lhe o pescoço.

Bobo : Eu nunca vos minto, senhora minha, nem a vós, meu bom rei, nem a vós, generosos fidalgos. Por vezes, sim, muitas vezes, incorro nas vossas cóleras dizendo as verdades que me pedis e que ao fim não gostastes de ouvir. Ameaçais-me cada dia de me cortar a cabeça e não o fazeis, eu sei, porque sou a vossa voz mais íntima, porque...

El-rei : Fala infame, e deixa-te de rodeios.

Bobo : O PRÍNCIPE D. JOÃO MATOU SUA MULHER, D. MARIA TELES.

El-rei : O príncipe ? Quê ? ! Maria Teles era mulher do príncipe, meu irmão ?

Fidalgos : Ôôôô ! SUA MULHER ? !

El-rei : Fala, bobo, e ai de ti se da tua boca aleivosamente sair uma mentira.

Bobo : Mentir-vos eu, meu senhor e rei ? Que o príncipe D. João recebera em casamento, muito à socapa, D. Maria Teles murmuravam-no já.

- El-rei* : Murmuradores.
- Bobo* : Da vossa corte, senhor.
- El-rei* : Conta o que se passou : não quero momos nesta hora.
- Bobo* : O príncipe matou a mulher nesta madrugada.
- Fidalgo* : Ôôôô ! JESUS ! Ôôôô JESUS !
- Bobo* : O príncipe veio ao palácio da mulher pela calada da noite, aguardou que algum dos criados abrisse a porta e entrou seguido de uma dúzia de homens armados que iam arrombando todas as demais portas por abrir, rasgando reposteiros de sedas e veludos, e chegando-se à câmara onde D. Maria dormia o sono dos justos e dos anjos. Senhora minha e rainha, deixareis que o vosso bobo continue o relato de tantas torpezas ?
- D. Leonor* : Fala !
- Bobo* : Vossa linda irmã acorda, vê o esposo amado, sorri-lhe naquela doçura que tantos corações sabia cativar, depois espanta-se...
- D. Leonor* : Deixai-vos de retóricas floreadas impróprias da ocasião.
- Bobo* : Quereis depressa e bem tudo quanto se passou : ouvi : O príncipe nem reparou no es-

panto nem no sorriso de sua mulher, não esteve com mais aquelas, destapou-a e obrigou-a a erguer-se rasgando-lhe a camisa e deixando-a toda nua, sim, nobres senhores, seu esposo deixou-a toda nua à frente dos que o acompanhavam, um bando de facínoras e brutos que iam com o sentido na carnicificina. Ela que só tinha olhos para tentar perceber a ira de seu esposo, parece que nem dera por que as camareiras espedigotavam aos apalpões dos homens do príncipe, medrosas já do que pressentiam iria passar-se. Vai senão quando o príncipe deu um encontrão na mulher e esta cambaleando ainda teve destreza para puxar a si uma colcha e tapar-se dos olhares incendiados de todos aqueles brutos homens. D. João acusava-a de que ela andara a badalar que estavam casados à socapa, que todo o mundo falava nisso e outras coisas que tais. D. Maria negava com lágrimas, respondia que se todo o mundo sabia do caso não fora informado pela sua boca e tremia, ah, como tremia a pobrezinha, contaram os que assim a viram. Mas o príncipe não só não se amerceou, como começou de chamar-lhe barregã, que porque era sua mulher mais obrigações tinha de respeitar-lhe as vontades e muito menos fazê-lo cornudo. D. Maria tapava a cara com as mãos e gemia e jurava perante Deus que tinha sido sempre honesta criatura, que tomava os anjos como testemunhas e as suas boas camareiras. Ôôôôôôôô

a pobre pomba nas garras da ave de rapina, um abutre que nada escutava dos protestos de tão doce lamento, que fechava o coração aos protestos de amor e fidelidade que ela lhe repetia, que nunca os seus olhos vissem a outro homem senão a ele, que lhe queria mais que à própria vida, que só a ele tinha no mundo. Demais sabia o príncipe de tanto amor, nem ele vinha por discutir razões antes com um fim determinado e antes que se lhe quebrantasse a vontade deu-lhe com a adaga e logo ali a rachou pelo ombro direito até aos peitos. Ela caiu de borco aos gritos por Nossa Senhora e seu divino Filho que lhe valessem e a amparassem, e ele então, para acabar com o feito mais depressa, rasgou-lhe do mesmo modo as virilhas. Vossa irmã caiu de todo, lavada em sangue, tendo nos lábios até ao último suspiro o nome de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Corte :

Jesus ! Ôôôôôô !

El-rei :

Onde se viu tanta crueza e barbaridade senão nas feras ? O castigo de el-rei correrá após ele, ide dizer-lho.

Corte :

Que seja bem castigado, senhor. Ôôôôôô !
Jesus !

D. Leonor :

Ide-vos, senhores, e em paz, que o castigo de el-rei não deixará de atingir o príncipe. A sua mesma alma não mais terá um minuto

de descanso, há-de consumir-se nos remorsos infernais da própria malvadez. Saí, senhores, que nem eu terei paz enquanto não vingar tão adorável criatura, minha pobre irmã.

El-rei :

Mandai dizer a D. João, da minha parte, que o castigo não tardará. E agora, peço-vos, saí, amigos, pois a rainha está muito incomodada. Minha Leonor, alma tão dorida, que mãos tão frias! Vinde cá, anjo.

D. Leonor :

Deixai-me e não lamentemos mais o que não há que lamentar. Matar uma mulher são coisas que acontecem pelo mundo a cada passo. Castigai, senhor, o criminoso, desacreditando-o perante todos e expulsando-o do reino e não se fale mais em tal.

El-rei :

Jesus, como me espantais!

CENA VI

D. Leonor entrara na sala com um grande molho de flores primaveris nos braços. Foi ao espelho cantarolando uma canção, enfeitava-se, e tirava as flores do vestido e dos cabelos depois de ter depositado a braçada sobre um móvel. Arrancava pensativamente as pétalas de uma rosa quando um escudeiro anunciou um mensageiro do príncipe D. João.

- D. Leonor :* A que vindes, mensageiro ?
- Mensageiro :* O príncipe D. João manda-vos os seus respeitos, senhora, que vos beija as mãos e pede-vos clemência.
- D. Leonor :* Clemência ? ! Que maior clemência que a de el-rei seu irmão que antes de mandar persegui-lo enviou recados sobre recados, que ele fugisse para bem longe onde os seus homens não pudessem encontrá-lo a fim de escapar a justa vingança ? Que outra clemência ? Não se encontra ele, o príncipe, já em terras de Espanha ?
- Mensageiro :* O príncipe D. João encontra-se em terras de Portugal, lá para as bandas da Guarda, e daí me envia até vós com um recado.
- D. Leonor :* Ó ! Dizei-o.
- Mensageiro :* O príncipe D. João manda dizer-vos, senhora, que cumprais as promessas que lhe fizestes de lhe dardes vossa filha em casamento.
- D. Leonor :* Ôôô ! O assassino de minha irmã quer agora casar-se com minha filha, a princesa herdeira do trono ! ? Quer, pois, o trono ? ...
- Mensageiro :* O príncipe D. João diz que vós lhe falastes em tal.
- D. Leonor :* Sim, quando o julgava livre de outros compromissos de casamento. Ó malfadado louco

sem uma réstia de vergonha, que se atreve ainda a mandar-vos com tais recados depois do assassinio de minha irmã, essa a quem eu tanto queria. Dizei ao príncipe D. João que nunca mais se atreva a aparecer na corte, a provocar a cólera de el-rei e a minha.

Mensageiro :

O príncipe não fala noutra coisa senão nesse prometido casamento e nas tristezas dos seus remorsos. Corta-se o coração a qualquer, só de ouvi-lo.

D. Leonor :

Impacientais-me, mensageiro, e repito-vos que digais ao príncipe, da minha parte, que se não quer reacender ódios e incorrer em novas perseguições de el-rei e minhas, se deseja que a nossa vingança se fique em bani-lo do reino, que não insista mais no casamento com a princesa D. Beatriz. Dizei-lhe também que por boa amizade lhe mando recado que se vá em boa hora para além-fronteiras e que nunca mais dê que falar de si.

Mensageiro :

Dir-lhe-ei tudo isso, senhora, e perdoai-me se vos digo ainda que D. João está escondido num matagal e chora de noite e de dia de arrependimento do crime cometido e por assim se ver em desgraça aos vossos olhos, de el-rei e de todos os demais. Dizem-no já louco varrido e que só como louco fala ainda no casamento com a princesa. Levar-lhe-ei,

pois, a vossa resposta, que não passará de gota de fel no mar das suas penas, o coitado.

D. Leonor :

Que a loucura e as lágrimas lhe sirvam então de penitência. Ide-vos da minha presença.

Mensageiro :

Obedeço-vos, senhora, e levo o vosso recado: que a loucura seja o mais benigno castigo do triste.

D. Leonor :

Óóóóóó! O meu rosto e as flores. Flores azuis, amarelas, azuis, pétalas lilases, pétalas tão vermelhas, folhagem verde, brancas de seda das pétalas. Lindas! Lindas como todas as primaveras selvagens, lá onde o cultivo não alastra. O louco que queria ser rei escondido num matagal florido a mirar-se em carantonhas e esgares num regato. Óóóóóó! Muito me praz, senhor príncipe, meu irmão. Que é a existência senão perpétua loucura? Que procuram os homens e damas nos banquetes quando se embriagam senão um arremedo de boa loucura, de doida alegria? No resto, quando em perfeito juízo, é uma tristeza de morte. De morte, de morte. Ah, morte! Flores, pétalas que vão morrendo ao contacto do calor do meu corpo, que languescem ao simples bafo. Óóóó. Os meus amores, o meu poder que são a minha embriaguez, a minha única forma de alegria. Desafiem-me! Ousem desafiar-me, ir contra os meus quereres, o meu infinito amor. Há ainda D. João, o Mestre de Avis. Falhou a primeira tentativa contra

esse bastardo. An! an! an! Darei guerra a todos os inimigos até à sua completa aniquilação antes que eles aniquilem os meus quereres e amores, as minhas alegrias. Ó, efémeras pétalas de todas -as Primaveras, vós e eu. Óóóóó! Um inimigo a menos, o príncipe D. João, esse já entrado na loucura atardada dos impotentes. Que melhor bem ou que melhor mal? Vivamos a nossa bela embriaguez. Ôôôôô, flores silvestres maravilhosamente lânguidas por todo o meu corpo, tontas de alegria. Eu, rainha maravilhosamente florida. Óóóóó!

QUARTO ACTO

CENA I

O Mestre de Avis passeava um tanto impaciente na antecâmara da rainha. O bobo veio espreitar, depois caminhou risonho em direcção ao fidalgo.

Mestre de Avis : Trazes algum recado de minha senhora e rainha ?

Bobo : Ohohohoh, não venho mais que apresentar-vos os seus respeitos.

Mestre de Avis : Tarda a rainha em me receber...

Bobo : Sois impaciente, senhor Mestre de Avis.

Mestre de Avis : Não me sofre o ânimo esperar, e espero há um ror de tempo.

Bobo : Talvez a rainha esteja pouco desejosa de ver-vos, senhor.

Mestre de Avis : E porquê, vil motejador? A rainha mandou ordenar que eu fosse preso, depois que me soltassem. Decerto tem as suas razões que há-de querer dizer-me.

Bobo : Ahahahah! Escapastes, senhor, pela graça de Deus, de serdes degolado. Livrastes-vos de boa, a tempo e horas! Ah, se calhar, uma vez salvo, ainda quereis vituperar a rainha, censurá-la. Ora, se vós vos mostrásseis antes agradecido, Mestre!

Mestre de Avis : Agradecido ao céu estou e não venho aqui censurar a rainha, minha senhora. Quando os soberanos são justos, dão aos castigados a justificação dos castigos. Quero, pois, saber da boca da rainha o que motivou a minha sentença de morte e logo após o perdão, escusar-me perante ela se por brutidade ou ignorância a ofendi.

Bobo : Eu se estivesse no vosso lugar não faria perguntas à rainha, antes fugiria para bem longe da corte. AHIHAHOHIHIHAHAH-IHOHOHAHAHOH! Valeu-vos um milagre. Ainda há milagres, poucos, sim, mas alguns. IHIHIHIH! O que eu não queria era estar na pele do guarda da prisão Vasco Fernandes que recebeu a ordem, firmada por el-rei, de vos cortar a cabeça de madrugada, e em vez disso vem ele próprio saber da sua própria boca se na verdade estava em seu perfeito júzo ao pôr assinatura em tal de-

sassisado, e se não se arrependeria no dia seguinte da sentença ditada na véspera. Oh, não queria estar-lhe na pele porque a rainha...

Mestre de Avis : Vasco Fernandes ?... Por Deus, arredai-vos, não me segredeis dessa guisa ao ouvido que me dais comichões. Vasco Fernandes é um homem bom e justo e a rainha não se atreverá a castigá-lo contra a vontade de el-rei que bem agradecido lhe ficou do aviso.

Bobo : IHIIHH ! Vasco Fernandes, um homem que vos admira e que odeia a rainha. Sim, odeia-a porque dorme com o conde João Fernandes Andeiro.

Mestre de Avis : Plas chagas de Cristo, infame, não continues desse jeito a segredar-me ao ouvido, pois nada quero escutar que faça corar estas paredes. Ah, não deviam existir demónios como tu, autorizados a tudo ouvirem e tudo dizerem.

Bobo : Todos gostam de possuir assim como que um cão, cão capaz de morder nos passantes da rua, açulá-lo contra os piores inimigos, um cão a quem se impõe uma única condição, servir bem e nunca morder no dono. Ihiihiih ! Um cão de falas. E verdades são verdades, palavras nobres, não acreditais, Mestre ?

Mestre de Avis : Qual é, afinal, o vosso dono ? Ah, desconfio que não pertenceis ao género humano.

Bobo : Ihihih ! OHOH OH ! O género humano conta com piores exemplos. O meu dono ? Tenho vários. Podeis ser meu dono se quiserdes e para já aviso-vos : tende cuidado convosco, Mestre.

Mestre de Avis : Dispenso-me dos teus serviços : terei cuidado, contudo : não, não sou nenhum desses fanfarrões que dizem não dever nem temer. Devo obrigações e temo-me ; serei prudente.

Bobo : Sois a personificação do bom senso, da personagem que não vai em cavalarias altas e por isso posso predizer-vos que chegareis bem mais longe que todos os demais ; sois dos que não se gastam em competições vãs, ides a passo, e quando os outros param esbaforidos, sem fôlego, estais vós a andar descansadamente. É esse, se calhar, o motivo por que o povo, dizem, vos prefere aos outros príncipes na governação, quer dar-vos o mando. Não desejais passear uma vista de olhos pela sala do trono, experimentá-lo a ver se vos serve, enquanto a rainha resolve e não resolve mandar-vos entrar na sua câmara ? O rei está muito doente...

Mestre de Avis : Arreda, demónio ! Não venho aqui à cata de um trono, ver se me está ou não à medida, pois que os tronos mandam-se fazer à medida dos reis que governam.

Bobo : Óóóóó ! Pensei que vos quisésseis servir da prata da casa ! Ôôôôô ! Mas falo-vos sério,

o rei anda bem doente, o coitado. Amarelo como a «trizia», magro, escaveirado, ele a quem chamaram de «Formoso»! Ó! Danado mundo, el-rei, o Formoso, mais feio e repugnante que um lázaro, a tomar tisanas sobre tisanas, sinapismos, escalda-pés, a mandar botar benzeduras e a rezar por um rosário, ele próprio a benzer-se. Muito feio o vosso formoso irmão; feio, ele e a morte que o ronda de perto e que de perto e de longe ronda a todos os demais, miseráveis e fidalgos. Óóóóóóó! A feia morte do «Formoso» deitado em almofadas de sedas e finas rendas.

Mestre de Avis:

Confrangem-me tais notícias de meu pobre irmão.

Bobo:

Óóóóó! Mestre de Avis, D. João I, rei de Portugal! Ôôôôôôôô! E se vós, logo após o passamento de el-rei, pedísseis a rainha em casamento? Ficar-vos-ia tudo em casa e a contento: o povo porque tinha um rei a seu gosto e vós porque teríeis a vosso lado uma rainha avezada a sê-lo, maravilhosamente florida, floridamente maravilhosa. Ao conde Andeiro mandaríeis degolá-lo na primeira emboscada. Pensareis nisso a sério, Mestre, conheço-vos a todos, fidalgos da corte, e sei que também vós desejais a rainha como os outros a desejam, às vezes pintando o contrário porque ela os despreza, não lhes consen-

tindo maus pensamentos acerca da sua pessoa. Mas vós...

Mestre de Avis :

Arreda, arreda com tal segredar. Ah, as demoníacas tentações podem chegar pelos mais ínvios caminhos : sim, aí está uma tentação : eu que não queria desejar a rainha, desejo-a, desejo a morte de meu infeliz e bom irmão, querer-lhe-ia o trono. Ah, mas ela ama o conde de Andeiro, nunca me perdoaria a sua morte. Bobo maldito, esqueceis que a rainha mal meu irmão tenha fechado os olhos desposará o conde ? Que ama e só quer o conde ?

Bobo :

Que ama o conde, está certo, que não vos perdoaria a sua morte, talvez. Ah, mas vós podeis ser a mente que encaminha e não o braço que executa. Esqueceis vós, não eu, que metade da fidalguia conspira contra a vida do conde, que o próprio rei mandou matá-lo em emboscadas e ele delas tem escapado por uma unha negra. Contam-se já seis atentados contra a sua vida, ao sétimo é homem morto, pois sete é número de sorte e aziago, número mais branco e mais negro que o próprio três, embora boas mágicas afirmem o contrário. Óóóóó ! Sim, sou de aviso, que a mesma rainha vos perdoará essa morte, ainda que sejais executor ; sim, sou de aviso, se a belíssima rainha não tiver outro remédio senão perdoar-vos. Ôôôôôôô !

CENA II

Numa sala do palácio encontrava-se a rainha na companhia do conde de Andeiro. Ele aflagava-lhe, risonho, como que sàdicamente, as faces, os braços, o colo com uma rosa: ela mordeu as pétalas que lhe roçavam pelos lábios, riu numa sensualidade cálida, dir-se-ia irada; atirou fora a rosa e cravou os dentes nos lábios dele. «Lobinha, querida.» «Querida lobinha.» Ouviram passos, afastaram-se. Um criado anunciou o Mestre de Avis, que não tardou em surgir à porta e entrar. A rainha levantou-se e saudou-o com mostras de sumo agrado:

D. Leonor:

Mestre, meu irmão, que grande contentamento me dais por ver-vos nos paços de el-rei meu senhor, saber-vos de novo nas suas graças.

Mestre de Avis:

A vós estou grato, senhora, vós que me mandastes prender e em seguida soltar por razões que decerto haveis de ter e que eu desconheço.

D. Leonor:

Áááá! Delirais, meu irmão.

Mestre de Avis:

Não deliro, senhora e rainha, e quero pedir-vos perdão se de algum modo incorri no vosso desagrado.

D. Leonor : Ôôôôô ! Vou servir-vos uma taça de vinho. Criados, sirvam vinho ao Mestre de Avis, do melhor vinho das adegas do paço ; trazei três copas de fino ouro que queremos festejar uma alegria. Vejo-vos melancólico, irmão ! Não há nada como um bom vinho para quebrar melancolias. Ei-lo que chega. Bebei vós primeiro, Mestre, que sois bem-vindo. Bebei, irmão, este vinho é de qualidade, far-vos-á esquecer o que sofrestes na prisão. E vós, meu amigo conde, tomai outra taça. Ááááá. Eu imito-vos. Como vedes é tirado da mesma garrafa, pudestes escolher a vossa copa. Reparai-lhe na transparência, gozai-lhe agora o sabor. Óóóóó.

Mestre de Avis : Tendes razão, senhora, é um vinho que faz esquecer as penas.

D. Leonor : Mas vós mal o provastes, Mestre !

Mestre de Avis : Agradeço-vos, senhora...

D. Leonor : Ó, não finjais beber, e não receais, Mestre, este vinho não está envenenado. Vede que o conde bebeu o que lhe ofereci e não mudou de semblante e que por certo deseja beber mais. Tomai, conde. Óóóóóó, bem noto que desconfiais que mudei de garrafa sob os vossos olhos como fazem os mofadores nas festas, ou que disfarçadamente deitei pós no vosso copo. Ficai descansado, irmão, na nossa corte não é costumado o veneno, e

pouco o punhal. É certo que aqui o conde João Fernandes esteve em Inglaterra e lá pudera ter aprendido certos usos. Contudo, o conde só mata em combate leal, com o inimigo de frente, na defensiva. Não vos coloquês de esguelha como quem também receia o conde e bebei, irmão, o vinho serenar-vos-á o ânimo.

Mestre de Avis : Senhora, eu de vós nunca temi traições, pois como minha rainha e senhora que sois podeis dispor da minha vida e da minha morte sem necessitardes de recorrer à perfídia e hipocrisia. Bebo, a taça inteira, à vossa saúde e em vossa honra.

D. Leonor : Quereis mais ? Não ! E agora disse-me, querido irmão, Mestre, que assunto é esse tão grave pelo qual viestes procurar-me ?

Mestre de Avis : Tentei dizer-vo-lo há pouco, senhora, apesar da presença do conde.

D. Leonor : O conde é um íntimo amigo para o qual, nem eu nem el-rei, vosso irmão, temos segredos : acabai pois de falar sem receio.

Mestre de Avis : Repito, senhora, gostaria que me dissésseis em que faltas incorri para convosco, e tais que vos deram azo a mandar-me prender e degolar —do que escapei por tão pouco que ainda a minha alma se arreceia de falar—, fazendo-o vós em nome de el-rei meu irmão

que tão amofinado se mostrou. Vinha saber da vossa boca os erros que cometi para que deles me arrependa e não volte a repeti-los, evitando cair de novo no vosso desagrado.

D. Leonor :

Óóóóó! Contaram-vos um maldoso enredo, Mestre. Eu nunca vos mandei matar, pois prezo e muito a vossa vida. A ordem de vos degolarem ia assinada pelo rei, não a meu mando. E demais sabeis vós como o rei está doente e de quanto um cérebro febril pode architectar desarrazoadamente, fora de bom entendimento : ora diz, ora desdiz, agora ordena uma coisa, mais logo quer a coisa contrária. A el-rei deveis pedir contas ainda que eu duvide que possa dar-vo-las justas. El-rei está muito doente, é necessário vê-lo para se crer. Quando ele soltar o último suspiro, o que tristemente não deve tardar, sereis vós, irmão, o sólido apoio de uma fraca mulher. Conto convosco, sempre contei ; como podia, pois, mandar-vos matar ?

Mestre de Avis :

Permiti que ajoelhe e vos beije a mão de rainha. Tendes-me de vida e coração ao vosso serviço, senhora.

D. Leonor :

Erguei-vos, irmão, e falemos com desenfado, pois que o peito trago eu amargurado. Óóóóó. Bem conhece o conde as minhas tristuras. Óóóóó, não vos amofineis do meu riso, Mestre, pois rir é dos corajosos. Não quereis vós, querido conde, tocar uma

alegre música que nos apacifique alma e sentidos ?

Conde de Andeiro : Por certo, senhora, tendes-me ao vosso dispor.

D. Leonor : Ó, tocais maravilhosamente, conde, mas o meu enfadamento é tal que a alegria mais me enfada ainda. Deixai isso para outra ocasião. Vedes o anel que tirei do meu dedo ? Deixai ver a vossa mão, conde, não vos mostreis temente ou receoso, sou eu que quero que useis sempre convosco. Deveis concordar que é jóia digna de ver-se. Que tal vos parece, Mestre, o anel no dedo do conde ?

Mestre de Avis : Bem. Sim. Trata-se de uma bela jóia, na verdade...

D. Leonor : Não mostreis tal constrangimento, Mestre, pois impróprio é de um fidalgo amofinar-se com as maneiras da sua rainha. Deve achar que numa tal mulher todos os gestos e palavras ficam bem, mesmo o que no comum dos mortais seja ou pareça impróprio. Achais-me desavergonhada, não façais menção de dizer o contrário, porque à vossa frente mostro tais intimidades com o conde. Ó, perante vós, Mestre, sinto-me como perante um irmão e vejo-me inocente como quando jogo à cabra-cega com minhas damas. Ôôôô. Sou uma fraca e indefesa mulher. Áááááá !

E vós, conde, que eu nunca vos veja sem esse anel.

Conde de Andeiro : Sim. Mas senhora e rainha...

D. Leonor : Para que a vossa rainha vos não saia do pensamento nem um instante.

Conde de Andeiro : Vós, senhora, nunca saís do pensamento dos vossos vassallos...

D. Leonor : Áááá! Como eu vos conheço, conde, como sei o que pensais neste momento. Óóóóóó!

Conde de Andeiro : Amo-vos, isto é, respeito-vos como minha rainha, soberana da minha vontade.

D. Leonor : Ááááá! Dois fidalgos embaraçados que me amam e acatam as soberanas vontades. Áááá! Não leveis a mal as minhas gargalhadas. Que tal a minha música? Ó, maravilhosamente, achais-me vós quando ou toco ou vos falo. Ahnanahanahahananohohoôôô. Não se pode estar vivo sem inocentes escândalos, por exemplo rir no momento impróprio, quando não se joga ao jogo de prendas. Afinal dei-vos uma prenda, conde; o Mestre bem viu: foi um jogo; e vós dois ficais com caras tristes de vítimas, e eu vosso algoz, a rir. Vítimas ou algozes, eis os nossos papéis, sucedendo-se. Criado, serve mais vinho, daquela garrafa, sim esse mesmo, sem veneno...

- Mestre de Avis :* Se mo permitis, senhora, recuso e retiro-me...
- D. Leonor :* Insisto em que fiqueis e bebais connosco.

CENA III

Câmara-ardente. O cadáver do rei jazia ricamente amortalhado numa essa alta, coberta de panos pretos. Mulheres de cabeças cobertas de negros véus faziam um coro de lamentações andando à roda do catafalco e chorando.

- Mulher :* Um rei tão bom, ai nosso-senhor, recebei a sua alma.
- Mulher :* Um rei tão formoso, ai divino Deus, dai-lhe o descanso eterno.
- Mulher :* Um rei tão novo, e já pobre espírito a prestar contas ao divino Mestre : escutai-lhe as boas razões, celestiais criaturas.
- Mulher :* Morto, consumidinho pelo mal, ai !
- Mulher :* Tão morto, o pobre que em vida nunca foi castigador porque se o fora...
- Mulher :* Cala-te boca, bocarra, que as paredes têm ouvidos vingativos, bocarras, ai !

- Mulher :* Cala-te boca se não queres que o corpo que serves vá servir de pasto a lagartas, lagartixas, cobras, osgas, sapos, rãs, milheiros, pe-neireiros, abutres, lacrários, ratos, ratazanas, escava-terras, bocas-de-terra, ó, senhoras, aí, aí !
- Mulher :* Rezemos as orações dos mortos : padre-nossos, ave-marias, credos, salve-rainhas, os responsos pla alma do infortunado rei : Salve-rainha, mãe de misericórdia...
- Mulher :* Ai, hora da morte, hora negra, hora horrenda já passada, aí !
- Mulher :* Adejam demónios de roda do defunto, esconjuremo-los. *Vade retro, Vade retro. Vade retro !*
- Mulher :* Pestilências infernais de almas de Belzebu, cheiro-as.
- Mulher :* Deuses das trevas, eu vos esconjuro.
- Mulher :* Vinde vós, anjos dos exércitos celestiais, e usai de misericórdia para com esta alma, perdoai-lhe vós, Senhor Deus, os pecados que alguns cometeriam de fraquezas e bondades, recebei-o no Vosso Santo Reino.
- Mulher :* Descontai-lhe os pecados na longa agonia, ah, Senhor, deste-lhe uma ruim agonia. Ai ! Ai ! Tal agonia que ele, pobre rei, já nem

humana criatura parecia, os olhos esbugalhados, a rebolar a cabeça, a abrir as goelas em tão horrendas caretas, tão desvairados esgares, Deus de Misericórdia. Ó, levai-lho em conta, Vós, rei dos céus, da luz do dia, das alegrias da criação, dos tempos a vir, ai ai.

Mulher : Tão só na morte. Ai.

Mulher : Almas dos infernos, almas dos céus, forças do bem, forças do mal, pesai esta alma em rigorosas balanças, sede justos e vede que o bem se equilibra com o mal como nas demais criaturas : castigai-o com purgatórios se vos apraz e dai-lhe depois o eternal gozo da glória, ai ai.

Mulher : Como este corpo que foi de rei cheira mal. Cheira a podre, amigas. Abri janelas e portadas, que entrem noites e madrugadas.

Mulher : Nem demónios fediam tão mal porque os humanos humores quando entram em podridão, ai senhor.

Mulher : Choremos, amigas, que o nosso choro traga a bem-vinda manhã, botemos lágrimas pelo bom rei morto, que nos escutem os padres e venham informar-nos das horas cerimoniais do enterro para que todos se apressem a dar à terra este corpo e ao céu esta alma. Choremos. Abramos portadas e janelas ami-

gas, ai, cheira mal, cheira a podre a pobre carne do defunto rei.

Mulher : Rasguemo-nos, gritemos de fúria que o rei baba sorrisos e verdes humores.

Coro : Rei, nosso reizinho, pobre reizinho santo, ó homem que és pó e em pó te hás-de tornar : rei, antes só fosses já nesta hora em que te choramos. Ai, ai, ai. Salve-rainha, mãe de misericórdia.

CENA IV

D. Leonor, de luto carregado, sentara-se no trono e os fidalgos vinham um a um beijar-lhe a mão. O conde de Andeiro colocara-se ao lado, um pouco atrás da rainha.

D. Leonor : Eis-me, por vontade de Deus e não minha, rainha regente deste reino. Mandeí-vos vir à minha presença porque quero informar-vos de que o rei de Castela, meu genro, se fez aclamar rei de Castela e Portugal, pertencendo-lhe este de direito por parte de sua mulher e minha filha, a princesa D. Beatriz. Contudo, a vontade nossa e de Deus será bem outra : falai, D. Álvaro.

D. Álvaro : É verdade que el-rei de Castela se fez aclamar também rei de Portugal, mas que logo

ali nas cerimónias da aclamação houve maus presságios para Castela e bons para Portugal : eis o que consta : El-rei de Castela e a rainha sua mulher, D. Beatriz, sentavam-se em ricos tronos, o arcebispo de capa bordada a ouro, muito povo a assistir ; eis senão quando se deu um acontecimento de ruim agouro para Castela, já depois de o primeiro arauto que el-rei mandara correr, Vasco Martins, se ter escusado, dizendo-se vassalo dos reis de Portugal e não dos de Castela, e foi quando segundo arauto, João Furtado, que foi mandado dar vozes «real, real, por el-rei D. João de Castela e Portugal», corria em obediência como lhe mandavam à volta da Sé, um grande vento descoseu a bandeira que levava e o alferes foi de encontro à quina da igreja, partindo-se-lhe a espada e caindo do cavalo.

D. Leonor :

Escuto os vossos murmúrios de contentamento e aprovação e por isso espero que a fidalguia deste reino me reconheça e apoie na defesa da regência que por vontade de Deus me coube e que nunca o rei de Castela se sente no trono de Portugal.

Fidalgo :

Por rainha e senhora não precisais de ser reconhecida, pois o sois de há muito, regente do reino, sim, nós vos reconhecemos e prometemos todo o apoio contra Castela.

D. Leonor :

Muito me praz o que escuto, mas digo-vos que, se quem mais dá mais merece, eu não

posso dar-vos mais terras, pois o reino é vosso. Tirar aos ruins servidores para o dar aos bons é uma maneira que qualquer chefe pode usar sem custo, mas que eu não vou pôr em prática, pois vos considero a todos leais ; prometer-vos o que ainda não se conquistou, Castela, seria fácil artimanha e muito há quem dela se sirva, mas eu não lhe vejo grande préstimo. Ficais sabendo, pois, fidalgos deste reino, com o que deveis contar da minha parte e que defendendo-me defendeis o que é vosso e vos foi dado há muito. E agora ide-vos em paz. Vós, conde de Andeiro, não façais menção de acompanhar os demais, deixai-vos ficar.

Conde de Andeiro : Mas rainha e senhora, todos os fidalgos saíram e mal parecerá...

D. Leonor : Mal parecerá, seja, conde. Que para algo me sirva o chamarem-me de rainha e senhora : poder reter um fidalgo de meu agrado, onde e quando me apraz, onde e quando mal pareça.

Conde de Andeiro : Com o rei há tão pouco falecido, o povo e a corte murmuram, inventam aleivosias...

D. Leonor : Nada mais têm que inventar, pois disseram tudo o que sabiam, tudo de que são capazes : agora, conde, não passam de repetir os ditos, sempre os mesmos, que deixaram já de ter qualquer tino. AAAAAAA ! Haveres da no-

breza, aleivosias de nobreza e povo, tudo o mesmo universo podrido. AAAA! OOOOO. Se o desejais, conde, não vos retenho, ide-vos.

Conde de Andeiro : Amo-vos. Não percebeis como vos amo. Ah, como me atormenta o vosso riso, dir-se-ia raivoso de ódio contra mim também. Não escutais o meu coração bater desassossegado, por vós ?

D. Leonor : Neste instante escuto sòmente o meu, que também bate desassossegado, por qualquer coisa que desconheço. Oooooââââ, passava-vos então pela cabeça que eu desejasse reter-vos, conde ? Que eu continuasse a querer-vos junto de mim ? Creio que do fundo de mim mesma vos odeio, nem mais, é como dissestes, odeio-vos.

Conde de Andeiro : Ferazinha, como mordeis. Magoastes-me. Odiais então o vosso terno amante e servidor ? Pois eu amo-vos, ninguém vos quer como eu e ninguém como eu conhece o que vos vai na alma.

D. Leonor : Eu, se não vos tivesse, morria. Todos os que me rodeiam são fracos e pusilânimes traidores que só cuidam de saber donde virá ganho maior. Conde, guardai-vos de vos deixardes assassinar, pois tendes inimigos em cada voltar de esquina, guardai-vos de morrer, só a vós tenho.

Conde de Andeiro : Escutai então, Leonor : sabeis como vos quero, que estou pronto a tudo arriscar por vós, que vos obedecerei em tudo, pois vos dei a minha vida, e se vivo me quereis...

D. Leonor : Acabai !

Conde de Andeiro : Sei dos inimigos de que falais e talvez que se eu me afastasse por uns tempos da corte os ânimos serenassem.

D. Leonor : Uns tempos sem vos ver ? É isso que desejais, afinal. Que tempos ? Quantas eternidades ? Porque não, conde ? Ó, sim, concordo. Além de tudo porque a minha vida de rainha e regente é por demasia fadigosa, não terei tempo de me ocupar de amores. Sim, ide-vos e bem depressa agora que tenho que defender com unhas e dentes o que me pertence, sorrir a muitos que desejaria apunhalar com as próprias mãos, ah, nem terei tempo sequer de chorar as lágrimas do meu luto, as saudades do meu finado esposo, quanto mais as ausências do amado. Que mal tenho representado a minha realeza, conde, numa altura em que deverei pedir protecção aos braços fortes do reino, como fraca e desprotegida mulher que sou. Porque esperais ainda, senhor ? Desaparecei.

Conde de Andeiro : Amo-vos, Leonor, e não vos obedeco. Se vos disse que seria útil afastar-me por uns tempos, não tive em mente fazê-lo senão em aparência, guardando-nos um pouco de male-

volências, pois viria de noite ter convosco, quando me fosse possível, disfarçadamente. Nunca vos deixaria só, vós, a mais só das mulheres. Mas não, vejo já que nada lucráveis e fico a vosso lado, desobedecendo-vos, aconteça o que acontecer. Sonhei há dias — mas para quê afligir-vos com sonhos de mau agouro? —, sim, sonhei que vos via tão amargurada, tão abandonada de Deus e das criaturas... Vós éreis como uma grácil flor a murchar no pino do Verão: eu a querer aproximar-me, consolar-vos, e uma força invisível retinha-me aprisionado. Minha amada, Leonor. Uma pele tão doce, amor, tão perfumados cabelos. Deixai que eu espalhe uma braçada de rosas no vosso luto, que vos veja como uma deusa da Primavera e Verão. Os sonhos não passam de assombrações, não fiqueis pensativa.

D. Leonor :

Sonhastes então que eu estava só e abandonada como o criminoso que não tem mais crimes que cometer? Ó, tendes razão, conde, afastai-vos por uns tempos, guardemos as ruins aparências, vinde pela calada da noite disfarçado de pedinte, reconhecer-vos-ei.

Conde de Andeiro : Troçais e não devíeis.

D. Leonor :

Ah! Após o luto — quem sabe? — talvez eu possa anunciar o meu casamento convosco. Ide, pois.

Conde de Andeiro : Não largo as vossas mãos, por nada do mundo. Beijo-as. Aguardemos o fim do vosso luto. E não devemos rir, pelo menos demasiado alto. Ó, como ficam bem as rosas de Verão no vosso luto. Maravilhosamente bem na fina brancura da vossa pele nua.

CENA V

Num desvão mal iluminado de um palácio medieval, reuniam-se vários conspiradores, entre eles o Mestre de Avis.

Fidalgo Velho : Ouvi, Mestre, a rainha e todos os seus, julgam-vos a léguas de Lisboa, em Alenquer.

Mestre de Avis : Sim, sim, a rainha teme-se um pouco de mim.

Fidalgo Novo : Pareceis pouco convicto, Mestre. A rainha não apenas se teme de vós, como procura todos os pretextos para afastar-vos. Maravilhar-se-á quando amanhã apparecerdes na corte.

Fidalgo Velho : E vós, Mestre, tendes entrada a qualquer hora do dia ou da noite.

Mestre de Avis : Digo-vos, amigos, que não tenho grande fé nem vontade neste empreendimento. E a maioria dos fidalgos estão pela rainha.

Fidalgo Velho : Prometei o que não tendes : nada mais fácil, disse-o bem alto a rainha : uma prebenda a este, um condado àquele, a outro os bens dos judeus, que se quiserdes muitos hão-de aparecer réus de crimes : prometei, Mestre, a torto e a direito, sem medir, e vereis mais tarde o que podeis cumprir, pois não ireis por certo entregar todo o reino à fidalguia de Portugal e ficardes vós senhor de meia dúzia de caminhos e barrocais.

Mestre de Avis : Muitos não trocam o certo pelo duvidoso, dizendo, como já ouvi a alguns, escusando-se, que mais vale um pássaro na mão que dois a voar.

Fidalgo Novo : O povo quer-vos como rei, apoiar-vos-á.

Mestre de Avis : Bem falais no povo, mas que conheço eu do que virá a acontecer na ocasião devida ? E de todas as maneiras, a rainha sempre é a rainha, ainda hoje lhe beijei a mão em sinal de obediência...

Fidalgo Velho : Achais bem então que a estas horas ela durma na cama com o amante, uma rainha de luto por vosso irmão, se calhar no mesmo leito da sua agonia, achais bem, pelos vistos, que a rainha por ser rainha despreze todas as leis dos bons costumes ! ?

Mestre de Avis : Não vos exalteis. Não, não me parece bem isso... Mas se já em vida de meu falecido irmão a rainha tinha o conde por amante...

- Fidalgo Velho :* E vós esqueceis que jurastes vingar essa afronta feita a vosso irmão ?
- Mestre de Avis :* Jurei e hei-de fazê-lo Talvez mais tarde... Devo parecer-vos hesitante... Sim, é que agora a rainha havia de querer tirar desforra, perseguir-me, eu seria obrigado a fugir para Inglaterra... Não, amigos, não me agrada a ideia de ter de ser eu a matar o conde.
- Fidalgo Velho :* Senhor, julguei-vos mais decidido e corajoso e digo-vo-lo, pois sei perdoareis aos meus anos e não ao meu atrevimento.
- Mestre de Avis :* Dai-me tempo para reflectir. Sim, se tenho que ser eu a cravar o punhal no peito do conde preciso garantir-me de que não tendo ainda a fidalguia, nem em mínima parte, por mim, terei ao menos o apoio do povo de Lisboa...
- Fidalgo Novo :* O povo acorrerá ao vosso chamado. Não reparastes já como vêm atrás de vós quando passais a cavalo na Ribeira, como vos aclamam ?
- Mestre de Avis :* Uhn ! Sou bastardo de rei e de mulher popular, e eles curiosos de saber de que casta é um tal homem.
- Fidalgo Velho :* O povo acorrerá a um sinal que combinarei convosco, afirmo-vo-lo : basta a sanha que têm contra a rainha, escandalizados como

se mostram por ela não ter feito exéquias solenes ao falecido esposo e rei, nem sequer o ter chorado em público. Ah, o povo, mais que a fidalguia, não esquece ofensas dessas, prefere que o deixem sem pão nem dormida, que o chicoteiem em público ou o obriguem à canga de sol a sol, sim, tudo aceitará resignado e submisso, menos que a sua rainha e senhora deixe de chorar em público o defunto rei apoiada ao braço do amante vivo e gozador.

Fidalgo Velho : Não só em Lisboa, mas por todas as vilas do reino se murmura que a rainha não chorou o defunto rei e no próprio dia do seu passamento dormiu com o conde galego.

Mestre de Avis : Dou-vos razão, senhores, mas como me assegurais que no momento próprio estarão todos do meu lado ?

Fidalgo Velho : Escutai como a coisa se fará. Amanhã, quando vós entrardes no palácio da rainha com o fito que sabeis, alguém de meu mandado andará correndo a cavalo por toda a cidade e a gritar que matam o Mestre de Avis, que acudam ao bom do Mestre — e crede, senhor, do povo de Lisboa não restará homem válido, mulher, garoto ou velho trôpego que não vá saber por si mesmo o que está a acontecer, fazendo medo de morte à rainha com a sua simples presença fedorenta e maltrapilha.

- Fidalgo Velho* : A rainha teme-se muito das arruaças dos populares, e vós, Mestre, deveis estar bem lembrado do que aconteceu com Fernão Vasques Alfaiate...
- Mestre de Avis* : Mais uma razão para serem eles a temer-se e não a rainha.
- Fidalgo Velho* : Esqueceis-vos de que é morto o rei e que a rainha, como mulher, não tendo a força do seu lado, é inimigo vencido.
- Mestre de Avis* : Parece-me vileza.
- Fidalgo Velho* : Não se tecem grandezas sem os fios da vileza.
- Mestre de Avis* : Ainda hoje eu e o conde combinámos uma caçada, não seria essa mais propícia ocasião de matá-lo ?
- Fidalgo Novo* : Abundar-vos-iam ocasiões, senhor, mas não mais propícias, pois não deixaria de seguir-se uma escaramuça entre os vossos homens e os do conde. Vós poderíeis sair malferido da empresa : não deveis adiar, Mestre.
- Fidalgo Velho* : Não adieis, Mestre. Mais propícia ocasião que esta não tendes : a rainha está de luto e não é permitido ao conde levar os seus homens armados para dentro dos paços ; no entanto, vós e os vossos homens podeis fazê-lo, sois familiar, seu cunhado, quase

irmão, não vos será estranho. Por Deus, Mestre, por que esperais ainda ?

Mestre de Avis : Sim... Cumprirei à risca o combinado, se consultado a fradinho da Arrábida ele for de aviso.

CENA VI

Mulheres de preto, na madrugada alvacenta, tiritando em redor de uma fogueira.

Mulher : Tudo dorme ainda, comadres, amigas minhas, a manhã mais parece uma mulher a arregaçar as saias pondo à mira o que deve andar tapado.

Mulher : O mundo é bonito mesmo assim, abacorado. Quando começa a destapar-se, passadas horas rescende. Ó, dia de canseira, dia de amargura. O que aí vem de claridade, de tarefas, de movimento — para quê ? Para nada.

Mulher : Bem haja a noite quando as criaturas dormem como se estivessem já na tumba.

Mulher : Ou as feiticeiras botam mágicas de perdição e mágicas salvadoras.

- Mulher :* Maldita noite, comadres : a noite é medos, nunca deixeis de a arreçar : piam mochos, cantam corujas, ah, noite amaldiçoada de sonhos de alucinar.
- Mulher :* AHAHAHAH, amigas, noites em que feitiços erram nos ares e se enroscam nas pobres mulheres indefesas, AHAHAHAH, noites de alucinação abençoada... Verdadeiras ? Fingidas ? Ó, noites !
- Mulher :* Temem as noites os mesmos noctívagos e vagabundos : eú temo-me da noite e do sono quando povoado de morcegada vem consumir-me de horrendas visões. Jesus !
- Mulher :* Arcas da noite, fugi !
- Mulher :* Arcas da noite, regressai !
- Mulher :* Infernos !
- Mulher :* Tudo abençoado, tudo amaldiçoado.
- Mulher :* IHIIHH, há quem da noite faça delíquio, do dia noite de estrelas e luas.
- Mulher :* Da noite, dia de fogaréus perfumosos.
- Mulher :* De dia descanso, da noite alvoroço.
- Mulher :* Caminhai depressa, alvoradas.

- Mulher* . Alvoradas, restai um pouco. IHIIH, para os que se encontram na cama remansados, abraçados a eleitos de seu coração.
- Mulher* : Ninguém se agarra ao eleito do seu coração ; a alma, pelo melhor, abraça-se a um fantasma.
- Mulher* : AHAHAH ! Conhecem-se fantasmas com duas pernas, dois braços, um par de belos olhos, doces falas das que nunca nos foram faladas.
- Mulher* : Um homem que como qualquer ressona, tem suores e fede : marranices tais e tais : ah, sempre se esbarra num homem.
- Mulher* : IHIIH, um homem que não um fantasma.
- Mulher* : Falemos claro, amigas, a rainha e o conde dormem nesta hora juntos.
- Mulher* : Tralaralarailarai, dancemos de roda, amigas, tralaralarailarai.
- Mulher* : Um fantasma a que ela chama amor, a amaldiçoada aleivosa. Essa que retaçando uns, levando outros à loucura, alguns à prisão, o pobre rei ao túmulo, essa que colhe amores como quem corta pés de rosa...
- Mulher* : O pobre rei morreu podre com uma ferida ruim que o minava por dentro : venenos do Criador, dos melhores venenos. Amen.

Feridas, sarnas, lepras, herpas, Óóóóahaha, trailarai.

Mulher : Pobre rei tão formoso e galante, ó tão amante e depois mirradinho, amarelo, ó tão amarelento, ó tão fedorento.

Mulher : Maldições do tempo, maldições, ó vento.

Mulher : Maldições que passam como bafos por Lianor. Ai mal tocam a flor. Ai flor, ai flor.

Mulher : Donzelas velhas calar, que o velhaco, o lorpa, o hipócrita espreita. Ele, o Demónio.

Mulher : O mal.

Mulher : Que mal ? Que bem ?

Mulher : Arreda ! Heresia. Há mal e bem.

Mulher : Não chorou nem chorará a rainha o defunto rei. IHIIHIIHIIH !

Mulher : Não chorou, nem se desentranhou, nem gritou de recatada mulher.

Mulher : A rês. OHOHOHOHOHIIHIIH !

Mulher : Amaldiçoado amor.

Mulheres : Ámen. Ámen. Ámen. Ámen.

- Mulher :* Vejo luzes naquele varandim : criatura que não dorme e se arreceia do amanhecer. Uma mulher vestida de branco com um castiçal na mão, uma donzela.
- Mulher* Não ela. IHIIHIIHIIH !
- Mulher :* Remorsos dos crimes cometidos não a oprimem, coração de animal feroz.
- Mulher :* Terá vinte ? Trinta ? Quarenta ? Quantos anos, se a vemos sempre formosa, eternamente namorada.
- Mulher :* Mil e daqui por mil e mil viverá ainda : vedes fantasmas, é ela, imaginada ou de ser: vejo-a vestida de ouro.
- Mulher :* Vestida de rosas. Ôôôôôôôô.
- Mulheres :* Feitiços que enfeitiçam, mulheres sem alma pra viver nos tempos maravilhosamente. Feitiços que enfeitiçam outras pra nascer velhas, ôôôôôôôô. Somos velhas, nascemos velhorras donzelas peladas, mortas de bem sisar. Aiaiai.
- Mulher :* Ai, amigas, com santidade e bons sisos ninguém vai parar a paraísos. Ai nem aos infernos, AIAIAIAI amigas, PURGATÓRIO NOSSO.
- Mulher :* Velhas donzelas, sssshiuerrriu ahahah, ai vem o bobo da corte.

- Mulher :* Bobo da corte, ó bobo, ó bobo.
- Mulher :* Mirai, todo piruetas, caretas, meias pretas.
- Mulher :* Sacanetas, tretas, tretas e mais tretas.
- Mulheres :* Ó bobo, ó bobo, ó belo bobo.
- Bobo da corte :* Oh, velhas donzelas e donzelas velhas, saúdo-vos, ó saltarelas. Ide por flores, saltai, correi prados, trazei borboletas, lacraus, bichas pretas, ide por essas matas, trazei silvestres roseirais, oh donzelas-donzeleiras-donzelonas carregai-vos de flores, ide, mirai-vos em regatos e fontes, remoçai, esquecidas de filhos, maridos, ó donzelas viúvas, viúvas casadas, pulai, remoçai nesses regatos floridos de rosas silvestres, ó cantarolai, bailai por montes e prados, anunciai que minha senhora a rainha vai dar um banquete, distribuir presentes, benesses, castigar os vis e premiar os fiéis com sopa de lacraus floridamente florida a pétalas de rosas sarnosas em taças de ouro e pedrarias, correi, donzelas velhas, velhas donzelas casadas viúvas nascidas e por nascer, que a rainha e minha senhora vai dar um banquete, distribuir benesses, sopa de sapos e cuspo de osga, ó saltarelas.
- Mulheres :* Ai, amigas, corramos, um banquete amigas de osgas e sapos e pétalas de rosa e ouros e pedrarias, eternals loucuras tão imaginárias que será de nós nos tempos a vir eternamente

de nós saltarelas donzelas velhas viúvas casadas virgens por nascer ao banquete corramos amigas que generosos vinhos de nossa embriaguez com purgatórios corramos e nossa alegria nossa juventude possessa possessivamente tomará nosso corpo bailemos amigas por montes e vales campos floridos à cata de lacraus e osgas pràs sopas de nossa senhora a rainha que servirá a seus convidados e nós damas de honra, floridamente. Ó EMBRIAGUEZ, Ó LOUCURA QUE SERÁ DE NÓS NO PURGATÓRIO ONDE NÃO EXISTIMOS, NÃO SOMOS NEM IMAGINÁRIAS DENTRO DE MIL ANOS OS NOSSOS CORPOS JOVENS

BAILEMOS, AMIGAS!

QUINTO ACTO

CENA I

A rainha D. Leonor encontrava-se numa sala do paço real em companhia de algumas donas e fidalgos, entre os quais seu irmão o conde de Barcelos e o conde de Andeiro. Conversavam animadamente quando D. Leonor, de súbito sobressaltada, pediu silêncio; fitava o olhar, ora no conde de Andeiro, depois no conde de Barcelos.

D. Leonor : Ouço passos, irmão, o barulho de cavaleiros que desmontam...

Conde de Barcelos : Uhn, cavaleiros? Talvez a criadagem ou o bobo.

D. Leonor : Ide ver às janelas, peço-vos, e vós espreitai na antecâmara.

Conde de Barcelos : Nada vejo, senhora e irmã.

D. Leonor : Escuto já a voz do Mestre de Avis na ante-câmara, e fala com os meus lacaios.

Lacaio : Onde ides vós, senhor, com vossos homens assim armados ?

Mestre de Avis : Falar à rainha, minha senhora.

Lacaio : Empurrais-me atirando-me ao chão, senhor, e não vos fica bem tratar de tal guisa um pobre criado. Se quereis ver a rainha ide vós só, senhor, mas não consintais que os vossos homens entrem convosco, pois a rainha está de dó por nosso rei e senhor D. Fernando e não achará bem que entreis assim acompanhado de homens armados nos seus paços : mandai-os aguardar fora de portas.

Mestre de Avis : Vistes vós a cena, amigo conde, uma vez que vos encontras aí à porta. Este vil lacaio a ditar-me modos de conduta, de como devo e não devo apresentar-me à rainha e minha senhora. Entremos todos, pois, amigos e companheiros de armas, o próprio conde de Barcelos sorri desse vil lacaio tombado no chão e espero não assustemos a rainha por nos ver assim, portas adentro, de roldão. Ó, a rainha sorri-se, ela própria se ergue, e vem falar comigo.

D. Leonor : Como assim, irmão ? !

- Mestre de Avis :* Permitti que de joelhos vos beije as mãos e vos peça me perdoeis depois de me ouvirdes.
- D. Leonor :* Erguei-vos e falai, dizei a que tornastes.
- Mestre de Avis :* Tornei, senhora, porque fui pensando pelo caminho e vi que não podia cumprir como convinha o desembargo que me destes. Como deveis estar lembrada ordenastes-me que me encarregasse da comarca de Entre Tejo e Guadiana e lhe protegesse as fronteiras para o caso de o rei de Castela não querer respeitar os tratos que tem convosco. Ora esses sítios são muito habitados de povo e fidalguia e aqueles por vós indicados para me prestarem serviço pareceram-me poucos para tão extensas terras e numerosas gentes. Por isso voltei para me assinardeis mais vassallos com os quais eu possa defender o que é vosso, servindo-vos com honra.
- Conde de Andeiro :* Pssiu, escutai, amigos : ide depressa armardes-vos porque o Mestre e os seus vêm armados e tenho para mim que este desembargo não é de por bem. Esgueirai-vos sub-repticiamente, vós e o resto dos meus homens e tornai de seguida.
- D. Leonor :* Escudeiro, ide a João Gonçalves, escrivão, e dizei-lhe da minha parte que veja nos livros dos vassallos daquela comarca e dê ao Mestre de Avis quantos ele requeira. E vós, Mestre, meu irmão, esperemos que desta vez vades

bem desembargado. Se tivésseis falado quando vos acháveis em conselho, escusaríeis de andar de cá para lá, em idas e vindas a estafar homens e bestas. Mas estais perdoado.

Mestre de Avis : Agradeço-vos, senhora, e dou-vos razão. A verdade é que os homens só me pareceram de somenos quando os comparei com o tamanho das terras que ia percorrendo e que são vossas.

D. Leonor : Sim, Mestre, irmão. Oh !, mas agora reparo e um pouco me espanto, que vós e os vossos tivessem entrado aqui armados. Por Santa Maria ! Os ingleses nisso, dizem, têm melhores costumes : em tempos de paz não cuidam de andar armados, mas sim de usar belas roupas e luvas e cabeleiras cuidadas como donzelas. E nem por tal, em tempos de guerra, eles deixam de saber usar as armas como todo o mundo sabe.

Mestre de Avis : Dizeis bem, senhora, mas isso fazem os ingleses porque têm muitas guerras e só de quando em quando a paz, e nós, pelo contrário, temos em demasia paz ; e assim, se no tempo da paz nos não preparamos para uma santa guerra, quando vier o verdadeiro batalhar estaremos sem saber usar das armas, isto é, como quem diz, vencidos pelo mais cobarde inimigo.

- D. Leonor :* Sabeis muito bem manejar a boa arma da sensatez, irmão, quando justificais os vossos modos insensatos. Permitti que me retire para junto de minhas donas.
- Conde de Barcelos :* Ficais connosco para jantar, Mestre ?
- Mestre de Avis :* Para jantar não fico, mas peço-vos que vos retireis vós, antes de mim, pois eu vim para matar o conde de Andeiro.
- Conde de Barcelos :* Ficarei, então, para vos ajudar.
- Mestre de Avis :* Não queirais tal e aguardai-me em meus paços para jantar que mandei fazer de comer para muitos que comigo hão-de alegrar-se. Ide andando que não tarda que vá ter connosco.
- Conde de Andeiro :* Vi sair o conde de Barcelos, irmão da rainha, não quereis vós ficar e comer connosco ? Vão sendo horas...
- Mestre de Avis :* Ó, já o conde de Barcelos me tinha dito que jantasse mas não o farei, pois tenho feito em casa que comer para mim e minha gente. Agradeço-vos.
- Conde de Andeiro :* Ora comei aqui que se faz tarde para irdes a vossos paços, mas se vos não apraz despeço-me de vós, pois para mim vão sendo horas.

- Mestre de Avis :* Quando um homem de visita a casa alheia é instado para comer, das duas uma : ou é muito desejado ou aborrece já. Sei que vos aborreço, conde, e vejo-vos olhar a porta com receio e desconfiança, mas não quero ir-me sem vos dizer umas palavras em particular.
- Conde de Andeiro :* Desconfiança ? ! É que tardam os meus homens para comermos. Da melhor vontade vos escutarei, Mestre, mas primeiro irei lá dentro saber dos criados se já puseram o comer na mesa e volto prestes.
- Mestre de Avis :* Não vades antes que eu vos fale, pois o que vos quero dizer breve se diz, e também para mim vão sendo horas de me retirar para comer. Deixai que vos tome o braço e vamos até àquele desvão onde não teremos receio de escutas.
- Conde de Andeiro :* Sim, Mestre. Dizei, pois, o que me quereis.
- Mestre de Avis :* Contaram-me, não sei se com verdade se com mentira, que vós, conde, trabalháveis com a rainha a minha morte. Muita admiração isso me causa, pois sempre vos quis bem.
- Conde de Andeiro :* Ó, pois é disso que se trata, senhor e Mestre de Avis ? Juro-vos que os que assim disseram falaram mentira. Lembrais-vos da nossa última caçada ao faisão e ao veado ? Se me tivesse passado pela cabeça matar-vos alguma vez tê-lo-ia feito na altura, e crede-me...

- Mestre de Avis :* Vejo-vos sorrir, conde. Por certo nunca ouvistes dizer que também eu vos queria matar... Aí tendes o resultado da vossa negligência : um primeiro golpe vibrado na cabeça, um segundo punhal cravado nas costas que não chegastes completamente a virar ; um outro um outro : por Deus, estertorais já, tombado no solo, por Deus a tanto me obrigastes com a vossa insensatez. Por Deus, que a tanto me obrigastes, vingar meu irmão.
- Conde de Andeiro :* Leonor. Leonor. Leonor... Leo...nor.... Ó, Deus...
- Mestre de Avis :* Estai quedos, pessoal de meu serviço. A morte do conde é bastante de um punhal só : da sua vida nada mais resta que leve estertor : o sangue alastra e escorre pelas frinchas do soalho. Estai quedos, ordeno.
- Homem do Mestre :* Aí vem a rainha que deixou o cravo e a companhia de suas damas.
- Mestre de Avis :* Desfaçam o cerco e deixem passar a rainha para que ela veja o amante morto.
- D. Leonor :* Meu amor, ó meu amor. Está consumado o nosso amor. Era isto que pressentíeis, isto que eu temia. Meu amado. Meu amor. As vossas queridas mãos arrefecem. E vós, abutres, que quereis ainda ? Usai dos vossos punhais e enterrai-mos no coração que grata vos ficarei.

- Mestre de Avis :* Ide-vos todos daqui, deixai-me a sós com a rainha, minha senhora.
- D. Leonor :* Que quereis à vossa rainha e senhora ? Amanhã mandarei fazer três salvas como nenhuma outra mulher fez pelo homem amado. Isto, se não quereis cravar neste instante o vosso punhal no meu peito, porque se o quiserdes pronta estou, disse-vo-lo.
- Mestre de Avis :* Rainha e senhora, sossegai, eu não vim aqui para vos malfazer, mas sòmente para matar o conde de Andeiro, que foi um mau servidor de el-rei.
- D. Leonor :* Se assim é, cumpristes a vossa missão, saí dos meus paços.
- Mestre de Avis :* Não sem que vós me perdoeis se malferi o vosso coração, pois que, por outro lado, sei ter andado bem em defesa do vosso estado de rainha.
- D. Leonor :* Para que pedir o que arrancais quando não tendes nem podeis ter ? Vós não precisais de implorar o meu perdão, mas, se Deus quer, eu de pedir o vosso.
- Mestre de Avis :* Não sairei, senhora, como leal servidor que sou, enquanto vos não disser que deveis impedir a todo o custo a entrada no reino ao rei de Castela, vosso genro, que segundo consta vem a caminho com grande trato de gentes.

D. Leonor : Como hei-de então impedir, Mestre, que os legítimos herdeiros tomem conta daquilo que por justiça e lei lhes pertence ?

Mestre de Avis : Senhora, fazei novos tratos ou aceitai a guerra com a guerra. Enviai mensageiros dizendo que o reino vos pertence e aos portugueses, e se ele não vos quiser ouvir juntareis então vossas gentes e embargai-lhes a vinda, pela força.

D. Leonor : Dizeis muito bem, Mestre, nunca esquecerei os vossos conselhos nesta hora : estai certos de que hei-de chamar-vos e ter-vos sempre ao meu lado nas graves resoluções que hão-de seguir-se. E agora retiro-me, visto que vós o não quereis fazer, por vos parecer que esta casa é bem vossa e onde podeis estar e fazer o que vos aprouver. Vede o cadáver do conde : não me parece bem que o deixeis aí numa poça de sangue que seca sobre o soalho e depois mal podereis mandá-lo lavar. Mandai soterrá-lo a tempo. Sim, está melhor, coberto com esse tapete encarnado e tão floridamente florido ! Sois criatura de bom aviso, sempre. De vós me despeço.

Vozes do Povo :
(*Clamores vindos de fora*)

Aqui del-rei que matam o Mestre de Avis nos paços da rainha. Aqui del-rei, que matam o Mestre de Avis, filho de el-rei D. Pedro e de Teresa Lourença. Ia o bom do fidalgo a caminho de Alenquer em serviço da rainha e armaram-lhe uma emboscada man-

dando-o vir aos paços para o matarem à falsa fé. Arrombem-se as portas do paço ou vá-se pôr lenha e arda tudo, vá Lisboa rasa. Aahahahahah! Traz a escada. Lenha! Fogo! AHAHAHAH. Por aquele janelão, janela ó janelinha! AHAHAHAH! A ver como os fidalgos bailam quando cheirar a chamusco. Mata-se o Andeiro e a rainha! Aleivosa! Barregã! AHAHAHAH! IIIIIHHIIHHIIH! Morra! Viva! Fogo! É dar neles! Espicacem-me esses marranos.

Fidalgo : Mestre, por Deus, senhor, mostrai-vos antes que demasiado tarde se faça. Dizei ao povo que estais vivo, que matastes o Andeiro.

Fidalgo : Depressa, Mestre. Não escutais como a sanha do povo cresce contra tudo e todos e de tal guisa que daqui a nada já não distinguem fidalgos de fidalgos e nem a vós pouparão!

Vozes de fora : Aleivosa. Barregã. AHAHAHAHIIHHIIHHIIH! Alma de Satanás. AHAHAH! Tens pacto com mil diabos, inimiga de Deus! AHAHAH! Ainda quero saber do sabor de uma rainha de quem se enamoram todos os fidalgos. AHAHAH! Cá o Zé leva-te montada no seu cavalo de pau. Todos a levam. IHHIIH! Põe-se toda a fidalgaria a bailar, espetada nas pontas dos chuços! IHHIIHAHAHAH! Olha, lá está um, de poleiro, quer botar-se a falar melhor que nós! Ihaihahih!

Fidalgo : Amigos! Povo de Lisboa, aquietai-vos! O Mestre de Avis está vivo e o conde de

Andeiro é já morto. Estai quedos com madeiros, lumes, fueiros, machados, chuços. Por Deus, povo de Lisboa!

Vozes :

AHAHIHIHOHOHIHOH! Quedos! Fora, peralvilho! AHAHAH! Quedos! Por Deus, povo de Lisboa! IHIHOHOHOHAHAHOH! Se o Mestre está vivo, mostrai-o em vez de alvitardes, por DEUS ESTAI QUEDOS, POVO DE LISBOA! IHOHOH! Tomai lá uma pedrada, para saberdes do povo de Lisboa. IUZVZUZVZB. Outra! Mostrai o Mestre e nós nos iremos quando o virmos são e salvo! VZVZVZ, IH pedras, pedrões de Lisboa! Aí vai! Aí vai! Aí vai!

Fidalgo :

Por Deus, Mestre, feriram-me num ombro e as pedradas continuam a chover. A sanha do povo cresce, é uma tormenta: mostrai-vos, senhor.

Mestre de Avis :

Mortos seremos se Deus quer, mesmo mostrando-me eu ao povo. Desencadeámos as fúrias escondidas, teremos que sofrê-las ou perecer nelas. Falarei ao povo. Povo de Lisboa, amigos, apacificai-vos porque eu vivo estou, graças a Deus.

Vozes :

IHIHAHAHIOHIHOHAH. Sois vós então o Mestre de Avis? Ou sois outro por ele? Nunca vos vira. AHAHAHOHOHOHIHIH. Os fidalgos são todos iguais, os mesmos nos meneios, vestimentas e palavras! AHAHAH, ora Mestre! Nós também somos mestres al-

faiates, mestres ferreiros, mestres sapateiros,
mestres diabos quando calha AHAHAHOH-
OHUHUHUUH !

Mestre de Avis : Sou o Mestre de Avis, por minha honra.
Acabo de vingar el-rei meu irmão, matando
o conde galego.

Vozes : Ele jura que é o Mestre de Avis ! Será, não
será ! Eh ! É, é ele, conheço-o, vi-o um dia
em Alcântara montado numa mula, corri
atrás dele e beijei-lhe a mão ; todos corriam.
Olha todos corriam ao beija-mão ! IHOHIH-
IHOHOH ! Viva, pois, o Mestre de Avis,
porque o mestre alabardeiro o reconhece !
Viva ! Viva ! Viva o Mestre de Avis. Viva
D. João, Mestre de Avis !

Mestre de Avis : Folgo, amigos, por me ver reconhecido por
vós.

Vozes : Viva D. João, Mestre de Avis, Regedor e
Defensor do Reino ! Viva !

Voz isolada : Pois dissestes, senhor, que tínheis matado o
conde galego ? Porque não matásteis a alei-
vosa com ele ?

Mestre de Avis : A rainha é rainha, amigos.

Voz isolada : Poupais a víbora : queira Deus não venha ela
a botar-vos peçonha, fazendo-vos mais mal
que bem.

Voz isolada : Lembrai-vos que por um nada não morrestes degolado a uma ordem da rainha.

Voz isolada : Que mal acabe quem mal começa : vamos nós matá-la !

Mestre de Avis : Tende tento, amigos. Bento seja Deus que não permitiu que eu fosse morto nesta façanha e agora tendo-vos por meu lado, também o não serei.

Voz isolada : Devemos matar a rainha. A aleivosa !

Mestre de Avis : Amigos, se me elegestes como vosso defensor, deveis-me obediência.

Voz isolada : Razão tendes, senhor, e se quereis poupar a rainha, poupai-a a vosso contento.

Vozes : Viva D. João, rei de Portugal ! Viva ! Viva !
Viva !

Mestre de Avis : Agradeço-vos, amigos. E agora ide em paz para vossas casas enquanto aqui se resolvem os negócios de bem reger o reino de que me encarregastes e de que depois vos darei parte.

Vozes : Bem dito, Mestre ! Viva D. João, Mestre de Avis, rei de Portugal ! Viva !

Começara a debandada do povo em grande grita, seguindo-se o toque repicado de sinos

misturado com toques a rebate, vozearias de alegria e sobressaltada fúria. Nas salas do palácio os fidalgos olhavam-se um tanto perplexos, assustados, num ar de quem acaba de escapar a um perigo recente que pode vir a repetir-se. Desviavam esse olhar medroso fixando-o sobre o vulto coberto com uma colcha vermelha, o cadáver do Andeiro, do qual ainda escorria sangue que ia empapar os recessos sombrios a regar dos paços nesse glorioso, temeroso dia.

CENA II

Um grupo de mulheres, não longe dos paços reais.

Mulher : Ó, o que nós vimos, o que nós veremos, Jásus!

Mulher : Enterrou-o a bem dizer sòzinha, com a ajuda de uma criada velha. Com medo da vingança deste ou daquele ninguém acorreu quando ela mandou botar salvas pelo amante ; ninguém se atreveu a comparecer para lhe darem, ao belo conde, a última morada.

Mulher : Ninguém de fidalgaria. Do povo, ninguém admitido seria. Ai, Jásus-Maria !

Mulher : Quem se atreveria, Jásus-Maria !

- Mulher :* A fidalgaria, entre a rainha, o Mestre de Avis e o rei de Castela, não sabe pra onde pender, hesita no virar. Oh ! Como pondera ! UHUH-UHUH !
- Mulher :* Pondera, pudera : qual o que terá mais azo, qual virá dividir, repartir, tirar daqui, pôr dacolá. Olá ! Os fartos temem-se, os mingados temem perder o bocado. Chegará ? Não chegará ? UHUH ! Fidalgaria !
- Mulher :* Borrados. Borrões. E mais. Toma. Safados !
- Mulher :* Ai ! Ainda o belo conde galego apodrecia embrulhado numa velha manta de seda encarnada já eles disputavam.
- Mulher :* O melhor bocado. O maior dador.
- Mulher :* Ai, o conde, o belo conde a apodrecer em sedas. E nós ? Ó, apodreceremos em ricas mantas de farrapos esfarrapados. Que melhor ? Também eu quereria uma manta de seda vermelha para me enfeitar no Além. Que o Aquém. Ó !
- Mulher :* Ai, comadres minhas. Ai ! A rainha enterrou-o e às escondidas chorou-o. Dizem. Ai, e dizem que, de verdade, ninguém lhe viu uma lágrima sequer nos olhos irados. Ai ! Mas de penas pelo amante morto, dizem, ela sufoca e que os ais lhe saem do peito, noite alta, ais de partir o coração pois de coração partido eles vêm, ais como que de carne rasgada,

das entranhas mais fundas da angústia da dor.

Mulher : Alma que se rasga em pedaços, contam as amas. E que caminha como leoa enjaulada de cá para lá nos aposentos. Que murmura «meu amado». E que antes de o levar a enterrar abraçou e beijou como louca o corpo morto. E, ó, dizem que dormiu com ele nos braços, tendo-o bem embrulhado no manto de seda encarnada, ele já frio e verde e azul de cadáver, ela falando-lhe e pal-pando-lhe o rosto, os cabelos, chamando-lhe seu amor.

Mulher : Ó almas terrenas !

Mulher : Almas ferozes, de tudo capazes. Não sabeis vós que essa mulher, que ainda é rainha, dizem, de uma vez comungou a hóstia consagrada a fingir, só para dar mostras de santidade e compunção quando a sua alma, ó, essa alma, ardia envenenada dos mais negros pecados do malfazer. Ó !

Mulher : Ó ! Comadre, que bem falais, mas sabereis vós ao certo de certeza se haverá alguém que tome a hóstia sem ser de fingimento, alguém de coração limpo, alguém de verdadeiro arrependimento ? Ó !

Mulher : Ôôôô, Jasus-Maria : se o Inferno está tão cheio como dizem os clérigos por algum motivo será : ai comadres. Ó !

- Mulher :* No Inferno há várias circulatoras, dizem que pelo menos sete : os menos ruins ficam na ponta e jogam à cabra-cega com o Diabo, os mais do centro ardem em caldeirões e assim e assado por cada volta que os infernos tecem. IHUHUUHUUHUUH ! Ai ! Ó !
- Mulher :* Ó, bem conheceis a do bacinete de Álvaro Pais, o fidalgo, que por bem parecer um dia se ajoelhou perante a rainha dizendo que queria servi-la e que ela ordenasse o melhor modo de fazê-lo, e que ela respondeu : «Sim, meu amigo, há uma boa maneira, quero a vossa cabeça espetada numa lança à porta da minha câmara.» «Mas, senhora, se me mandais cortar a cabeça não vos servirei de nada.» «Ó, servireis, sim, amigo, de ramilhete à porta das minhas habitações : pois vendo-vos a todo o instante, naquela postura, lembrar-me-ei de que não sou imortal e que um dia prestarei contas dos meus pecados.»
- Mulher :* A cabeça de Álvaro Pais espetada numa lança assustaria o próprio inimigo — mas duvido que assustasse a rainha, e se isto não passou de jogo de sala não foi por falta de vontade dela de que do brinco se fizesse acontecido.
- Mulher :* Ui ! Ai ! Comadres, o que uma mulher, rainha de tal guisa, não é capaz de urdir !
- Mulher :* Oh ! Pasma ! Como pasmaremos ainda mais. Por sua causa as criaturas cometem desacatos,

vivem em desassossego ; sim, os fidalgos temem-se mas o povo... Ai, comadres, nós que somos o povo. Ai !

- Mulher :* Dizei claro : o povo matou e desfez em postas a abadessa do convento porque era prima da rainha e mais, assassinou o bispo e amigos do bispo que com ele se tinham escondido na torre da Sé, e pumba, atira-lhes com os bestuntos do alto prà rua. Ó, nossas gentes ! Fartar, naqueles gordos odres. Vingar de tantos males.
- Mulher :* Ó nossas gentes, tirar vinganças da rainha, da fidalgaria, de quem tomou partido por ela, de quem virá a tomar. Ó nossas gentes, vingança de tantos males. Vingança !
- Mulher :* Livrar-se de uma má rainha. Ó ! Má rainha. Pra ter um bom rei. Ó ! Um Mestre de Avis.
- Mulher :* Olaré, um bom reizinho. Ó minhas gentes, enquanto rainha vai, rei vem, vingança de tantos males. Ó gentes nossas, vingar. U!U!U!
- Mulher :* Consta que o Mestre de Avis está já a distribuir pelos amigos os bens da rainha e os dos ricos judeus.
- Mulher :* Todos os judeus são ricos, uns poucos pobres, sarna de criaturas.
- Mulher :* Também eu buscaria um pitéu de judeu, não direi já de rainha.

- Mulher :* Fosses comadre minha ao Mestre, dizendo :
«Também sou fidalga, também sou burguesa,
pra cá da pitança e vamos na dança.» Ó !
- Mulher :* Abaixo a rainha, viva o rei D. João, Mestre
de Avis.
- Mulher :* Viva ele e outros seus fidalgos e burgueses
e outros mestres plebeus da nossa casta.
- Mulher :* Melhor casta a nossa que a dos burgueses,
comadres. Não vistes como em S. Domingos
esses barrigudos hesitavam se deviam ou não
deviam aclamá-lo regedor e defensor do
reino e depois de terem falado, falado, durante
horas seguidas, por fim lá assinaram que sim
senhor, regesse o Mestre, mas que não esta-
vam ainda assim seguros do passo dado.
Danação, com o povo não é assim, já tinha
feito as aclamações sem mais delongas. Ó, o
povo nunca está com meias medidas.
- Mulher :* Só fidalgos e burgueses têm que perder. Ah !
O povo que de reis e rainhas só conhece de
ouvir falar, pelo chicote com que o mandam
chicotear, o povo aclama quando chega a
hora de aclamar, dá morras na hora de dar
a morte : e a rainha, comadres, é como se
estivesse morta. Morras mereça a pena.
- Mulher :* Mesmo rainhas, as criaturas passam pelo
mundo como se fantasmas fossem.

- Mulher* : Um fantasma que não entra em lamúrias : a criatura não é de prantos.
- Mulher* : Coração de pedra, alma de tigre, bofes de pantera.
- Mulher* : Papa-hóstias maldita, come-cristãos-amortalhados. Velhaca. Aleivosa.
- Mulher* : Aleivosa.
- Mulher* : Mais morta que viva. Viva el-rei D. João, Mestre de Avis ! Morra D. Lianor !

CENA III

Noite calada. Iam chegando frente aos paços reais vários fidalgos que descavalgavam e se reuniam na sombra em conspiração.

- Fidalgo* : Vistes o Mestre ?
- Fidalgo* : Vimos. Ficou de vir.
- Fidalgo* : Virá ?
- Fidalgo* : Tarda o Mestre. Ah ! Tem teimado que embarca a prestar serviços e ganhar honras na corte de el-rei de Inglaterra. Dissemos-lhe, para o demover, que em nenhuma

parte um fidalgo poderia prestar melhores serviços e ganhar mais honras que na sua própria terra, em defesa da sua fazenda.

Fidalgo :

Depois da morte do Andeiro, teme-se das represálias da rainha e ela teme-o a ele : espreitam-se como o gato e o rato sem cada um deles saber bem qual a pele que traz vestida, se do gato, se do rato.

Fidalgo :

Nós, amigos, é que já muito nos comprometemos neste negócio e não podemos deixá-lo partir. E então agora, que a arraia-miúda tomou voz por ele, mata alcaides e bispos, fidalgos e burgueses, acusa todos os grandes tomando-lhes castelos e vilas, tudo em nome do Mestre. Nenhum de nós está seguro enquanto ele não se decidir. E ouvi que, no Porto, a um alferes que se recusou a andar com a bandeira do Mestre, a gritar pelas ruas: «Viva D. João, Regedor e Defensor do Reino», mataram-no como quem mata uma rês ; o outro intimado logo a seguir, não hesitou um instante, montou no cavalo e consta que gritava tanto por el-rei D. João I de Portugal que ao fim de uma hora estava mudo de rouquidão.

Fidalgo :

O mulhereado, senão pior, mata e esfacela abadessas e condessas : e o povo não distingue abadessas de abadessas, condessas de condessas.

- Fidalgo :* Deus, que forças fomos desencadear. E se o Mestre...
- Fidalgo :* O Mestre ficou de nos dar uma certa resposta esta noite.
- Fidalgo :* Se tarda é porque hesita ainda.
- Fidalgo :* Virá desculpar-se, mais uma vez, que a rainha é rainha e não contente com ter-lhe pedido perdão de joelhos, a seus pés, após a morte do Andeiro, quer agora abandonar a empresa começada e o reino, indo-se para Inglaterra.
- Fidalgo :* É mais que temor à rainha, amigos, pois consta que D. Leonor fugiu para Santarém e lá espera auxílio do genro.
- Fidalgo :* É a guerra. Quem quiser o que é seu terá que entrar em combates contra o rei de Castela ou passar-se para a sua banda.
- Fidalgo :* Fidalgos deste reino, amigos, creio ser já demasiado tarde para aqueles que quisessem passar-se para Castela. Sabe-se que conspiramos com o Mestre, que o incitámos e não será honroso. Não deixaremos embarcar o Mestre e faremos guerra à rainha e seus aliados.
- Fidalgo :* Ei-lo que surge, o Mestre !

- Mestre de Avis :* Desculpai-me, amigos, se chego a desoras. Quis parar em S. Domingos a aconselhar-me com o santo fradinho da Arrábida, que veio a Lisboa a meu pedido. Sim, amigos, fico convosco e seja o que Deus quiser.
- Fidalgos :* OH! OH! OH! OH! OH!
- Fidalgo :* Não esperávamos outra mais nobre resolução de vós.
- Fidalgo :* Ficamos mui contentes, Mestre, que tendes tomado tal resolução.
- Fidalgo :* Na hora em que mais necessário sois ao reino e à fidalguia que por vós ficou.
- Fidalgo :* E se não fosse a questão que tendes com a rainha, o reino dividido em vários que-teres... Se me perdoais, Mestre... É que tenho estado a pensar...
- Mestre de Avis :* Dizei. Que pensáveis ?
- Fidalgo :* Que o rei de Castela vem contra nós com todas as suas forças tomar conta do reino que de direito lhe pertence e que se vós... Se vós, Mestre, propusésseis casamento à rainha, teríeis o reino, de Norte a Sul, unido para se opor a Castela.
- Fidalgo :* Bem lembrado ! Bem dito !
- Mestre de Avis :* E se a rainha recusa ?

- Fidalgo :* Tanto pior para ela, e para vós, para todos, enfim.
- Fidalgo :* Mesmo assim, na dúvida, deveis pedi-la em casamento, senhor. E se ela aceita é o mesmo que impedi-la de reger o reino e fechar as portas às pretensões de Castela, em parte, por ver tal união.
- Fidalgo :* Mais tarde perdoar-vos-á a morte do An-deiro, e, senhor, ficareis com uma formosa mulher ainda em idade de vos dar legítimos herdeiros.
- Fidalgo :* Vejo-vos pensativo. Que respondeis, Mestre ?
- Mestre de Avis :* A rainha está de luto, dorida, mal parecerá. Vejo daqui as luzes da sua câmara, de quem, como besta ferida, não dorme.
- Fidalgo :* Vedes luz mas para velar a sua ausência. A rainha fugiu para Santarém com medo da sanha do povo, que não respeita fidalgos nem clérigos, ninguém que não seja e dê vozes por vós.
- Fidalgo :* Se for de vossa vontade, Mestre, manda-se um emissário a Santarém com uma carta assinada por vós, alguém que saiba ir e voltar no tempo de um sinal-da-cruz e...
- Mestre de Avis :* Mas o luto da rainha, amigos ?

- Fidalgo :* Bem deveis saber, Mestre, que uma mulher que não chorou o rei seu esposo e manda dar salvas pelo amante pouco olhará a tais questões.
- Fidalgo :* Se o consentirdes, Mestre, manda-se alguém a Santarém bem falante para se desempenhar da missão...
- Fidalgo :* Ora essa, mas não necessita de ser bem falante, bastará que haja asas nos pés e entregue a carta que ides escrever, senhor.
- Fidalgo :* Digo-vos, Mestre, bem fareis se escreverdes à rainha, pedindo-a em casamento.
- Mestre de Avis :* Sempre bem me tendes aconselhado : escreverei, pois, à rainha como dizeis. Mas vejo que alguém chega como mensageiro. Erguei-vos, criatura, dizei a que vindes ?
- Mensageiro :* Digo-vos, Mestre, que o Castelo de Lisboa acaba de cair. O povo fabricou uma «gata» e pôs nela a família do alcaide e ou este entregava o castelo ou a mulher e os filhos seriam mortos. O alcaide nem pensou duas vezes e entregou o castelo. Que direi ao povo de vossa parte, Mestre, pois o povo me mandou contar-vos o feito e que vosso é o castelo.
- Mestre de Avis :* Dizei-lhes que com ele estou e que amanhã me encontrarão a ouvir missa em S. Domin-

gos, dando graças a Deus pelo acontecimento e pedindo-lhe que nos ajude a defender o reino das pretensões de Castela.

Mensageiro :

Corro a dar parte do vosso recado, senhor, mas não sem que vos beije a mão.

Fidalgo :

Bem vedes, Mestre, como havia razões de ficardes : tendes o povo por vós e muitos fidalgos que isso vêem se vão passando para as vossas hostes.

Fidalgo :

Bem fareis, pois, senhor, se prometerdes dar aos vencedores os bens dos vencidos como fizeram já os vossos antepassados e como é costume em todos os povos.

Fidalgo :

Chegou a hora de dar o que não é vosso e prometer o que não tendes ainda.

Fidalgo :

Sem isso não tereis um único fidalgo do vosso lado, pronto a dar a vida por vós.

Mestre de Avis :

Conto que convosco não seja de tal guisa...

Fidalgo :

A cada um suas razões.

Fidalgo :

Boas ou ruins ou as duas qualidades juntas.

Fidalgo :

Como vós tendes as vossas, senhor...

Fidalgo :

Verdes-vos rei...

Fidalgo :

Termos-vos nós aconselhado...

Fidalgo :

Vejo-me velho e guardo-me de dar-vos as minhas razões, mas repito-o, senhor, o melhor rei dos nobres é aquele que mais dá, o melhor rei dos plebeus, o que mais promete ; aos clérigos púrpuros e púlpitos, isto é, honras e proveito. Senhor Mestre de Avis, sois novo e tendes força para palmilhar qualquer senda e se bem vos houverdes bom estado vos há-de caber. Deixai de todo as hesitações e tomai a chefia do povo de Lisboa e dos outros povos do reino que já dão vozes por vós, obrigai a rainha a pôr-se do vosso lado ou a abandonar as terras que vossas hão-de ser. Deixai as batalhas alheias de Inglaterra e criai fama nas vossas que bem vos reclamam, pois mal-avisado anda quem deixa a injustiça e a miséria na própria casa e pretende ir justificar e engrandecer os que melhor justiça e acrescentamentos têm já. Mais louvável seria o contrário.

Fidalgo :

Nós, que bem contrários nos achamos à fortuna, senhor.

Mestre de Avis :

Ganhemo-la, pois, a fortuna para a nossa causa em nossa casa : assim seja, amigos. E agora, unidos, para viver ou morrer.

CENA IV

A rainha passeava de cá para lá na sua tenda de campanha à luz bruxuleante de uma vela.

Uma camareira idosa seguia-lhe as passadas numa mudez dorida.

Camareira :

Dói-me ver-vos nessa danação, senhora. Porque não ides deitar-vos e tratais de descansar ?

D. Leonor :

Dizeis-me que descanse quando sabeis que mil punhais me são apontados de todas as bandas, que tenho o coração e a alma em farrapos ? Ó, velha tonta. Eu não mais poderei descansar, não mais em vida minha, nem mesmo quando tirar cabal vingança. E não julgueis que é sòmente a morte do conde, o fim de todo o amor o que me afflige e hei-de vingar ! Não é. Falo-vos deste jeito pois sei quanto me quereis, porque tudo sabeis de mim : sim, vós bem conheceis porque comungo todos os dias engolindo a hóstia que gostaria de cuspir, sabeis porque finjo rezar quando a minha alma é fel, porque rio e folgo com os meus mais tremendos inimigos quando o meu coração sangra. Quero pisá-los, beber-lhes o sangue da vida que têm escoado da minha vida. Ó, se não mataram o Mestre de Avis sem mais delongas como ordenei, ó, se assim for terei que fazê-lo por minhas próprias mãos ainda que disfarçada de mendiga : sob o albornoz da minha miséria o punhal. E com que feroz alegria eu não enterrarei esse punhal no peito do inimigo, esse maligno consórcio de bom senso e corrupta compunção, essa coisa

destruidora de quê, de quê, ó Deus! Saberás tu, velha amiga, que para que a minha vingança fosse completa eu teria de matar meio reino de fidalguia, meio povo, ou toda a fidalguia, todo o povo, essa arraia-miúda de bocas pestilenciais, tendo mil demónios por minha conta a atanazá-los nas profundas dos infernos, na mais ardente fornalha. Esmagar tudo e todos, chaciná-los, fidalgos e plebeus. Oh! Sim, depois, depois de algumas horas de infernais tormentos dar-lhes-ia os céus por recompensa, gozassem-no, gozassem-no!, com mil arcanjos a trombetear. Ah! Como os desprezo e aos seus céus, eu que para fim último desejo trezentos infernos, eu só, a meio das chamas, purificada como um Lúcifer que não temeu enfrentar a corte celestial, como um Lúcifer limpo da vergonha, desta infâmia de existir. Eu e Lúcifer, a sós nos infernos após esta coisa. Um dia o mundo será um inferno e só então haverá nele claridade, limpeza. Vai, velha amiga, vai consultar os espíritos, saber se a estas horas o Mestre de Avis foi morto.

Camareira :

Delirais, senhora, e só como delírio as vossas blasfémias obterão perdão. Os espíritos? Ao cair da noite ficam mudos, não dizem mal nem bem: embirrações de espíritos.

D. Leonor :

Ide-vos. Deixai-me delirar a sós, blasfemar como dizeis.

Camareira :

Desconheço-vos, vós sempre tão senhora dos

vossos pensamentos, isenta de palavras vis, dona de vossas acções, que nunca chorais ou ris sem saber o para quê e o porquê do vosso choro e riso, vós, enfim...

D. Leonor : Ide-vos, ide-vos ! Escuto passos, não os ouvís vós ? Ah, alguém vem, por fim, dar-me novas do Mestre. Sois vós ? Mataram-no ?

Oficial : Senhora e rainha, nada sei da morte do Mestre, mas presumo que está vivo e bem vivo, pois vos manda um mensageiro que pede para ser por vós recebido.

D. Leonor : É isso então ? Podeis ler-me no rosto a amargura. Que quer o mensageiro do Mestre ? Quem o deixou aproximar-se do meu acampamento ? A minha guarda já não sabe impedir a entrada de tais laçaios ? Como soube ele o local onde me escondo se vim para aqui no maior segredo ? Sim, disseis a esse enviado do Mestre de Avis que entre, porque não ? Se a tanto chegámos já. Sois então enviado do Mestre ? Que quereis ?

Mensageiro : Senhora e rainha...

D. Leonor : Não vindes armado ? O Mestre de Avis não vos deu um punhal ?

Mensageiro : Rainha e senhora, o Mestre manda-me apresentar-vos as suas homenagens e entregar-vos esta carta.

D. Leonor :

Uma carta?... Sim, a luz da lamparina é fraca mas vejo que é uma carta. Do Mestre, dizeis? Conheceis, por certo, o que nela vem escrito, posso ler alto. «Rainha e senhora...» Ó! Ó! «Se vos dignardes conceder-me a vossa mão...» Que têm as minhas mãos? Vede-las nesta terrível luz? E para que quererá alguém as minhas mãos, muito em especial o Mestre? «...Sabeis quanto vos respeito e amo, rainha e senhora..., que da nossa união resultasse o bem e a paz do reino...» Sabeis mais que eu, por certo, mensageiro, mais vale não continuar tal leitura. Olhai, ide dizer a vosso amo e senhor, o Mestre de Avis, que muito me honra com a sua proposta: o bem do reino é uma coisa em que nunca deixarei de pensar e que pronto lhe enviarei uma resposta por mensageiro tão veloz e hábil como vós. Ide em boa paz e dizei ao Mestre o que tendes a dizer. Ama, escutastes? Não o mataram e ele atreve-se a pedir-me em casamento, por bem do reino. Ama, ouves-me, o assassino, o matador, a tudo se atreve. Ama!

Camareira :

Senhora minha, não choreis assim que o vosso soluçar soa fora da tenda. Senhora minha. Rainha e senhora, os panos de seda da vossa tenda não abafam mas mais fazem soar o vosso choro. Senhora e rainha, deixai que eu enxugue o vosso rosto e vos tape com este manto. Tiritais, de dor e de frio.

CENA V

Na luz suave do amanhecer, a rainha, sentada na sua tenda, mostrava-se aparentemente calma, apenas as faces vincadas pela insónia. A velha camareira fora-se aproximando em bicos de pés, como que deslizando, sem ruído, mas a rainha, ao pressentir-lhe a sombra no pavimento, ergueu para ela os olhos pisados. Sorriu ligeiramente, irònicamente :

D. Leonor : Que mau agouro me trazes ainda, ama ?

Camareira : Nenhum, senhora. Trago-vos boas novas.

D. Leonor : Mataram-no, por fim ? Creio que nem isso me interessa já. Noites e dias de tal sofrer como os que acabo de passar, vão-nos tirando o gosto por tudo, adormentam ódios, esfacelam amores.

Camareira : Não entristeçais, senhora. Vosso genro, o rei de Castela, aproxima-se com grande aparato de gentes. Porque sorris assim, de escárnio, rainha e senhora ? Porque não me respondeis ?

D. Leonor : Os reis de Castela sempre gostaram disso, deslocarem-se a toda a parte em grande pompa : um velho costume.

- Camareira :* Mas trata-se de vosso genro e vem ajudar-vos, senhora. Tirareis depois todas as desforras sentada no trono que vos pertence.
- D. Leonor :* Sois uma velha boba e quase sábia que nada de nada entendeis senão cuidar em bem servir-me, o que muito vos agradeço. Sentada no trono que me pertence ? Ó ! Trajada de sedas e ramagens ? Ou de estopa e cilícios para vir a possuir mais tarde o reino dos desventurados ? Supõe o que seja um tão insípido reino ?
- Camareira :* Credo, senhora, se ainda não morri ! Serei eu digna ao menos ?
- D. Leonor :* Sim, és digna. Dizem que o reino de Deus pertence aos pobres de espírito por direito natural e aos outros por direito de conquista; esmolas, água benta, pecados seguidos de arrependimentos e penitências, benzeduras. Conheces como eu tão velha história. Vem ainda longe o rei de Castela, meu genro ?
- Camareira :* Vejo vir um oficial. Ei-lo que se curva perante o chão que pisais.
- D. Leonor :* Que desejais ?
- Oficial :* Prestar-vos homenagem e dizer-vos que o rei de Castela, vosso genro, aguarda fora da tenda que o recebais.
- D. Leonor :* O rei de Castela, meu genro, que entre.

- Rei de Castela :* Senhora e rainha, permiti que beije a vossa mão antes de dizer-vos o que convém vos diga.
- D. Leonor :* Erguei-vos. O rei de Castela não deve ajoelhar-se e muito menos quando se faz seguir de tal aparato. E a rainha vossa mulher e minha filha, como a deixastes ?
- Rei de Castela :* A vossa filha, senhora, vem mais atrás com suas damas e comitiva : eu corri para chegar bem depressa ao vosso chamado.
- D. Leonor :* Quanto vos agradeço, senhor. Queixei-me a vós contra o Mestre de Avis e os seus que me deitaram fora de Lisboa, pois só vós podeis auxiliar-me a reaver o trono.
- Rei de Castela :* Para vos ajudar e defender aqui estou com o melhor dos meus fidalgos e cavaleiros.
- D. Leonor :* Assim, fãcilmente retomaremos Lisboa, que é principal e onde se encontra o Mestre, pois que a maioria dos lugares do reino tem ainda voz por mim. Escreverei a meu irmão o conde D. Gonçalo, que tem Coimbra, dizendo-lhe que corra a apoiar-nos com suas hostes.
- Rei de Castela :* Descansai, senhora minha, pois que em breve Lisboa dará voz por D. João, rei de Castela e Portugal. Vejo-vos empalidecer ; silenciais : acaso julgaríeis que desistia dos meus direitos à herança de Portugal ?

D. Leonor : Sempre é verdade então que em Toledo mandastes correr arautos aclamando-vos rei de Castela e Portugal ? E que a bandeira de Portugal se vos foi ao chão nas mãos dos que mandastes dar tais vozes ? Ó, sois, pois, então, já rei de Castela e Portugal ? Também ouvi que querieis vestir-me não propriamente de sedas e rendas ?...

Rei de Castela : Não esqueçais, senhora, que sou vosso genro e que o reino, de direito, pertence a vossa filha, minha esposa, D. Beatriz.

D. Leonor : E acaso não sou eu rainha e regente do reino ? Vedes-me acaso morta ? Que quereis dizer ?

Rei de Castela : Não estais morta, não, senhora, mas trazeis o reino todo alvoroçado com os vossos amores e intrigas. Venho, pois, pacificá-lo e regê-lo condignamente.

D. Leonor : Os meus amores e intrigas ? Que intrigas ? Que amores ? O reino estava bem regido antes que a cobiça se apoderasse de muitos. Vindes então, senhor, como inimigo ?

Rei de Castela : Não pensais o que dizeis, senhora. Eu, vosso inimigo ? ! Vim para ajudar-vos e ir-me. Nunca o rei de Castela poderia acorrer como inimigo ao vosso chamado.

D. Leonor : Descansais-me, senhor e meu genro. Pensei.

Pois se até o filho se vira contra a mãe, e esta é capaz de beber o sangue do filho, que fará um genro, um estranho ? Pensei mal, perdoai-me. E agora peço-vos retireis, pois quero aconselhar-me com os meus.

CENA VI

A rainha passeava de cá para lá, em passadas largas, na tenda. A velha camareira, acocorada a um canto, seguia-lhe os movimentos.

D. Leonor :

Ouviste, ama, o rei de Castela ? Não sou já rainha, não sou amante, não sou nada. Nada mais que uma mulher a envelhecer, uma mulher a estender as mãos ainda ávidas para o mundo... Um espantoso e belo mundo, afinal, sim...

Camareira :

Não posso ouvir-vos falar desse jeito, rainha e senhora. Porque não aceitais o Mestre de Avis por esposo ? Teríeis ainda filhos que vos sucederiam no reino ?

D. Leonor :

Vinde cá, amiga. Oh, as vossas faces tão enrugadas já, os vossos cabelos tão brancos. Sabeis quanto dura um reino e um reinado, conheceis bem o seu preço. Não quero descendentes que me continuem. Ide e dizei aos meus oficiais que chamem os fidalgos da minha comitiva. Que venham todos os que se têm mostrado leais à minha pessoa.

CENA VII

A camareira saíra e os oficiais e fidalgos entravam curvando-se silenciosos perante a rainha.

D. Leonor :

Mandei-vos chamar porque vos quero desobrigar da lealdade pra comigo. O rei de Castela vem para tomar o reino e não para nos fazer mercês, a mim e a vós: a mim ajudando-me a retomar Lisboa e o trono e a vós que por minha vontade serieis chamados aos mais altos cargos do reino. Em verdade, se me quizerdes ouvir bem faríeis indo-vos para o Mestre de Avis, que é mais vosso natural que o rei de Castela e por conseguinte maiores mercês vos fará. E sabei também que se eu daqui pudesse partir com honra, como vós, o faria.

Fidalgo :

Ponderai, senhora...

D. Leonor :

Ponderei — e desejo que em boa hora vos decidais a partir. E vós, porque não seguistes os outros, conde Ricardo? Vede-os cabisbaixos, mal disfarçando o atropelo dos que se apressam. É bem natural. Dei-lhes a escolha quando eles já estavam decididos nela. Porque vos quedais, então?

Conde Ricardo :

Não vos abandonarei, senhora, na hora em que mais necessitais dos vossos vassallos, daqueles a quem tendes feito mercês.

D. Leonor :

Conde Ricardo, o vosso nome soa bem nas lendas de cavalaria, em rimances cantados, muitos deles, a maioria falsos. Quem pudesse correr ao vosso lado, possuídos ambos da mesma juventude, cada qual em seu corcel montado. Vós num corcel branco de prata, o meu negro de todas as negruras, por montes e vales, debaixo da noite sombria, pelo pino do Sol, dessedentando-nos nos regatos, banhando-nos na correnteza dos rios. Ide, meu amigo, ide correr mundo, cruzar armas por vossa dama, ganhar honras e benefícios em nome de vosso rei. Levantai-vos.

Conde Ricardo :

Não tenho dama por quem lutar, nem outro rei a quem servir.

D. Leonor :

Conde Ricardo, vistes esses que se escapuliam que nem ratos há momentos. Esperei sempre que me dissessem o mesmo que vós, que ficassem do meu lado para me servirem nas armas como eu os servi cumulando-os de mercês. Ah! Poderia ainda servir-me de vós mandando-vos com um recado ao Mestre de Avis, meu mortal inimigo, ainda que, quero crer, já não chegásseis a tempo. Mas perdoai-me que não vos dispense e mergulhe ainda as mãos febris na torrente maravilhosa da vossa juventude, generoso cavaleiro sem medo nem armadura. Nun'Álvares, conheci-lo, traiu-me, recusou-me o seu amanhã de fama: escolhei, pois, entre vencedores e vencidos: Nun'Álvares terá o que busca, e

vós, pobre amigo, se ficardes comigo, tereis por mortalha apenas o esquecimento.

Conde Ricardo :

É uma honra, senhora, ganhar por vós tal mortalha.

D. Leonor :

Fito-vos com estranheza, sim. Nem vos creio mais real que um sonho. No entanto, vou escrever uma carta a meu irmão o conde de Coimbra e aí lhe explico que parto para lá e que quero que ele venha receber-me ao caminho com suas gentes que me defendam dos que não deixarão de atacar-me. Que com a sua ajuda combaterei o rei de Castela e negociarei uma aliança com o Mestre de Avis. Uma aliança de casamento, que o Mestre me propõe, sabéis? Perdoai que sorria em tão grave momento: o Mestre envenenar-me-á no banquete nupcial ou serei eu a cravar-lhe no peito um punhal. Bem, deixai-me que arranje com que escrever. Cá está. «Meu irmão...» Tomai, conde Ricardo, cerrai bem esta carta contra o vosso coração, um coração que ainda nem escolheu a dama por que batalhar. Correi, conde, em nome da vossa rainha, a Coimbra, levar o recado a meu irmão. Entregai-lhe a carta sòmente, nada conteis, não digais que me vistes mísera e só.

CENA VIII

Pensativamente, demoradamente, D. Leonor contemplava o próprio rosto num espelho, percorria com os dedos as faces envelhecidas de angústia. Depois, lentamente, sorriu à imagem reflectida, os seus olhares adquiriram nova vida, todo o rosto pareceu de súbito reflorir: ela armou os cabelos, buscou sedas e flores, ensaiou delicados passos de dança.

D. Leonor:

Ou tudo ou nada. Nada ou tudo. O esquecimento dos que me admiravam, a pele fenecida, a morte lenta. Ó, porque deixei partir Ricardo, o cavaleiro sem armadura, e não lhe pedi antes que me cravasse o seu punhal no coração? Foi melhor assim. Reaparecerão os bajuladores lisonjeiros, eu reflorirei como uma Primavera. Quero ressarcir-me no sangue do Mestre de Avis e seus amigos, traidores à rainha. Ó, vens aí, velha ama, com teus ares contristados de reprovação? Vede como estou contente, como é belo o meu trajar. E o toucado? Não gostas de me ver tão florida, tu que és a primeira a buscar mantos franjados das melhores sedas para mim?

Camareira:

Enlouqueceste, senhora?

D. Leonor:

Ó, achais, pois, que não devo bailar, sentir de novo a alegria, o prazer de respirar,

quando ainda há pouco me censuráveis a ira e melancolia ? Parece-te assim mal. Ó ! Espero boas novas que hão-de chegar pela boca de destemido cavaleiro, que se colocou ao meu serviço, o que é bem natural num cavaleiro. Sou ou não sua rainha ?

Camareira :

Sois uma rainha.

D. Leonor :

Então porque te admiras que os cavaleiros sem temor se coloquem ao meu serviço ? E que baile se me apetece, que impeça as faces de murchar, os olhos de ficarem pisados de lágrimas de desgosto, e que ria. Ó, como me dá ganas de rir só de mirar a tua cara pasmosa de quem se deu a essa paz de envelhecer. Tonta ! E isso quando o meu coração estala de alegria. De prazer. E de ódio. Ódio. Ah ! Só o ódio ou o amor nos pode salvar de uma morte lenta, essa a que tu te dás desde os quinze, talvez até desde menor idade. Ouve, manda selar o meu melhor cavalo, que quero correr por esses descampados. Não posso ficar com um prisioneiro à espera. Vai, manda selar o mais veloz corcel e não fiques aflita, pois voltarei na hora de receber o conde Ricardo, de ir até Coimbra e continuar a reinar o meu reinado. Porque não obedeces aos mandados da tua senhora ?

Camareira :

Está lá fora o conde Ricardo que pede para vos falar.

- D. Leonor :* E só agora falais ? Pois não vai Ricardo a caminho de Coimbra ter com meu irmão ?
- Camareira :* Bem parece que não. Entrai, senhor cavaleiro andante. Ei-lo que se ajoelha perante vós. Ele que vos conte, sabe melhor as voltas a dar às notícias que eu, velha e desmemoriada, já não sei dar.
- Conde Ricardo :* Senhora, venho para vos avisar. As tropas do rei de Castela não deixam sair ninguém do vosso acampamento : estais cercada.
- D. Leonor :* Eis-me então prisioneira do rei de Castela, meu genro e defensor ? Sentai-vos, conde Ricardo, descansai.
- Conde Ricardo :* Perdoai-me, senhora, que não vos obedeça, pois tenho o vosso recado que levarei a Coimbra sejam quais forem os perigos que tenha que vencer. Vim para vos dizer que fiqueis descansada, que as vossas ordens serão cumpridas e que só em caso de morte de que Deus me há-de livrar...
- D. Leonor :* Bem faríeis, conde, indo-vos com outros fidalgos para o Mestre de Avis e não vos arriscardes na empresa sem glória de servir-me : e falo-vos da alma, isso quero crer.
- Conde Ricardo :* Se tenho que perder a vida quero que seja em vosso serviço, e ainda que tal feito fique tão-sòmente na vossa memória, basta-me.

D. Leonor : Sou eu que vos beijo as mãos e não vos mostreis assim enfadado de vergonhas que já não têm cabida. Se morrêsseis por vossa dama compreenderia, mas por uma rainha destronada é absurdo, fora de meu entendimento. Quem sois vós, pois, cavaleiro sonhador ?

Conde Ricardo : Um vosso vassalo.

D. Leonor : O último e o primeiro dos meus vassalos. Não temeis a morte, conde ?

Conde Ricardo : Já vi pessoas morrerem: não sei se a temerei.

D. Leonor : Beijo-vos ainda uma vez as mãos. Explico-vos, a vós que vistes que não vistes a morte. Ela é assim como um cerco que começa a apertar-se em roda das criaturas, um círculo a diminuir, a ajustar-se-nos... Depois, o círculo é tão estreito que nos sufoca. Já lhe sinto as unhas a cravar-se-me na carne. Ó, quero sorrir para vós. Morre-se também num instante gritando por alguém, por qualquer coisa. Correi, meu amigo, iludi a vigilância dos guardas do rei de Castela, escarnecei da noite e dos seus fantasmas, cavalgai a toda a sela, ide levar a minha carta ao conde de Coimbra, meu irmão. Esperai um pouco. Queria-vos o quê ? Sim, ainda há pouco lamentava a vossa partida, depois apresso-vos ; agora desejaria reter-vos um

pouco, compreender, sim, qual a justificação que vós dais, essa razão maior que se me antolha distante e esquisita. Ah, rainha e senhora, soam para vós como palavras mágicas. Queria acreditar em tal.

Conde Ricardo : Acreditai-me, senhora e rainha...

Por instantes a luz como que despe o corpo da rainha e ela surge à transparência, branca e irreal : simultâneamente como que metá-lizada. Move-se com lentidão, aparecendo num outro canto de sombra-luz, toda vestida de preto, angustiada e sombria.

D. Leonor : Bem vedes que já não sou um ideal por que valha a pena morrer. Ó, nada mais que um corpo vil e espírito condizente, de seu natural, conde. Um corpo e alma que se recusam, se recusam a morrer. Sim, se vos apraz, conde, ide a Coimbra por um corpo e uma alma vil e voltai.

Conde Ricardo : Obedeço-vos, senhora. Estarei de volta dentro de oito, quinze dias, o mais tardar.

D. Leonor : Fostes-vos, senhor conde cavaleiro da mal-ventura. Ó, dentro de oito, quinze dia !...

CENA IX

A rainha ficara sentada, numa aparência calma, silente. Veio um oficial anunciar o rei de Castela e ela, de braços cruzados

sobre o regaço, a fitar um ponto afastado da sua tenda, não mudou de posição nem sequer voltou a cabeça.

D. Leonor : Que entre o meu genro, rei de Castela.

Rei de Castela : Senhora, queria que não levásseis a mal...

D. Leonor : Levantai o vosso joelho do chão, deixai as vossas exageradas vénias.

Rei de Castela : Não desejaria, senhora, que julgásseis que a guarda que mandei colocar à volta da vossa tenda e para defesa da vossa tão preciosa pessoa... Sim, apesar de saber que conspiráveis contra mim com vosso irmão o conde de Coimbra... Pois mesmo assim, senhora... As paredes têm ouvidos, vós bem o sabeis, senhora, e há sempre quem zele pelos interesses de uma rainha, reconheço-o, mas a um rei, a quem se reconhece poderoso, não lhe faltam também leais servidores. Sim... Embora neste caso, senhora, os meus interesses sejam os vossos... Ainda que tal crer não queirais... Deveis, senhora, saber que se mal vos faço é por vosso bem, em vosso serviço e de Deus, que...

D. Leonor : Como rei tão poderoso que sois e vos confessais, deixai-vos de tais arrazoados. Se mal não entendi, vindes então, em nome de Deus e a Seu mandado, atormentar-me, no intuito de bem fazerdes. Não devo maravilhar-me,

senhor meu genro. Mas se vindes aqui falar-me, à minha tenda, algo mais tendes a dizer e antes assim. Baste-vos o terdes-me aprisionada, não queirais ainda representar de filho caroável. Falai claro, que quereis?

Rei de Castela : Não me pareceu bem mandar-vos recado por qualquer escudeiro ou fidalgo e vim eu próprio...

D. Leonor : Que recado ?

Rei de Castela : Quis fazer-vos uma honra sendo eu próprio a anunciar-vos...

D. Leonor : Por Deus, falai sem rodeios : se quereis matar-me por vossas mãos, fazei-o, mas dispensai-vos de me dizer que vindes honrar-me, pois confesso-vos que considero a morte uma honra igualmente perfeita quando vinda do rei de Castela ou de um seu lacaio. Não aprecio a morte, mas se tem que vir seja rápida e fulgurante como o raio. Talvez um vosso lacaio tenha o pulso mais firme para não errar o golpe e degolar-me no tempo de um ai. Ó, um rei, ainda que de todas as Espanhas, para mim, não conta para nada se não vem depor um reino a meus pés. Apressai-vos, mandai o vosso melhor e mais rápido algoz.

Rei de Castela : Eu não venho roubar-vos a vida, senhora, mas tão-sòmente... Sim, tão-sòmente trans-

mitir-vos que por conveniência do nosso governo houvesmos por bem decidir que vos retireis para um convento em Toledo. Lá sereis recebida com as honras que vos são devidas. Tendes já a comitiva à porta, as carruagens prontas. Nada temais, senhora, não tendes que me olhar nesse silêncio e nessa ira.

D. Leonor :

Quem vos disse que eu acederia a ir para os vossos conventos em Toledo? Ah, esses antros de recolhimento onde apodrecem em vida mulheres, rainhas ou servas. Tendes irmãs, parentas, tendes mesmo vossa mulher, minha filha, vossas filhas, levai-as, levai-as todas, espalhai-as por conventos. Eu, D. Leonor, a mirrar-me como qualquer cadáver num convento das Espanhas?! Ó, recuais, infame? Agora mandais os vossos fidalgos-lacaios agarrar-me. Atrevei-vos, esbirros infames ou mesmo vós, mesquinho rei de Castela, atrevei-vos a tocar-me e cuspir-vos-ei na cara. Vereis como a rainha de Portugal prefere mil mortes de mil punhaladas aos vossos claustros. Mil mortes, mil infâmias, mil torturas. Ah! Não, não, não me toqueis. Mãos nojentas, afastai-vos de mim. Ama! Minha camareira, acudi-me, eles perseguem-me como se persegue um animal ferido na caça. Ama! Conde Ricardo, emprestai-me o vosso branco corcel. Ou um negro corcel que me leve por descampados e transponha ribeiras, sob a noite gelada ou a ardência

do sol dos desertos. Acudi-me, amigos. As garras dos abutres rasgam-me já os vestidos. Abutres, todos de negro. Abutres ou clérigos. Outros, mais lívidos, com tochas, assistem já ao meu enterro, empurram-me. Morte de minha irmã Maria, porque me abandonas? Punhal de todos os assassinos, porque não me rasgais o peito? Abutres. Ó servições sem fim. Uma carruagem? Não, uma cela. Já vejo as grades. Ama! Conde Ricardo! Mais um empurrão dos lacaios-abutres e acaba-se. Acaba-se. Eis-me no claustro onde se morre em juízo perfeito e no mais profundo desespero. Claustro que não aceito ainda que aprisionada dentro dele. CLAUSTRO, Ó MISÉRIA. Cuspo sobre ti, rei de Castela, nos teus fidalgos, nos teus clérigos, nas tuas pompas. Fúnebres pompas! Mira-te na água espelhada de um dia de sol e sentirás nojo de ti, ou pelo menos o nojo que o espelho das águas terá de ti. MAS NÃO SENTES NADA, REI DAS ESPANHAS. NADA. MISERÁVEL, COMO TE AMALDIÇO.

A rainha fora atirada para dentro de uma carruagem-cela, esta afastava-se aos poucos, no meio do maior silêncio, vendo-se apenas umas mãos brancas, enclavinadas, agarradas aos varões.



OBRAS DA AUTORA:

A CIDADE SEM ESPAÇO (1961, Livraria Bertrand)

O AQUARIO (1963, Livraria Bertrand)

O DOM DE ESTAR VIVO (1967, Editora Arcádia)